

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU**

Maurício Perondi

**JOVENS DA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL:
APRENDIZADOS NA EXPERIÊNCIA**

Porto Alegre
2008

Maurício Perondi

**“JOVENS DA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL:
APRENDIZADOS DA EXPERIÊNCIA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Professora Dra. Maria Stephanou

Porto Alegre

2008

Aos meus pais Ladi Antônio e Ivanir Maria e aos meus irmãos Aline e Eduardo, por seu amor e apoio a mim dedicados, com os quais tenho certeza de que sempre poderei contar.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer a inúmeras pessoas pela contribuição, sem a qual este não seria possível:

A todos os familiares que sempre me apoiaram e confiaram nas minhas potencialidades.

A todos os amigos e pessoas especiais que acompanharam a minha trajetória e são estímulos para a continuidade do meu trabalho.

À Rede La Salle, pelo apoio durante o período de produção desta dissertação. Também pelas oportunidades de formação humana, cristã e profissional que me foram oferecidas.

À Pastoral da Juventude Estudantil e às suas lideranças, pelo companheirismo e pelas oportunidades de atuação junto ao mundo estudantil nestes vários anos de parceria.

Aos amigos, colegas de trabalho e de comunidade, que sofreram com minhas ausências e preocupações durante o período do mestrado.

À professora Maria Stephanou, orientadora deste trabalho, pelo apoio, pela compreensão, pelo zelo nas orientações e correções, pela cumplicidade no debate das idéias e nos percursos investigativos desenvolvidos.

Aos colegas do grupo de orientação, pelos momentos sistemáticos e importantes de “pensar coletivamente”, pelos saberes compartilhados e pelas contribuições teóricas e metodológicas para com este trabalho.

Aos professores Nilton Bueno Fischer, Carmem Craidy e Carla Beatriz Meinerz pela disponibilidade em contribuir na Banca de Defesa da dissertação.

E, finalmente, aos jovens da PJE, que compartilharam seus aprendizados e enriqueceram a proposta deste trabalho: William, Roberta, Mateus, Misael, Michele, Simone, Gleister, Carlos, Gisele, Cristiano, Miriam, Emerson, Laís, Tábata, Maísa, Clarissa, Daniele, Bruno, Karoline, Joanna, Nicolas, Alexandre, Janine, Vinicius e Bibiana.

RESUMO

PERONDI, Maurício. **Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil**: aprendizados na experiência. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Programa de Pós Graduação em Educação, 2008. Dissertação de Mestrado. 164 p.

O estudo aborda os aprendizados vivenciados por jovens estudantes que participam da Pastoral da Juventude Estudantil – PJE – no Estado do Rio Grande do Sul. A ênfase da investigação não se deteve à condição escolar dos estudantes, mas sim a sua condição juvenil, específica de participantes de grupos de jovens da pastoral e aos aprendizados que ali acontecem, a partir das falas dos próprios jovens.

A Pastoral da Juventude Estudantil consiste numa organização de jovens estudantes que tem como base a articulação de grupos de jovens nas escolas. Integra o conjunto das Pastorais da Juventude do Brasil – PJB -, que está ligado ao Setor Juventude da Igreja Católica. Desenvolve, através desta organização, a formação de lideranças a partir de princípios como o protagonismo juvenil, a formação integral, o desenvolvimento de ações sociais transformadoras e a vivência da espiritualidade.

Para a realização da pesquisa, foram organizados três grupos de discussão, envolvendo 23 jovens que participam ou já fizeram parte da PJE. O primeiro grupo aconteceu com jovens egressos da pastoral e que possuíam no máximo 29 anos. O segundo foi realizado com jovens coordenadores da PJE. E o terceiro, com jovens iniciantes nos grupos de jovens que participam há pelo menos um ano. Os grupos de discussão foram a estratégia metodológica privilegiada para o levantamento dos dados da investigação.

O estudo apóia-se nos referenciais teóricos que tematizam as juventudes no mundo contemporâneo e a relação dos jovens com o saber. Contribuíram de modo significativo para o estudo autores como José Machado Pais, Alberto Melucci, Carles Feixa Pàmols, Bernard Charlot, Helena Abramo, Marília Pontes Sposito e Dina Krauskopf.

A investigação empreendida junto aos jovens da PJE a respeito de seus aprendizados nos grupos de jovens resultou na organização e análise de três eixos aos quais se voltam às atenções dos participantes quanto aos temas: socialização, subjetividade e saber. No primeiro são referidos aprendizados sobre temas voltados aos processos grupais e tudo aquilo que envolvem as experiências realizadas em comum. No segundo, destacam-se aqueles relacionados diretamente à pessoa do jovem nas diversas dimensões da subjetividade. Já no terceiro são referidos os aprendizados relativos a dois conjuntos, o dos saberes práticos e o dos saberes relacionais.

Os jovens ressaltam que os aprendizados não se restringem à sua participação e utilização nos grupos da PJE. Destacam que se apropriam dos mesmos de modo a mantê-los presentes em suas trajetórias, fazendo uso destes em outros coletivos em que transitam, nas suas escolhas profissionais, em suas relações interpessoais e nos projetos de vida que formulam.

Palavras-chave: Juventudes. Pastoral da Juventude Estudantil. Grupos de Jovens. Aprendizados.

ABSTRACT

PERONDI, Maurício. **Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil**: aprendizados na experiência. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Programa de Pós Graduação em Educação, 2008. Dissertação de Mestrado. 164 p.

The study broaches the learning lived by young students who participate in the Student Youth Pastoral in the State of Rio Grande do Sul. The emphasis of the investigation has not detained to the scholar condition of the students, but to their juvenile condition, particular of participants of youth groups of the pastoral and to the learning that takes place there, as of the speeches of the youngsters themselves.

The Student Youth Pastoral consists of an organization of young students that has as basis the articulation of youth groups in the schools. It integrates the entirety of the Youth Pastorals of Brazil, which is linked to the Youth Sector of the Catholic Church. It develops, through this organization, the formation of leaderships as of principles such as the juvenile protagonists, the integral formation, the development of transforming social actions and the living of the spirituality.

For the accomplishment of this research, three groups of discussion were organized, involving 23 youngsters who participate or have already been part of the Student Youth Pastoral. The first group occurred with youngsters withdrawn from the pastoral and who were at the utmost 29 years old. The second one was accomplished with young coordinators of the Student Youth Pastoral, and the third one with young beginners in the groups of youngsters who participate at least for one year. The groups of discussion were the privileged methodological strategy for the survey of the data of the investigation.

The study supports itself in the theoretical references that make a theme out of the youths in the contemporary world, and the relation of the youngsters with the knowledge. Authors like José Machado Pais, Alberto Melucci, Carles Feixa Pàmpol, Bernard Charlot, Helena Abramo, Marília Pontes Sposito and Dina Krauskopf contributed significantly for the study.

The investigation undertaken close to the young people of the Student Youth Pastoral about their learning in the groups of youth groups resulted in the organization and analysis of three axes to which the attentions of the participants turn around for the matter of the themes: socialization, subjectivity and knowledge. In the first one, learning about the themes related to the group processes is referred to, and all that involve the experiences accomplished in common. In the second, those related directly to the person of the young in the diverse dimensions of the subjectivity are pointed out. Now in the third one, the learning related to two sets, the one of the practical knowledge and the one of the relational knowledge is referred to.

The youngsters point out that the learning does not limit on their participation and utilization in the groups of the Student Youth Pastoral. They point out that they are suitable for them in the way of maintain them present in their trajectories, making use of these in other collectives in which they transit, in their professional choices, in their interpersonal relations and in the projects of life that they formulate.

Keywords: Youths. Student Youth Pastoral. Youth Groups. Learning.

LISTA DE TABELAS

1. Produção de dissertações e teses levantadas no site da CAPES, p. 21
2. Formação Integral das Pastorais da Juventude do Brasil, p. 41
3. Jovens convidados para a confecção dos portfólios, p. 68
4. Grupo de Discussão 1 – Jovens egressos da PJE, p. 80
5. Grupo de Discussão 2 – Jovens coordenadores da PJE, p. 86
6. Grupo de Discussão 3 – Jovens iniciantes da PJE, p. 90

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1 – Imagem extraída do Portfólio do Jovem Wagner, p. 16
- Ilustração 2 – Metáfora do Relógio de Areia, p. 36
- Ilustração 3 - Imagem extraída do Portfólio do Jovem Wagner, p. 46
- Ilustração 4 – Organograma da PJE no Brasil, 56
- Ilustração 5 – Imagem extraída do Portfólio do Jovem Wagner, p. 64
- Ilustração 6 – Capa do portfólio do jovem Wagner, p. 69
- Ilustração 7 – Parte interna do portfólio do jovem Wagner, p. 70
- Ilustração 8 – Portfólio da Jovem Renata, p. 71
- Ilustração 9 – Portfólio do jovem Marcos, p. 71
- Ilustração 10 – Imagem para apresentação dos participantes: Sala de aula, p. 87
- Ilustração 11 – Imagem para apresentação dos participantes: Obra de arte, p. 87
- Ilustração 12 – Imagem para apresentação dos participantes: Jovens em grupo, p. 88
- Ilustração 13 – Imagem para apresentação dos participantes: Mobilização política, p. 88
- Ilustração 14 – Imagem extraída do Portfólio do Jovem Wagner, p. 96
- Ilustração 15 – Representação da jovem Bárbara acerca de seus aprendizados no grupo de jovens, p. 103
- Ilustração 16 – Representação da jovem Juliana sobre o respeito às diferenças, p. 140

LISTA DE SIGLAS

CELAM – Conferência Episcopal Latino-Americana
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNAPJE – Comissão Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude Estudantil
CNPJE – Coordenação Nacional da Pastoral da Juventude Estudantil
CONJUVE – Conselho Nacional de Juventude
CRAPJE – Comissão Regional de Assessores da Pastoral da Juventude Estudantil
CRPJE – Coordenação Regional da Pastoral da Juventude Estudantil
ECOOPJE – Equipe de Coordenação da PJE
JAC – Juventude Agrária Católica
JEC – Juventude Estudantil Católica
JIC – Juventude Independente Católica
JOC – Juventude Operária Católica
JUC – Juventude Universitária Católica
PJB – Pastorais da Juventude do Brasil
PJE – Pastoral da Juventude Estudantil
PEF – Processo de Educação na Fé
PJs – Pastorais da Juventude
UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FUNDAMENTOS.....	17
1.1 RELEVÂNCIA SOCIAL E ACADÊMICA.....	17
1.2 HISTÓRICO DOS ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE.....	19
1.3 EM QUE CONTEXTO VIVE A JUVENTUDE HOJE.....	24
1.4 CONCEITO DE JUVENTUDE (S).....	26
1.4.1 <i>A Corrente Geracional.....</i>	<i>27</i>
1.4.2 <i>A Corrente Classista</i>	<i>29</i>
1.5 JUVENTUDE E IDADE BIOLÓGICA	31
1.6 CULTURAS JUVENIS (REDES DE SOCIABILIDADE).....	32
1.7 SABER (ES).....	37
1.8 FORMAÇÃO.....	39
1.8.1 <i>Dimensões da Formação Integral das PJ's.....</i>	<i>41</i>
2. CERCAMENTO DO TEMA.....	47
2.1 HISTÓRIA DA PJE.....	47
2.2 CARACTERIZAÇÃO DA PJE.....	49
2.3 A IMPORTÂNCIA E CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO.....	50
2.4 OS ENCONTROS DO GRUPO DE JOVENS.....	52
2.5 A ORGANIZAÇÃO DA PJE.....	55
2.6 A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS NA PJE.....	58
2.7 TIPOS DE AÇÃO, CAMPOS DE INTERVENÇÃO E MECANISMOS DE INTERVENÇÃO.....	59
2.8 A ESCOLA QUE A PJE PRETENDE AJUDAR A CONSTRUIR.....	61
3. ITINERÁRIOS E OPÇÕES.....	65
3.1 MOTIVAÇÕES PARA A PESQUISA.....	65
3.2 OS PORTFÓLIOS JUVENIS.....	67
3.3 OS GRUPOS DE DISCUSSÃO.....	72
3.3.1 <i>Elementos Teóricos e Históricos dos Grupos de Discussão.....</i>	<i>76</i>

3.3.2 Delineando os Caminhos Investigativos.....	78
3.3.3 Sobre a Análise dos Dados da Pesquisa.....	93
4. APRENDIZADOS NA PJE: O QUE DIZEM OS JOVENS.....	97
4.1 SOCIALIZAÇÃO.....	97
4.1.1 Os Aprendizados no Eixo da Socialização.....	98
4.2 SUBJETIVIDADE.....	108
4.2.1 Os Aprendizados no Eixo da Subjetividade.....	110
4.3 SABER.....	133
4.3.1 Os Saberes Práticos e os Dispositivos Relacionais.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERENCIAS.....	149
ANEXOS.....	154

INTRODUÇÃO

Esta dissertação constitui-se como o resultado de um processo investigativo que procurou compreender os aprendizados que são vivenciados por jovens estudantes que participam de grupos da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), no Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, os jovens vivem uma condição plural e multifacetada, fator este que possibilita visualizá-los através de diferentes perspectivas. Apesar de aqui abordarmos o meio estudantil, o enfoque dado à investigação não é o dos jovens na sua condição escolar. A ênfase será dada à condição juvenil específica de participantes de grupos de jovens da pastoral e aos aprendizados que aí acontecem.

Nos últimos anos, percebe-se o crescimento dos estudos sobre as juventudes e as culturas juvenis¹. Grande parte dos enfoques tem o direcionamento a partir do adulto, que fala sobre os jovens e lança hipóteses ou teorias sobre os mesmos.

Diferentemente desta perspectiva, a ênfase principal deste trabalho procura investigar a expressão dos próprios jovens na sua vivência grupal. Em termos de pesquisa isso significa que, no início da investigação, não estava determinado de antemão quais os significados que os jovens atribuem às aprendizagens para apenas confirmar ou não uma hipótese, mas ir compreendendo-os à medida que estes fossem explicitados pelos próprios jovens.

Esta idéia está afirmada em Melucci (2004) quando ele aponta que o mundo atual necessita de uma “sociologia da escuta”, onde o conhecimento venha a aproximar as pessoas, contribuindo para que não haja uma separação entre observador e observado.

Ao descrever como acontece a “entrevista compreensiva”, Zago (2003) destaca que o pesquisador inverte as fases da construção do objeto. A pesquisa de campo não é mais uma instância de verificação de uma problemática preestabelecida, mas o ponto de partida desta problematização.

¹ Ver o ponto 1.2, na pág. 19, a respeito do “Histórico dos estudos sobre juventude”, especialmente a pesquisa coordenada pela Professora Marília Pontes Sposito intitulado “O estado do conhecimento sobre juventude em Educação”.

Partindo destes pressupostos o problema da pesquisa foi formulado da seguinte forma: *“Compreender quais os aprendizados vividos por jovens estudantes a partir de sua participação em grupos de jovens da Pastoral da Juventude Estudantil e quais os sentidos que atribuem a eles”*.

A partir desta formulação, a investigação não buscou formular hipóteses e averiguar a sua confirmação através da pesquisa de campo. Outrossim, procurou através das expressões dos próprios jovens compreender quais são os aprendizados que estes julgam desenvolver a partir da participação nos grupos dos quais participam, aqui em particular os grupos de jovens da PJE. Cabe ressaltar ainda a opção pela denominação de aprendizados, ao invés de aprendizagens. O termo aprendizado denota um conjunto mais amplo de saberes que lhes são atribuídos, enquanto que, a terminologia aprendizagem pode remeter diretamente para a experiência da sala de aula, que não é o foco principal desta investigação.

Para situar a minha implicação com o tema da pesquisa, convém, como pesquisador, apontar a trajetória pessoal de participação na Pastoral da Juventude Estudantil. Como afirma Errante (2000, p. 163), *“nossa posição no mundo não somente afeta nossa interpretação do mundo, como também nosso senso de eu serve de intermediário para o nosso modo de contar e rememorar o mundo, e nosso lugar dentro dele, para os outros”*. Como estou envolvido diretamente com a organização desta proposta investigativa, é importante fazer este destaque.

Com a intencionalidade de explicitar a minha participação na PJE, resgatei um breve excerto do Memorial Descritivo que apresentei por ocasião do processo de seleção ao mestrado, na UFRGS:

Desde o ano 2000 acompanho esta organização através de assessorias e acompanhamento de grupos de jovens, sendo que nos dois últimos anos atuei na função de Assessor Regional da PJE (o regional compreende o estado do Rio Grande do Sul). No período de 2002 a 2004, integrei a Comissão Nacional de Assessores da PJE, representando o estado do Rio Grande do Sul. Nestes anos de acompanhamento tive oportunidade de participar de diversas assembleias e seminários relacionados a esta organização. Participei também de encontros sobre o tema em outros países da América Latina, a saber, Equador e México. Esta experiência como assessor tem me possibilitado muitas aprendizagens e perspectivas no processo de acompanhamento da formação de jovens. Ao ter contato com diferentes jovens, pode-se perceber algumas características comuns e que nos mobilizam para acreditar na importância de trabalhar na formação da juventude. Os jovens desejam ser protagonistas, ter seu espaço de atuação e expressar suas idéias; têm iniciativa e criatividade para buscar novas formas de resolver os problemas; são portadores de novidade e de esperança; devem ter seus espaços de atuação e de expressão, pois não são *“apenas o futuro da nação, mas também o seu presente”*. (PERONDI, 2005)

O excerto acima destaca minha participação direta na organização da PJE, a qual mantenho até o momento, apesar de não estar mais na função de assessor regional. Tal implicação motivou a necessidade de uma atenção especial no desenvolvimento da pesquisa, visto que, no processo investigativo, sempre está presente a relação de proximidade-afastamento do objeto a ser pesquisado. Para Charlot (2000, p. 15), “o pesquisador deve circunscrever o máximo possível os fenômenos, mas também manter-se à distância e sempre voltar aos fundamentos: descrever e escutar, mas também conceituar e teorizar”. Seguindo esta perspectiva de Charlot, busquei fazer o movimento de aproximação e de distanciamento, circunscrevendo o objeto de estudo. A metodologia utilizada também procurou situar o pesquisador não como aquele que controla a informação ou que direciona a investigação, mas está aberto a acolher os conteúdos e os modos próprios de expressão dos jovens.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, intitulado *Fundamentos*, são apresentados os conceitos básicos sobre as juventudes e como as mesmas se configuram no contexto atual. No texto são discutidos ainda a relevância social e acadêmica do tema, o histórico dos estudos sobre juventude, as culturas juvenis, o conceito de saber e a proposta de formação abordado nas Pastorais da Juventude do Brasil.

No segundo capítulo, denominado – *Cercamento do tema* – são tratados os aspectos fundamentais que caracterizam a PJE, que é a organização de onde provêm os participantes da pesquisa. São apontados os seguintes temas: a história da PJE, sua caracterização, como acontecem os encontros dos grupos de jovens, a organização da pastoral, os tipos de ação que são desenvolvidos pela organização, e a concepção de escola proposta pela PJE.

O terceiro capítulo – *Itinerários e opções metodológicas* – se detém em apresentar como foi organizada a pesquisa, assim como a metodologia que foi adotada na investigação junto aos jovens da PJE. De um lado, é descrita a metodologia dos “Portfólios juvenis”, que auxiliaram no delineamento do caminho investigativo. De outro, é descrita a opção pelos “Grupos de discussão” como a principal metodologia no levantamento de dados para a dissertação.

Por fim, no quarto capítulo, são analisados os dados da pesquisa, onde é realizada a discussão dos principais aprendizados apontados pelos jovens, a respeito de sua participação nos grupos da PJE.

Ainda nas considerações finais são pontuados alguns elementos tangentes, não propriamente aos aprendizados, mas sim à metodologia utilizada nos grupos de jovens, que, por sua vez, levam aos aprendizados descritos pelos participantes da pesquisa.

Com esta proposta de investigação buscou-se compreender os aprendizados realizados por jovens estudantes que participam de grupos da PJE. Foi possível perceber que os jovens destacam a participação no grupo como uma experiência que contribui significativamente para a apreensão de diversos aprendizados que são realizados no âmbito da pastoral e que os mesmos não se restringem ao espaço temporal de sua participação na PJE. Enfatizam que os aprendizados envolvem as diferentes dimensões da sua vida e que os mesmos são levados para outras esferas do seu cotidiano, que vão além do próprio grupo.

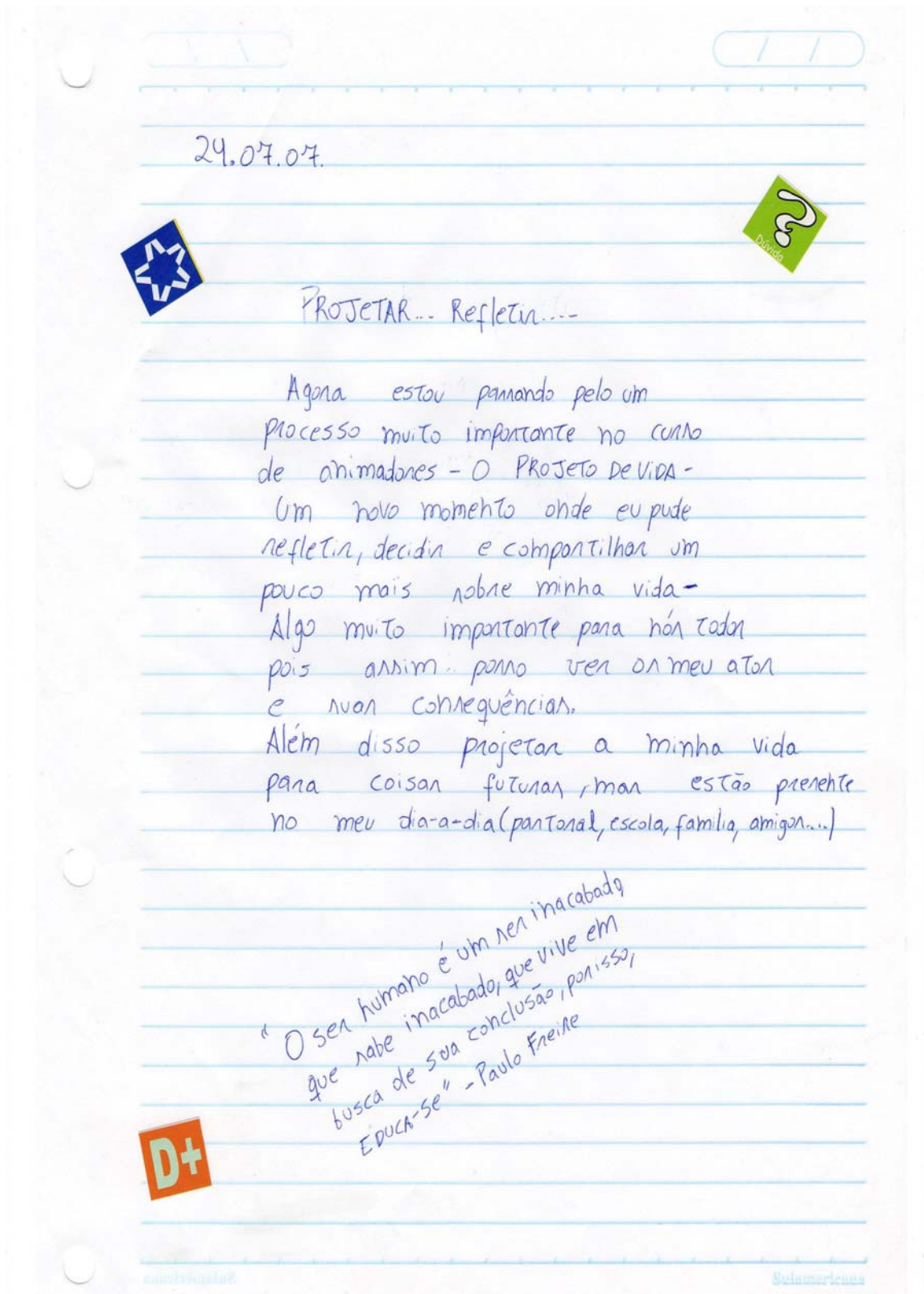


Ilustração 1 – Página extraída do Portfólio do Jovem Wagner

1. FUNDAMENTOS

1.1 Relevância social e acadêmica

Tratar a temática das juventudes² certamente é algo que empolga, mas também desafia. Talvez a sua característica oscilante e diversificada é que nos impõe a necessidade de buscarmos, nas suas diferentes formas, parâmetros de discussão para o aprofundamento do tema.

Percebendo como a juventude é vista socialmente, parece que aquilo que melhor a define é a figura do paradoxo, pois ora ela deslumbra com a sua empolgação e vibração, ora deixa a muitos temerosos com suas atitudes e anseios quanto ao futuro. O autor Carles Feixa Pàmpols utiliza a metáfora de um mito que é muito interessante para retratar a situação paradoxal das juventudes. Para ele “a juventude é um Jano³ de dois rostos: uma ameaça de presentes obscuros e uma promessa de futuros radiantes. Os jovens são anjos que nos maravilham e monstros que nos assustam (ou, para dizê-lo no feminino, princesas que nos encantam e víboras que nos devoram)” (Feixa Pàmpols, 2004, p. 257).

A metáfora apresentada pelo autor pode ser exemplificada através de inúmeros fatos e situações que diariamente nos colocam diante das questões vivenciadas pelas juventudes. Dentre os aspectos que destacam os problemas, provocados ou sofridos pelos jovens, podemos apontar o desemprego⁴, a violência⁵, drogadição⁶, gravidez precoce⁷... Poderiam ser listadas outras problemáticas, porém

² Desde o início serão empregados os conceitos juventudes, e jovens. No ponto 1.4 deste capítulo será feita uma exposição sobre a terminologia adotada atualmente.

³ O mito de Jano se associa a muitas experiências históricas, mas “desde o aspecto temporal, a imagem de Jano se interpreta, habitualmente, como símbolo do passado (o perfil de um velho) e do porvir (o perfil de um jovem). Interpretação correta, ainda que incompleta, dado que entre o passado, que já não é, e o futuro, que ainda não é, encontra-se um terceiro e verdadeiro rosto de Jano, invisível, que olha o presente, que em sua manifestação temporal não é senão um momento inexequível. Não obstante, em sua manifestação transcendente do espaço-tempo, é eterno, contém toda a realidade”. (Feixa Pàmpols, 2004, p. 257).

⁴ “Desemprego afeta mais o jovem”. Correio do Povo, 06 de março de 2007.

⁵ “Década de morte para a juventude”. Correio do Povo, 17 de novembro de 2006.

⁶ CARLINI-MARLATT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In ABRAMO, Helena Wendel, BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira:*

uma delas está em pauta de modo muito incisivo, e já não podemos deixar de abordá-la. Trata-se da redução da maioria penal⁸. Talvez este tema seja o que mais reflete a desconfiança da sociedade adulta para com as juventudes. Apesar do projeto de lei que tramita no Senado Brasileiro, pesquisas apontam que os crimes cometidos por jovens até 18 anos não chegam ao percentual de 10%⁹. Situações como estas revelam uma percepção negativa acerca da juventude, que tende a ser responsabilizada por questões sociais que dizem respeito a todos os cidadãos, entretanto os jovens são vistos como emblemas dos problemas sociais.

Por outro lado, a juventude hodierna é colocada como ideal a ser seguido, como modelo de estilo e de comportamento. Para Portinari e Coutinho, a figura do jovem

É uma figura do imaginário, caracterizada por uma “abertura”, uma permeabilidade e uma suposta permissividade no que concerne às fronteiras estabelecidas entre diferentes papéis, práticas e lugares no tecido social. Trata-se ainda de uma figura idealizada pela cultura, que deposita ali também os seus próprios ideais de transitoriedade, mobilidade e uma sonhada autonomia face a tudo aquilo que fixa ou submete o indivíduo às constrictões da lei. E, em termos de imagem corporal, não resta dúvida de que a figura idealizada do jovem, do corpo jovem, é a aspiração que vem como que cimentar, avaliar essa posição. (2006, p. 63)

A juventude é a idade da moda. Tal ênfase demonstra o deslumbramento da cultura contemporânea com o ideal do “ser jovem” no momento atual. Nestes aspectos as juventudes são imitadas, idealizadas, invejadas, esquecendo-se dos seus aspectos tidos como “problemáticos”.

É lógico que os elementos acima referidos não esgotam os temas alusivos aos jovens na atualidade. Porém, são importantes, pois apontam para o fato de que

análise de uma pesquisa nacional. Instituto da Cidadania e a Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 303-321. Neste artigo, a autora apresenta uma discussão a respeito da juventude e as drogas, enfatizando questões como drogas lícitas e drogas ilícitas, drogas e a saúde, além de apresentar o perfil da juventude brasileira quanto à questão dos dados sobre as drogas.

⁷ “A questão da gravidez na adolescência tem sido apontada de modo recorrente, como um ‘problema social’ que integra o cenário da juventude contemporânea, em diferentes classes sociais”.

BRANDÃO, Elaine Reis. *Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Juvens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2006, p. 79-91.

⁸ “A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado aprovou, no dia 26 de abril de 2007, a polêmica proposta de emenda à constituição (PEC) que reduz a maioria penal de 18 para 16 anos para adolescentes condenados por crime hediondo. O projeto segue agora para o plenário do Senado. Somente no caso de ser aprovada pelos senadores é que a proposta segue para a Câmara”. Disponível em <http://congressoemfoco.ig.com.br/Noticia.aspx?id=16377>. Acesso em 27/05/07.

⁹ Disponível em http://www.casadajuventude.org.br/images/stories/motivos_final.jpg. Acesso em 27/05/07.

a temática juventudes está colocada como uma forte pauta das atenções contemporâneas.

Em vista disso, torna-se necessário aprofundar alguns estudos já produzidos sobre as juventudes.

1.2 Histórico dos estudos sobre juventude

Segundo as autoras Almeida e Tracy (2003, p. 21), os estudos acadêmicos sobre as culturas jovens se estabeleceram durante as décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos e na Inglaterra. De início, estes estudos estavam vinculados principalmente às temáticas das classes trabalhadoras e da delinquência, principalmente a masculina. Na década de 70 os estudos feministas criticaram a excessiva preocupação com a juventude delinqüente, espetacular e masculina, alegando que estas desviavam a atenção do contexto familiar e doméstico.

A partir da década de 80, novas investigações revelaram as interações das culturas jovens com a economia e as instituições transculturais, como a moda, a mídia e a música, onde se desenvolve um complexo processo através do qual os estilos de vida juvenis são comercialmente apropriados.

Segundo as mesmas autoras, no Brasil, estudos antropológicos sobre a juventude nos anos 50 e 60 são raros. Alguns indícios aparecem através das pesquisas desenvolvidas por Gilberto Velho a partir da década de 70¹⁰.

Marília Pontes Sposito, que desenvolveu amplo estudo sobre as pesquisas com juventude¹¹, afirma que nos anos 60 a juventude era vista como um problema, pois era apontada como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações, principalmente no campo dos comportamentos éticos e culturais. A partir da década de 70, questões como o emprego e a entrada na vida ativa tornaram-se

¹⁰ Outras reflexões, partir da década de 70, podem ser encontradas em Fiúza, Rezende, Vianna e Dias Duarte. (Almeida e Tracy, 2003, p. 22)

¹¹ Marília Sposito coordenou uma ampla pesquisa, concluída no ano de 2000 sob o título "O Estado do Conhecimento sobre Juventude em Educação". A mesma teve o apoio do INEP e foi constituída pelos seguintes pesquisadores: Ana Paula Corti, Juarez Dayrell, Maria Cecília Cortez de Souza, Maria Carla Corrochano, Marilena Nakano e Paulo César Rodrigues Carrano. (2002, p. 07)

pautas principais nos estudos sobre juventude, quase transformando-a em categoria econômica.

A pesquisa coordenada por Sposito leva em conta a produção acadêmica em educação no período de 1980 a 1998, compreendendo 1.167 teses e 7.500 dissertações e perfazendo um total de 8.667 trabalhos. Sem dúvida este é um dos maiores levantamentos na área, se não o maior. Desse conjunto, foram identificadas 332 dissertações e 55 teses sobre juventude, o que representa 4,4% da produção total em educação.

As conclusões da pesquisa, entre outros aspectos, apontam que

Apesar do volume significativo de teses e dissertações, pode-se afirmar que ainda há um desconhecimento sobre a condição juvenil na sociedade brasileira, marcada por recortes intensos nas desigualdades sociais, culturais e étnicas que oferecem para pesquisa a realidade plural da juventude. (Sposito, 2002, p. 22)

As relações dos jovens com a escolaridade tiveram uma grande ênfase nas produções. Essas aparecem em três âmbitos: juventude e escola, mundo do trabalho e escola e, por fim, estudantes universitários. Somente os trabalhos destas temáticas significaram 47,6%. Em vista disso, a reflexão sobre o jovem ficou restrita à sua condição de aluno e não explorou o seu “ser jovem” a partir das diversas relações que o constitui. Ficaram pouco evidentes estudos a respeito de questões consideradas emergentes, como é o caso dos jovens em sua relação com a mídia, os grupos juvenis e a violência.

Chama a atenção que a temática denominada por Sposito de “grupos juvenis” teve, no período, apenas nove dissertações e nenhuma tese. Tal fato ressalta ainda mais a importância da investigação sobre grupos de jovens, dada a pouca atenção dedicada até o momento.

Outro aspecto salientado é quanto à dispersão e variação temática dos estudos. Percebe-se a fragmentação dos temas numa multiplicidade de subtemas ou assuntos; a pulverização dos campos temáticos e a descontinuidade no trato dos assuntos.

Apesar da relevância indiscutível da pesquisa de Sposito (Ibid), a mesma corresponde a um período até 1998 e já se passaram nove anos desde então. Em vista disso, procedeu-se a um levantamento sobre a produção posterior, que compreende o período de 1999 a 2006. Para tal, foi consultado o Banco de Teses e

Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, através dos descritores *juventude* e *juventudes*. Na seqüência, a tabela 01 apresenta os resultados obtidos nesta consulta.

CAPES - PRODUÇÃO DISCENTE PÓS-GRADUAÇÃO – Período: 1999 a 2006		
CATEGORIA	Número de Produções	
	Mestrado	Doutorado
JUVENTUDE (S)		
Movimento Estudantil	5	1
Jovem em conflito com a lei, Violência juvenil, delinquência, medidas sócio educativas	29	5
Movimentos Juvenis, Participação política, social, ONGs, protagonismo	21	5
Grupos Juvenis, culturas juvenis	7	3
Juventude e pobreza, classe popular, exclusão, inclusão	18	10
AIDS, DST	4	3
Escola: práticas educativas, jovens e adultos, educação confessional, sucesso escolar, educação especial	26	7
Meio rural, MST	20	6
Espaço urbano, consumo	11	2
História de vida, Subjetividade, Identidade	24	12
História, anos 60	5	0
Sexualidade, gênero, gravidez na adolescência, adoção, aborto	12	10
Drogas	7	1
Mídia: televisão, revista, música	7	3
Políticas Públicas	7	0
Juventude e religião	12	1
Etnia, Juventude Afro, indígena	3	1
Jornalismo/comunicação	6	1
Adolescência, ECA, direitos,	7	2
Pastorais da Juventude	9	1
Trabalho, desemprego, formação profissional	21	11
Universitários	7	1
Lazer, Lazer noturno, noite	7	2
Tribos juvenis: skatistas, surfistas, punks, grafiteiros, góticos,	7	1
Internet, blogs, Games, Chats, eletrônicos	6	1
TOTAL	288	90

TABELA 01: Produção de dissertações e teses levantadas no site da CAPES¹²

¹² <http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>. Acessado em 07 de junho de 2007.

Tal levantamento possibilita uma ampla visão do que vem sendo pesquisado na área da juventude nos últimos tempos. É interessante perceber que, enquanto a pesquisa coordenada por Sposito, num período de 18 anos, identificou 387 produções, no levantamento realizado para o período 1999 a 2006, portanto, de 08 anos, foram encontradas 378 produções. Isso significa que, em menos da metade do tempo, foram produzidos quase o mesmo número de trabalhos do que anteriormente. Há que se considerar, porém, que o número de produções, no geral, cresceu significativamente nos últimos anos. Mesmo assim, não deixa de ser um número expressivo na área dos estudos sobre juventudes.

Podemos perceber que algumas preocupações de outrora continuam relevantes. Dentre estas, os temas que relacionam juventudes com o meio escolar e as práticas pedagógicas; a pobreza e exclusão social; a participação política e o protagonismo.

Há uma série de temas que tem sua emergência neste período mais recente, tais como: a questão do desemprego e do trabalho; o surgimento das tribos juvenis (skatistas, punks, grafiteiros, surfistas...); a explosão da música; o lançamento de políticas públicas para a juventude; as relações com as tecnologias virtuais (internet, blogs, chats, games). Se observarmos bem, estes temas estão ligados aos novos fenômenos da cultura, dos espaços ocupados pelos jovens e à visibilidade da juventude como categoria social, como é o caso das políticas públicas.

Alguns temas chamam a atenção, pontualmente, pelo baixo número de trabalhos encontrados. Jovens e meio universitário é um deles, com apenas sete produções. No período de 1980-1998 este havia sido um dos temas mais recorrentes. Outro tema é jovens e drogas. Na pesquisa anterior, este tema era inexpressivo, porém, dada a problemática que vimos enfrentando socialmente, poderia levar à suposição de que haveria um número maior de trabalhos, o que não se confirma. Outro tema pouco expressivo é a relação jovens e movimento estudantil, muito embora haja um bom número de produções relativas à participação social e protagonismo juvenil.

Em relação aos temas que tiveram um incremento, surpreendeu o número significativo de trabalhos que abordam a juventude rural e os jovens de assentamentos do MST, com um total de vinte e seis produções. Outro tema com número expressivo de trabalhos relaciona subjetividade/identidade/história de vida de jovens, perfazendo trinta e seis produções, e que requer uma reflexão mais

aprofundada. No sugestivo título “O jogo do eu”, assim como em toda a obra, Alberto Melucci (2004) sugere uma compreensão deste fenômeno. Segundo ele, estamos vivendo um período de grande mobilidade, em que uma de nossas principais tarefas é nos darmos conta de nossa própria subjetividade e da construção da nossa identidade. Na sua visão

Faltam os pontos de referência que permitiam aos indivíduos e aos grupos, no passado, construir a continuidade de suas experiências. Cada vez mais remota torna-se a possibilidade de responder com segurança à pergunta “quem sou eu?” (...) O eu não está mais solidamente fixado em uma identificação estável: joga, oscila se multiplica. Diante disso, o eu pode sentir medo e perder-se. Ou, então, aprender a jogar. (2004, p. 15)

Pode-se sugerir, em alguma medida, que tal aspecto justifica a crescente atenção à individualidade e à construção subjetiva do eu, de forma ainda mais incisiva para os jovens, que estão num período especial de afirmação identitária, por mais que saibamos que esta construção acompanha toda a vida.

Na pesquisa junto ao Banco de Teses foi utilizado um tópico específico para o tema “Pastorais da Juventude”, visto que aí encontra-se o foco de interesse da investigação. Para o mesmo, foram identificados dez trabalhos – uma tese e nove dissertações. Desses, apenas a tese de Lúcio G. Hammes¹³ aborda a Pastoral da Juventude Estudantil e, ainda assim, não com exclusividade, visto que dedica-se ao estudo de três tipos diferentes de grupos juvenis.

Em outra busca com o descritor “PJE”, independente de delimitação temporal, foi identificada uma dissertação, defendida em 1998 e intitulada “Grupos de Jovens na Escola: um estudo da Pastoral da Juventude Estudantil”¹⁴. A idéia central deste trabalho é a análise de como acontece a participação dos membros da PJE nos âmbitos da escola, da igreja e da sociedade.

Enfim, é possível afirmar que os estudos sobre Pastoral da Juventude ainda são pouco freqüentes, de modo que este estudo aponta para uma contribuição efetiva na investigação dos grupos de jovens da PJE, mostrando assim a sua relevância acadêmica e social.

¹³ Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis, 2005, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

¹⁴ Édio João Mariani, Universidade Estadual Paulista.

1.3 Em que contexto vive a juventude hoje

Antes mesmo de aprofundar as questões próprias da juventude é importante destacar alguns elementos que são imprescindíveis na caracterização do contexto histórico e social atual. Os jovens como tais produzem realidades e têm um potencial enorme para apontar novos rumos e perspectivas. Contudo, não há como negar que eles também são “produzidos”, subjetivados pelas relações sociais que experimentam e pelas práticas que empreendem. Por isso, não é possível deixar de abordar alguns temas fundamentais, como a cultura, o espaço, o tempo, a virtualidade, o trabalho, o estudo, o projeto de vida, a família, os amigos, a música, a sexualidade, a subjetividade.

O momento histórico que estamos vivendo é, possivelmente, mais exigente que outros períodos para que façamos a leitura do que está acontecendo, visto que as mudanças são tantas e tão variadas que muitas vezes temos a sensação de total incerteza quanto ao que é real e qual será a sucessão dos acontecimentos.

Segundo Melucci,

Habitamos um planeta que se transformou em uma sociedade global. O ritmo acelerado da mudança, a multiplicidade de papéis que desempenhamos, o excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossa experiência cognitiva e afetiva, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade. (...) A busca de uma morada para o eu transforma-se numa vivência obrigatória, e o indivíduo deve construir e reconstruir a própria casa diante das prementes mutações dos eventos e das relações. (...) Um mundo que vive a complexidade e a diferença não pode fugir da incerteza e exige que os indivíduos saibam moldar-se às necessidades sem alterar a própria essência. (2004, p. 15)

O primeiro desafio é dar-se conta do mundo global e de todas as vicissitudes a que o mesmo nos impele. Torna-se primordial o processo de individuação, afim de que cada pessoa possa construir a sua identidade e, assim, situar-se diante do torrencial de possibilidades a que estamos sujeitos todos os dias e instantes.

Para Melucci, sem a abertura de si mesmo para o outro, sem o envolvimento com os desafios de uma sociedade planetária, grávida de potencialidades e de riscos, o percurso interior corre o risco de tornar-se fuga ilusória ou prisão. Não é para menos os altos índices de consumo de drogas e de alucinógenos que levam o

sujeito a transpor a sua realidade para ter momentos de êxtase e de sentir-se seguro consigo mesmo¹⁵.

Situar o momento que estamos vivendo não é uma tarefa fácil. Fischer e Sposito (2001), inspirados por Melucci, apontam que “diante das dificuldades de compreensão dos fenômenos que caracterizam a sociedade atual, recorreremos apenas a definições alusivas, designando-a como complexa, globalizada, planetária, pós-industrial, de modernidade lenta ou pós-moderna”. Destacam, ainda, que este esforço em nomear o momento vivido tem o intuito de perceber os processos de mutação social inconclusos, dos quais nos falta um distanciamento histórico que permita explicá-los em sua totalidade. Mesmo com esta dificuldade de definição, Melucci aponta para três traços básicos que caracterizam a sociedade contemporânea:

Diferenciação: traduzida pela multiplicação dos âmbitos da vida e forma de estruturas específicas para responder a tarefas que anteriormente eram desenvolvidas por estruturas mais simples e homogêneas; **variabilidade:** percebida pelo conjunto de alterações na dimensão temporal em função da intensidade e do ritmo contínuo da mudança; **excedente cultural:** que exprime o fato de que as possibilidades simbolicamente disponíveis à ação dos indivíduos são muito mais amplas do que sua própria capacidade de ação. (MELUCCI apud FISCHER e SPÓSITO, 2001, p. 15)

Estes traços não deixam de ter grande influência sobre a vida dos jovens de hoje e suas vivências cotidianas. Elas irão, inclusive, estabelecer novos parâmetros para se pensar o conceito de juventude, visto que a diferenciação, a variabilidade e o excedente cultural têm reflexos distintos na vida de jovens que, embora tenham a mesma faixa de idade, vivenciam realidades e situações diferentes. Tais aspectos serão aprofundados na parte específica que trata sobre as culturas juvenis.

¹⁵ Além das drogas já conhecidas – cocaína, maconha, ecstasy, crack, etc – uma nova onda começa a ganhar espaço, é o caso das “drogas virtuais”. As mesmas são utilizadas no ambiente virtual Red Light, que é um dos concorrentes do, já famoso Second Life. A droga virtual abre caminhos para o cérebro desejar o que já existe de verdade através de um programa que simula os efeitos da maconha, cocaína e ópio. Para isso, basta ter um fone de ouvido conectado ao computador. Revista Isto É, nº 1965, p. 54.

1.4 Conceito de Juventude (s)

Investigando os diversos autores que abordam a temática da juventude identificamos certo consenso de que o conceito não é de fácil definição. Segundo Spósito

Produzir um Estado do Conhecimento sobre o tema da Juventude na área da Educação constitui, de certa forma, um desafio (...). A primeira questão que se apresenta é a da própria definição da categoria juventude, considerada “epistemologicamente imprecisa”. (...) os pesquisadores interessados em estudar e realizar balanços sobre o tema da juventude estariam diante de uma situação paradoxal de difícil resolução. De um lado, qualquer investigação em torno da produção de conhecimento exigiria, como pressuposto, a eleição de uma definição, ainda que provisória, do objeto de estudo de modo a orientar os critérios de seleção. De outra parte, como afirma Mauger, para formular essa categorização inicial as dificuldades não são desprezíveis, pois seria quase impossível recorrer a um uso da categoria juventude que se imporia de modo igual a todos os pesquisadores. (2002, p. 07)

Além da dificuldade de definição do conceito, há também uma atualização do próprio termo, que ao invés de ser utilizado no singular, passou a ser empregado no plural, designando então “juventudes”. A terminologia no plural reage ao fato de que, nas representações correntes sobre juventude, os jovens são designados como integrantes de uma cultura juvenil homogênea. Contudo, já “não é possível englobar numa mesma geração, e, por conseguinte num mesmo grupo, indivíduos que, apesar de coetâneos e portadores do sentimento comum de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes” (SEDAS NUNES *apud* PAIS, 2003, p. 29). Isso implica em perceber a diversidade dos modos como os jovens experimentam a condição juvenil de um mesmo tempo/espaço/cultura.

Apesar da dificuldade de definição, algumas concepções estão ultrapassadas. Uma das idéias correntes sobre a juventude é de que a mesma constituiria um estágio temporário no movimento em direção à normalidade, a ser superado, na totalidade, na completude da fase adulta (Green e Bigum, 1995, p. 212). Tal definição já não se sustenta mais, pois, como afirma Melucci (2004), o modo de ver a juventude como mera transição decorre de uma compreensão da ordem social

adulta como estática e rígida em oposição a uma pretensa “instabilidade juvenil”, sendo que aquilo que denominamos de condições contemporâneas da vida se inscrevem na insegurança, na turbulência e na transitoriedade de toda a população e não apenas entre a juventude.

Outro aspecto superado é conceber os jovens apenas através do viés da escolarização, pois existem inúmeros outros intervenientes a eles relacionados. Conforme Green e Bigum (1995, p. 212) a construção social e discursiva da juventude envolve um complexo de forças que inclui a experiência da escolarização, mas que, de forma alguma, está limitada a ela. Entre outros elementos que podem ser destacados estão os meios de comunicação de massa, a música, a cultura da droga, assim como toda a diversidade cultural. Sobre tal aspecto, a pesquisa realizada junto ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES evidencia as inúmeras áreas em que estão se expandindo as pesquisas sobre as juventudes.

Diante desses primeiros esclarecimentos sobre as abordagens do conceito de juventude, define-se a perspectiva conceitual adotada. Dentre várias abordagens, podemos destacar a do sociólogo português José Machado Pais, que desenvolveu uma ampla pesquisa sobre culturas juvenis (2003). Para ele, não há um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. Há diferentes juventudes e às diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, necessariamente, diferentes teorias. Em sua concepção, é possível agrupar essas teorias em duas correntes principais: a corrente geracional e a corrente classista.

1.4.1 A corrente geracional

Esta corrente toma como ponto de partida a noção de juventude, entendida no sentido de *fase de vida*, e enfatiza, por conseguinte, o aspecto unitário da juventude. A questão essencial a discutir diz respeito à continuidade e à descontinuidade dos valores intergeracionais. O quadro teórico dominante da corrente geracional baseia-se nas teorias da socialização desenvolvidas pelo “funcionalismo” e na “teoria das gerações”:

> no quadro das *teorias funcionalistas da socialização*, os conflitos ou descontinuidades intergeracionais são vistos, na maior parte dos casos, como *disfunções* nos processos de socialização que respeitam à juventude tomada no sentido de fase da vida;

> a *teoria das gerações* toma uma posição de que se não existissem descontinuidades intergeracionais não existiria uma teoria das gerações.

De acordo com Sedas Nunes, “cada geração social só pode ficar determinada mediante uma auto-referência a outras gerações (das quais se vê distinta)” (*apud* Pais, 2003, p. 48). Isso significa que a corrente geracional admite a existência de uma *cultura juvenil* que, de certa maneira, se oporia à cultura de outras gerações.

Pais (2003) destaca que alguns autores (Bengtson, Furlong, Laufer) falam em *socialização contínua* quando, sem grandes fricções, os jovens são socializados segundo normas e valores predominantes entre as gerações mais velhas. As gerações estariam como que imbricadas. Nos anos 50, as teorias da *socialização contínua* foram dominantes, principalmente pelo monopólio do discurso sobre os jovens assegurado por médicos e psicólogos. Neste período ganham força os conceitos de *identidade* ou *autonomia juvenil*.

Posteriormente, na década de 60, com o funcionalismo, explora-se o tema da juventude como “fonte de problemas”, mas o predomínio ainda continuou sendo a idéia de *socialização contínua*. Falava-se de *rupturas, conflitos ou crises intergeracionais* quando as descontinuidades entre as gerações se traduziam numa clara tensão ou confrontação (*Ibid*, p. 50).

Para a *corrente geracional*, as experiências de determinados indivíduos da mesma geração são comuns, pois vivem, por este fato, circunstâncias semelhantes e têm de enfrentar problemas similares. Esta problemática tem sido polarizada em torno de duas posições: uma, tendente a sublinhar os aspectos de continuidade e reprodução da cultura adulta na cultura juvenil; a outra, mais propensa a destacar aqueles aspectos que implicariam descontinuidades entre as várias gerações.

No quadro desta corrente teórica, o tipo de relacionamento entre jovens e adultos pode, por conseguinte, ser de dois tipos:

> *aproblemático*: relação não conflituosa. A cultura juvenil é vista como integrada no tecido social compartilhado pela cultura adulta, isto é, as pautas culturais dos jovens e dos adultos seriam compatíveis e, inclusive, complementares (Pais, p. 52);

> *problemático*: contexto em que jovens e adultos se vêem como diferentes, sob “tetos” culturais diferentes. Neste caso, as pautas culturais são incompatíveis, divergentes ou só relativamente articuláveis. Por isso, muitos adultos se interrogam, às vezes, com grave preocupação e muitas outras com incompreensão e certo temor revestido de irritação, acerca da cultura juvenil, podendo esta se apresentar como *contracultura* (Ibid, p. 53).

Para os defensores da *socialização contínua*, a participação das novas gerações na vida social teria duas principais características: a *socialização* dos jovens, por um lado, e a *juvenilização* da sociedade, por outro. Esta dupla dimensão demonstra como as gerações estão imbricadas e que não é possível haver um isolamento geracional.

Mesmo com a onda dos movimentos juvenis constestatórios dos anos 60, a corrente geracional ainda coloca em dúvida se isso seria uma característica da juventude como um todo, constituindo uma força rebelde francamente à margem das instâncias tradicionais de socialização. Tal corrente acredita que não.

Pais (Ibid, p. 54) destaca que várias críticas podem ser feitas à corrente geracional, a mais contundente seria sobre sua forte tendência em olhar a juventude como uma entidade homogênea. E como vimos anteriormente, não é possível homogeneizá-la.

1.4.2 A corrente classista

Assim como a *corrente geracional*, a *corrente classista* também se preocupa com a problemática da *reprodução social*, embora, obviamente, seja pensada em moldes diferentes. Para a *corrente classista*, a reprodução social é fundamentalmente vista em termos de reprodução de gênero, de raça, enfim de *classes sociais*.

De acordo com esta corrente, a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais: quer a nível da divisão sexual do trabalho, quer, principalmente, a nível da condição social (Ibid p. 56). Contudo, os dados do Inquérito à Juventude, realizado pelo Instituto de Ciências

Sociais (ICS), de Portugal, em 1987, leva a desconfiar da linearidade de certos determinismos, quanto mais não fosse até pela natureza das transformações socioeconômicas que parecem afetar a estrutura de classes, na sua composição e evolução (Ibid, p. 58).

Este questionamento é feito tendo em vista que, dada a atual conjuntura de desemprego crescente e precariedade de emprego entre os jovens, além das transformações socioeconômicas que se têm vindo a registrar, a reprodução social não parece efetuar-se de forma rigidamente linear (Ibid, p. 59).

Para a *corrente classista* as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto é, são sempre entendidas como produto de relações antagônicas de classe. Daí que as culturas juvenis sejam apresentadas como “culturas de resistência”, isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classes (Ibid, p. 61).

Esta visão de resistência foi sempre mais visível nos rapazes (de origem operária), o que levou esta corrente a concentrar o foco na perspectiva masculina. Posteriormente, as feministas da Grã-Bretanha buscaram enfocar a perspectiva feminina, mas caíram no mesmo erro, visto que deixaram de lado os rapazes (Ibid, p. 62).

Os processos sociais que afetam os jovens não podem ser unicamente compreendidos como simples ou exclusivamente resultantes de determinações sociais e posicionamentos de classe. Outras variáveis devem ser levadas em conta: interações locais, mobilidade social, trajetórias individuais (Ibid, p. 64).

Assim, como é possível perceber, as duas correntes apresentadas por Pais não esgotam as possibilidades de estudo das juventudes, dadas as restrições apresentadas pelo próprio autor. Cabe, aqui, investigar outros elementos que complementam e complexificam o estudo das juventudes contemporâneas.

1.5 Juventude e idade biológica

Um dos aspectos centrais que geralmente se coloca no debate sobre juventude diz respeito à idade. Questões como “quando começa a juventude? Até que idade vai? Por que em outros lugares o período da juventude é maior?”, são recorrentes nesta discussão. Segundo Regina Novaes

Os limites de idade não são fixos. Para os que não tem direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo – com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho -, uma parte “deles” acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” até a casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais. (2006, p. 105)

Mesmo com esta dificuldade de precisar a idade correspondente à juventude é importante tomar conhecimento das caracterizações que estão sendo adotadas em diversos âmbitos. Dentre estas, encontra-se a concepção adotada pela UNESCO, que define a juventude como aquelas pessoas que têm entre 15 e 25 anos¹⁶.

No Brasil, outro enfoque tem sido abordado pelo CONJUVE (Conselho Nacional de Juventude) através do Estatuto da Juventude, que está tramitando no Congresso Nacional, apontando a faixa etária da juventude como sendo dos 14 aos 29 anos.

Uma definição mais ampla sobre a juventude, superando a delimitação etária e visando situá-la, foi desenvolvida pelo Projeto Juventude¹⁷, apontando que

¹⁶ A UNESCO entende que os jovens formam um grupo heterogêneo em constante fluxo e evolução, sendo que alguns deles correm mais riscos e são mais vulneráveis que outros. O Setor para a Juventude na UNESCO trabalha especificamente para a faixa etária estabelecida pelas Nações Unidas, a qual define a juventude como pessoas com idades entre 15 e 25 anos. Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/dsocial/areastematicas/juventude/index_html/mostra_documento

¹⁷ O Projeto Juventude foi desenvolvido pelo Instituto da Cidadania, entre 2003 e 2004, com o objetivo de projetar o tema juventude na agenda política do país. O projeto procurou situar a questão em um patamar superior de discussão, explorando os distintos cenários e refletindo sobre as alternativas propostas. Entre as ações do projeto está a pesquisa intitulada “Perfil da juventude brasileira”, que constituiu num amplo levantamento quantitativo de dados sobre os jovens de 15 a 24 anos do país. Os dados e análises da pesquisa foram divulgados em duas obras: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro P. M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005 e NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. Também é possível encontrar mais informações através do site: www.projetojuventude.org.br.

(...) trata-se de uma fase marcada centralmente por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida. Essa fase do ciclo da vida não pode mais ser considerada, como em outros tempos, uma breve passagem da infância para a maturidade, de isolamento e suspensão da vida social, com a tarefa quase exclusiva de preparação para a vida adulta. Esse período se alongou e se transformou, ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas. (ABRAMO, 2005, p. 31)

Tal definição apresenta de modo amplo e aberto o conceito de juventude, tal como destacou-se anteriormente. Como formulado acima, o conceito é dinâmico, histórico e cultural. Deste modo, há que se ter em mente que o mesmo está em contínuo processo de reconstrução.

Mais adiante, o Projeto Juventude (Ibid) refere que “a condição juvenil se desenvolve em múltiplas dimensões”, o que remete à diferenciação dos termos *condição juvenil* e *situação juvenil* (Abramo, 2005, p. 40-42). Segundo a autora, a noção de condição juvenil diz respeito a uma etapa específica do ciclo da vida, de ligação entre a infância, tempo da primeira fase do desenvolvimento corporal e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, que é caracterizada pela capacidade de exercer as dimensões de produção (sustento), reprodução (filhos) e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade). Por sua vez, o termo situação juvenil expressa o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais, de classe, gênero, etnia, etc. Em outras palavras poderíamos dizer que todos os jovens “passam” pela condição juvenil, porém, nem todos a vivenciam da mesma maneira, pois cada qual vive uma situação juvenil diferenciada.

1.6 Culturas juvenis (redes de sociabilidade)

Os jovens vivem de maneira diferenciada este período específico de suas vidas. Apesar disso, estes não vivem a sua juventude de forma isolada, mas sim

através de aproximações com outros jovens que buscam respostas semelhantes às suas, ocasionando, deste modo, o surgimento das culturas juvenis. Para Feixa (2006), estas culturas podem ser compreendidas num sentido amplo e num sentido restrito:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. En un sentido más restringido, definen la aparición de “microsociedades juveniles”, con grados significativos de autonomía respecto de las “instituciones adultas”, que se dotan de espacios y tiempos específicos, y que se configuran históricamente en los países occidentales tras la segunda guerra mundial, coincidiendo con grandes procesos de cambio social en el terreno económico, educativo, laboral e ideológico. (p. 105)

O autor aponta ainda que utiliza o termo “culturas” em opção à subculturas afim de evitar compreensões indevidas que são atribuídas ao segundo termo. Igualmente, fala de culturas juvenis no plural para destacar a heterogeneidade interna das mesmas, diferentemente do que é difundido na literatura, que privilegia a expressão cultura juvenil no singular. Esta mudança terminológica implica também numa mudança no modo de focar o problema, que transfere a ênfase da marginalização para a identidade, das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana, da delinqüência para o tempo livre, das imagens para os atores (Ibid. p. 106).

Conforme Pais “por cultura juvenil pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuído à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (2003, p. 69). Apesar de utilizar o termo “cultura juvenil” no singular, ao longo de sua produção é possível perceber que Pais trabalha com um conceito plural das “culturas juvenis”. Contudo, Feixa parece ser mais explícito ao justificar a terminologia adotada.

Segundo Feixa (2006) a noção de culturas juvenis remete ao conceito de culturas subalternas, o que na tradição gramsciana da antropologia italiana corresponde aos setores dominados, que se caracterizam por sua precária integração com a cultura hegemônica. A falta de integração ou integração parcial nas estruturas produtivas e reprodutivas é uma das características essenciais da juventude. Geralmente, os jovens, inclusive os que provêm das classes dominantes,

têm pouco controle sobre a maior parte dos principais aspectos de sua vida e estão submetidos à tutela de instituições adultas.

Ainda, conforme o autor, o que diferencia a condição juvenil de outras condições sociais subalternas, como dos camponeses, das mulheres e das minorias étnicas, é que se trata de uma condição transitória, visto que, posteriormente, os jovens passam a ser adultos. Este caráter transitório da juventude tem sido utilizado em muitas ocasiões para menosprezar os discursos culturais dos jovens. Apesar disso, e com condições desiguais de poder e recursos, determinados grupos juvenis têm sido capazes de manter níveis de autoafirmação consideráveis (Lutte, 1984; Juliano, 1985 apud Feixa, 2006).

A articulação social das culturas juvenis pode ser abordada a partir de três cenários (Feixa, 2006):

a) Cultura hegemônica: representa a distribuição do poder cultural no âmbito da sociedade mais ampla. A relação dos jovens com a cultura dominante é mediada por diversas instâncias nas quais este poder se transmite e negocia, tais como a escola, o trabalho, o exército, meios de comunicação. Diante destes, os jovens estabelecem relações contraditórias de integração e conflito, que se modificam com o tempo. (p. 106)

b) Culturas parentais: podem ser consideradas como as grandes redes culturais, definidas fundamentalmente por identidades étnicas e de classe, a partir das quais se desenvolvem as culturas juvenis, constituindo subconjuntos. Se referem às normas de conduta e valores vigentes no meio social de origem dos jovens. Porém, não se limita a uma relação direta entre pais e filhos, mas a um conjunto mais amplo de interações cotidianas entre membros de gerações diferentes, dentro da própria família, dos vizinhos, da escola local, das redes de amizade, das associações, etc. Diante desta socialização primária, o jovem interioriza elementos culturais básicos (uso da língua, papéis sexuais, formas de sociabilidade, comportamento não verbal, critérios estéticos, etc.) que posteriormente utiliza na elaboração de estilos de vida próprios. (p. 107)

c) Culturas geracionais: referem-se à experiência específica que os jovens adquirem no âmbito dos espaços institucionais (escola, igreja, trabalho, meios de comunicação), de espaços parentais (família, vizinhança) e sobretudo os espaços de ócio (a rua, as festas, os locais de diversão). Nestes espaços circunscritos, o jovem

se encontra com outros jovens e começa a identificar-se com determinados comportamentos e valores, diferentes daqueles vigentes no mundo adulto. (p. 107)

Além dos três cenários descritos, Feixa destaca outros fatores importantes na estruturação das culturas juvenis, tais como: geração, gênero, classe, etnicidade, território, estilo (bricolagem¹⁸, homologia¹⁹, linguagem, música, estética, produções culturais, atividades focais).

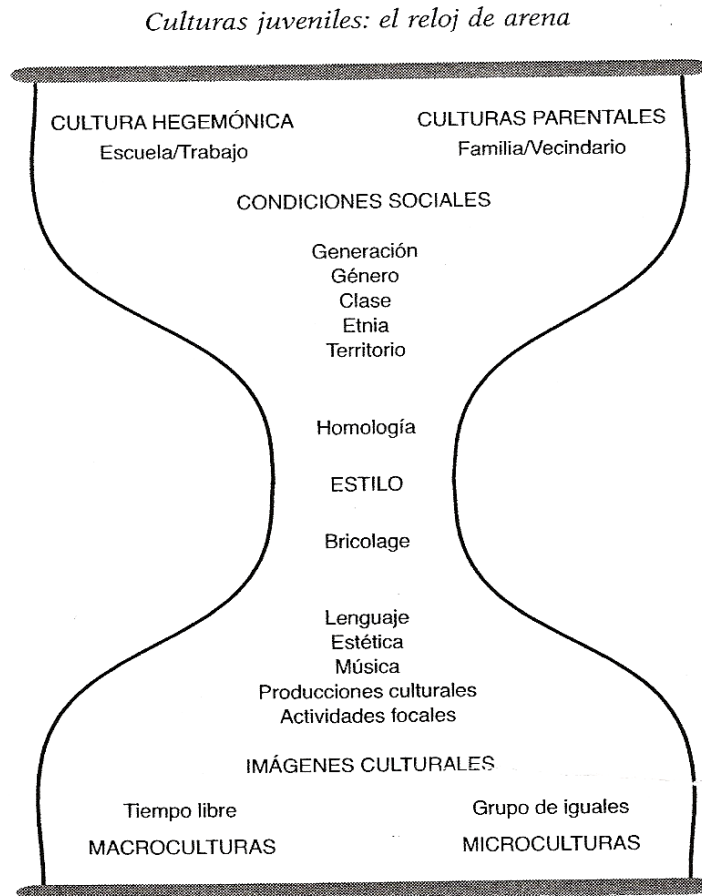
Feixa (2006) traduz a sua perspectiva conceitual a partir de uma imagem gráfica que revela uma metáfora onde as culturas juvenis podem ser representadas como um relógio de areia que mede o tempo (ver Ilustração 2). No plano superior estão situadas a cultura hegemônica e as culturas parentais, com seus respectivos espaços de expressão (escola, trabalho, meios de comunicação, família, vizinhança). No plano inferior encontram-se as culturas e microculturas juvenis, com seus espaços próprios de expressão (tempo livre, grupos de amigos). Os materiais da base (a areia inicial) constituem as condições sociais de geração, gênero, classe, etnia e território. Na parte central, o estilo filtra estes materiais mediante as técnicas de homologia e bricolagem. As imagens culturais resultantes (a areia filtrada) se traduzem em linguagem, estética, música, produções culturais e atividades focais. Esta metáfora serve para ilustrar tanto o caráter histórico das culturas juvenis como a sua dimensão biográfica. Por outro lado, também evidencia que as relações não são unidirecionais, pois quando a areia acaba de descer, se dá a volta no relógio, de modo que as culturas e microculturas juvenis mostram também sua influência na cultura hegemônica e nas culturas parentais.

Tais referências conceituais nos instigam a pensar como é possível compreender as culturas juvenis nas suas diversas manifestações. A perspectiva de Pais (2003) é de que “torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus *contextos vivenciais, cotidianos*, porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e

¹⁸ El concepto de bricolage sirve para comprender la manera en que objetos y símbolos inconexos son reordenados y recontextualizados para comunicar nuevos significados. Se trata de un concepto que Lévi-Strauss (1971) aplicó al “pensamiento salvaje”, refiriéndose a un sistema total de signos compuesto por elementos heteróclitos que provienen de un repertorio ya existente. (FEIXA, 2006, p. 119)

¹⁹ El concepto de homologia remite a la simbiosis que se establece, para cada subcultura particular, entre los artefactos, el estilo y la identidad de grupo. El principio generativo de creación estilística proviene del efecto recíproco entre los artefactos o textos que un grupo usa y los puntos de vista y actividades que estructura y define su uso. Esto identifica a los miembros de un grupo con objetivos particulares que son, o pueden hacerse, “homólogos” con sus intereses focales. (Ibid, p. 120)

entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação (p. 70).



A ênfase sobre o cotidiano dos jovens implica também um olhar sobre o contexto social em que estão inseridos, visto que

A forma de olhar a sociedade a partir do cotidiano dos jovens é uma condição necessária para uma correta abordagem dos *paradoxos da juventude*, embora não seja suficiente. É importante ainda considerar como a *sociedade* se traduz na vida das pessoas. Ou seja, dos contextos vivenciais ou cotidianos dos indivíduos fazem parte *crenças* e *representações sociais* que os jovens encontram sem que tenham tomado parte diretamente de sua construção. (PAIS, 2003, p. 71)

Ao traçarmos estas abordagens sobre a constituição das culturas juvenis é possível perceber os diversos fatores que lhes estão relacionados. Isso nos permite uma visão mais ampla e desde a perspectiva dos próprios jovens, o que representa

uma diferenciação em relação a abordagens que preescreviam a juventude a partir das ênfases da violência ou delinquência juvenil.

Como vimos, Feixa também destaca que os jovens, apesar de “influenciados” pela cultura hegemônica e pelas culturas parentais, também as influenciam, a partir dos elementos culturais que produzem. No contexto deste estudo, concebe-se que na experiência da PJE os jovens produzem elementos culturais que circulam para além do âmbito da pastoral e, portanto, influenciam a cultura de um tempo e lugar.

1.7 Saber (es)

Os aprendizados que têm lugar no espaço educativo não-formal, dos grupos de jovens estudantes da PJE, constituem-se como elementos centrais deste processo investigativo. Tais aprendizados certamente são diferenciados daqueles que acontecem nas salas de aula, pois são diferenciados os modos de transmissão e de apropriação.

Para aprofundar como acontecem os aprendizados e a apropriação dos saberes, Bernard Charlot cunhou o conceito de “relação com o saber” (2000). Para o autor,

A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender; (...) Ou, sob uma forma mais “intuitiva”: relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação (Ibid., p. 80-81)

Esta concepção supõe a existência de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a “presença” de saberes que há no mundo. A noção de sujeito implica a percepção de que este se constitui como um “ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá

um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade” (Charlot, 2000).

Apesar desta singularidade, nenhum sujeito vive isolado. Charlot concorda com Bourdieu de que o sujeito ocupa efetivamente uma posição no espaço social, embora considere insuficiente a sua constatação. Mesmo que todo sujeito pertença a um grupo, ele não se reduz a esse vínculo e ao que pode ser pensado a partir da posição desse grupo em um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá um sentido ao mundo, atua neste, depara-se nele com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber. Conseqüentemente, a relação com o saber será fruto desses múltiplos processos.

A relação com o saber, além de ser uma relação de um sujeito com o mundo, com ele próprio e com os outros, caracteriza-se, para Charlot (Ibid.) por outras três características: o conjunto de significados, o espaço de atividades e a inserção no tempo.

Enquanto relação com o mundo como conjunto de significados, pode-se destacar o universo simbólico e a linguagem, pois

O mundo se oferece ao homem como um conjunto de significados, partilhados com outros homens. O homem só tem um mundo porque tem acesso ao universo dos significados, ao “simbólico”; e nesse universo simbólico é que se estabelecem as relações entre o sujeito e os outros, entre o sujeito e ele mesmo. Assim, a relação com o saber, forma de relação com o mundo, é uma relação com sistemas simbólicos, notadamente com a linguagem (CHARLOT, 2000, p. 78)

Além disso, Charlot destaca que o sujeito e o mundo não se confundem. O primeiro tem um corpo, um dinamismo, uma energia a ser despendida e reconstituída, enquanto que o mundo tem uma materialidade pré-existente, que permanece independentemente do sujeito. Assim sendo,

Apropriar-se do mundo é também apoderar-se materialmente dele, moldá-lo, transformá-lo. O mundo não é apenas um conjunto de significados, é, também, horizonte de atividades. Assim, a relação com o saber implica uma atividade do sujeito. (CHARLOT, 2000, p. 78)

Por fim, a relação com o saber é relação com o tempo, pois a apropriação do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição em uma rede de relações com os outros, isto é, o aprender, requerem tempo e jamais acabam.

Este tempo é o de uma história: a da espécie humana, que transmite um patrimônio a cada geração; a do sujeito; a da linguagem que engendrou o sujeito e que ele engendrará. Esse tempo não é homogêneo, é ritmado por momentos significativos, por ocasiões, por rupturas; é o tempo da aventura humana, a da espécie, a do indivíduo. (CHARLOT, 2000, p. 79)

São muitas as maneiras de apropriar-se do mundo, pois existem muitas coisas para se aprender. No entanto, a noção de aprender vai além do conteúdo intelectual. Charlot (2000) destaca, inclusive, que a questão do aprender é muito mais ampla do que a do saber, num duplo sentido: primeiro porque existem maneiras de aprender que não consistem em apropriar-se de um saber, entendido como conteúdo intelectual; segundo, ao mesmo tempo em que se busca adquirir esse tipo de saber, mantêm-se, também, outras relações com o mundo.

Esta investigação junto aos jovens da PJE procura evidenciar as relações com o saber, assim como o conjunto de significados partilhados, o horizonte de atividades e a relação com o tempo que ocorrem no interior dos grupos, a partir das expressões e manifestações dos próprios jovens.

Os grupos de jovens da PJE constituem-se como espaços significativos para o desenvolvimento dos aprendizados e saberes apontados por Charlot, visto que suas atividades visam um enfoque que vai além do intelectual, pois se assentam na concepção de uma formação integral.

1.8 Formação

Uma das principais metas da PJE é fomentar a formação de jovens lideranças. Para que este objetivo seja alcançado, a pastoral desenvolve um amplo processo de formação subsidiado pelas referências da Pastoral da Juventude Latino Americana²⁰ e pelas Pastorais da Juventude do Brasil (PJB), denominado Processo

²⁰ Existe uma organização da Pastoral da Juventude em nível de América Latina. Ela é coordenada pelo Setor Juventude do CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano. A principal obra que orienta toda a PJ Latino Americana tem o título de “Civilização do Amor: tarefa e esperança: orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana”.

de Educação na Fé (PEF). No intuito de compreender como este se desenvolve, é importante explicitar qual é o conceito de formação que fundamenta as PJs:

Para a PJ Latino-Americana, formar é gerar nos jovens e nos grupos novas atitudes de vida e novas capacidades que lhes permitam ser, clarificar seus projetos de vida, viver em comunidade e intervir eficazmente para a transformação da realidade. Nesta visão, a formação é um processo de crescimento, tanto pessoal como grupal e social, com metas claras a alcançar e profundamente encarnado nas condições históricas e sociais em que se vive. (CELAM, 1997, p. 201)

Esta formação pode ser caracterizada como um *processo de educação não formal*²¹, e como tal, apresenta alguns aspectos peculiares. Primeiramente, a formação não é um conjunto amplo e elaborado de atividades formativas. No âmbito da educação não-formal, a ênfase conceitual ou teórica não se constitui como ponto de partida, mas como ponto de chegada. Isso remete a não cair na tentação de querer primeiro formar para depois agir ou, então, realizar inúmeras ações sem conexão ou reflexão.

As PJs adotam o conceito de “formação na ação”. Através de metodologias específicas, aos jovens é oferecida a possibilidade de realizarem uma ação refletida e de elaborarem uma reflexão comprometida. Ação e reflexão estão intimamente ligadas.

Toda teoria ou proposta de formação possui uma concepção de pessoa. Do mesmo modo, a PJE também tem a sua, onde considera que

A pessoa humana constitui-se como uma unidade caracterizada por diferentes dimensões. Por isso, desenvolve a formação integral, levando em conta os aspectos pessoais, relacionais, políticos, espirituais, técnicos e vocacionais. Estas dimensões não são fragmentadas e nem seqüenciais, mas sim um conjunto que se desenvolve ao mesmo tempo, pois estão diretamente relacionadas umas com as outras. (PJE, 2005, p. 111)

Além da visão integral, considera-se que a pessoa humana nunca está pronta, acabada, mas sim em processo contínuo de formação e aprendizagem, interrogando-se sobre si e sobre o mundo. Segundo Teixeira (2005), cada homem e mulher é “indivíduo e pessoa”, “ser social”, “político”, “aberto ao absoluto”, “criativo e criador”. Este sujeito busca responder ao longo de sua existência às seguintes

²¹ Se faz necessário considerar que apesar de ser enquadrada como processo de educação não-formal a experiência da PJE acontece dentro de um espaço institucional, que é a escola. De modo mais amplo faz parte do meio institucional da Igreja Católica.

questões: Quem sou eu? Quem é o outro? Onde estou e o que eu faço no mundo? De onde venho e por que existo? Como fazer o que é preciso?

Estas características e questionamentos correspondem a diferentes dimensões da pessoa: a) Dimensão psico-afetiva; b) Dimensão social e cultural; c) Dimensão política; d) Dimensão mística ou teologal; e) Dimensão metodológica. Tais dimensões implicam na proposição de estratégias que permitam vivenciá-las no âmbito da PJE.

1.8.1 Dimensões da Formação Integral das PJs

A Pastoral da Juventude Latino Americana (CELAM, 1997) e as Pastorais da Juventude do Brasil (CNBB, 1998) destacam cinco dimensões no processo de formação integral: a personalização, a integração, a sócio-política, a teológica e a capacitação técnica. A PJE, além destas cinco, aponta mais uma dimensão, que é a vocacional. Cada uma das dimensões contempla uma pergunta fundamental, uma relação, uma área e um chamado conforme pode ser visualizado na tabela 2.

DIMENSÃO	PERGUNTA	RELAÇÃO	ÁREA	CHAMADO
Personalização	Quem sou eu?	Eu	Dimensão Psico-afetiva	Ser, possuir-se, conhecer-se
Integração	Quem é o outro?	Outro	Dimensão Social e Cultural	Conviver, comunicar-se e partilhar.
Sócio-Política	Onde estou? O que eu faço aqui?	Sociedade	Dimensão política	Situar-se, comprometer-se historicamente
Teológica	De onde venho? Por que existo?	Transcendência /Deus	Dimensão mística ou teologal	Transcender-se
Capacitação Técnica	Como fazer?	Missão	Dimensão técnica ou metodológica	Fazer, construir
Vocacional	Que sentido vou dar à minha vida?	Mundo/natureza /Cosmos	Dimensão vocacional	Dar sentido à existência

Tabela 2 – Formação Integral das Pastorais da Juventude do Brasil²² – PJB

²² Sistematização organizada por Maurício Perondi, a partir dos seguintes documentos: TEIXEIRA, Carmem Lúcia (org.). **Passos na travessia da fé: metodologia e mística na formação integral da juventude**. São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação da Juventude, 2004; Pastoral da Juventude

Segundo Teixeira (2005), a dimensão da personalização

Corresponde à dimensão psico-afetiva. É a constante busca de respostas – não especulativas mas existenciais – à pergunta: “Quem sou eu?” É o esforço de tornar-se pessoa: descobrir-se, possuir-se, entregar-se. Não são passos cronológicos, mas cíclicos: na medida em que me conheço tenho nas mãos o que posso entregar aos demais como dom de mim mesmo: “amar ao próximo como a si mesmo...” (p. 26)

Para a PJE (2005) esta dimensão trabalha a formação da personalidade do jovem, pois é importante que ele se sinta único, num amadurecimento constante consigo, com os outros, tendo como modelo a pessoa de Jesus Cristo. Neste âmbito, geralmente são trabalhados conteúdos, que estão relacionados com a vida pessoal do jovem, tais como o autoconhecimento, a auto-estima, a autocrítica, a afetividade, os limites e potencialidades, os valores.

Para Teixeira (2005), a dimensão da integração

Corresponde à dimensão psicossocial. É a capacidade de descobrir o/a outro/a que, em nosso contexto de grupo cristão/ã, é o irmão/ã que queremos conhecer, com quem desejamos nos comunicar e estabelecer um relacionamento profundo. No caso da Pastoral da Juventude, que opta pelo grupo como instrumento pedagógico principal, o processo de integração é, antes de tudo, o processo que leva à coesão grupal. (p. 27)

Quando é referida a idéia da coesão grupal isso não significa que se crie uma uniformidade de pensamento ou de comportamento, mas sim se oportunizem processos que levem os jovens a se relacionarem de modo aberto, criando uma identidade para o grupo. A PJE (2005) enfatiza que o jovem se desenvolve a partir da convivência e por isso o grupo deve propiciar aos seus membros um ambiente de confiança, sensibilidade, satisfação, autenticidade, responsabilidade e compromisso.

De modo semelhante, Charlot (2000) afirma que o jovem tem necessidade de “aprender” dispositivos relacionais nos quais há que entrar e formas relacionais das quais se deve apropriar, quer se trate de agradecer a alguém, quer de iniciar uma relação amorosa.

Teixeira (2005) destaca que a dimensão teológica

Corresponde à dimensão mística ou teologal. É o processo de “educação da fé” que, embora dom de Deus, também requer a mediação humana (Rom 10,14). E, além de crer, é preciso “estar sempre prontos a responder, para vossa defesa, a todo aquele que pedir a razão de vossa esperança” (1 Pe 3,15) (...) O/a jovem, talvez mais do que ninguém, por se encontrar numa situação de procura e opção, sente a sede de Deus e a busca de inúmeras formas. (p. 27-28)

Segundo Novaes (2005), a pesquisa sobre o “Perfil da juventude brasileira”, realizada pelo Instituto Cidadania, em 2004, revelou aspectos muito interessantes sobre o tema juventude e religião. Apenas 1% dos jovens entrevistados declarou-se ateu, ao mesmo tempo em que a religião ocupou um lugar surpreendente entre os assuntos que os jovens gostariam de discutir com os pais, com os amigos e com a sociedade. Uma parcela de 15% dos entrevistados disse participar de grupos de jovens, sendo grande parte “grupos da Igreja”. Esses dados revelam que a fé e a religião são assuntos importantes para a vida dos jovens.

A PJE, por estar articulada nas escolas, tem um grande desafio para trabalhar esta questão da fé, visto que há uma grande diversidade religiosa no âmbito escolar, inclusive nas escolas confessionais.

Outra dimensão é a conscientização, sobre a qual Teixeira (2005) aponta que esta

Corresponde à dimensão política e busca responder às perguntas “onde estou e que faço aqui?”. Trata-se de ajudar o/a jovem a descobrir o mundo onde vive e seu lugar nele, como sujeito de história. De “formar os/as jovens de maneira gradual para a ação sociopolítica e para as mudanças de estruturas...” (p. 29)

Para a PJE (2005), tal dimensão diz respeito à entrada consciente na vida política e ao compromisso do jovem com a sociedade. Inclui o fomento do senso crítico e a capacidade de analisar a realidade, distinguindo ideologias e buscando alternativas para construir um mundo melhor. A consciência política também desperta para a solidariedade e para a compreensão dos mecanismos da estrutura social.

Sobre a dimensão da capacitação técnica Teixeira (2005) destaca que esta

Corresponde à dimensão técnica ou metodológica da pessoa que procura responder à questão do “como fazer?”. (...) A formação integral pretendida pela Pastoral da Juventude deve, portanto responder também a esta questão.

Não basta ter um grande objetivo ou um grande ideal. É preciso capacitação técnica para realizá-lo. (p. 31)

A capacitação técnica está voltada para a formação dos líderes dos grupos e também para os demais integrantes dos mesmos. Ela dirige-se, principalmente, para o objetivo de fornecer instrumentos suficientes para que os jovens possam planejar ações, desenvolvê-las e também avaliá-las. Isso se refere aos projetos da pastoral, mas também aos projetos que estes jovens terão que desenvolver na sua vida profissional.

A PJE (2005) enfatiza ainda que a formação recebida pelos jovens e assessores pode ser partilhada com outros membros do grupo afim de que mais pessoas possam estar capacitadas para o desenvolvimento das ações.

Além das cinco dimensões destacadas acima, a PJE aborda uma sexta que é a vocacional. Ela está diretamente relacionada com o projeto de vida dos jovens e aquilo que cada um pretende para o seu futuro. Para a PJE

Somos todos chamados a viver e a nos engajar numa missão, no sentido de sermos continuadores da criação e de tornarmos vivo o amor de Deus no mundo de hoje. Tudo isso se dá através de um chamado mais particular em que se busca viver o amor num grupo mais restrito, como o casamento, a família o celibato, a vida religiosa, a assessoria de uma pastoral. (2005, p. 113)

A condição de ser jovem, na atualidade está sujeita a grandes dificuldades diante de questões sociais como estudo e trabalho. Isso traz conseqüências significativas sobre a perspectiva de futuro e sobre os projetos de vida dos jovens. Em vista disso, o trabalho da dimensão vocacional requer uma atenção especial, visando auxiliar os jovens a encontrarem alternativas para suas vidas.

Essas seis dimensões da formação integral não acontecem de forma seqüencial, mas sim de modo gradativo e integrado, ou seja, elas são trabalhadas ao mesmo tempo, porém, com níveis de aprofundamento diferenciados conforme o processo que o próprio grupo de jovens desenvolve.

Como as juventudes vivem a sua condição juvenil de forma diferenciada, também os jovens da PJE se apropriam de modo diverso aquilo que é desenvolvido nos grupos de jovens. A pesquisa de campo com os estudantes da pastoral evidenciou, em parte, como os conteúdos da formação integral acontecem e quais os significados que os mesmos têm para as suas vidas. Também investigou quais os

aprendizados específicos que são expressos pelos jovens, visto que as dimensões são amplas e estão relacionadas com inúmeros conteúdos.

31.05.07



→ Decisões

"No grupo decidimos coisas muito importante para o decanato do ano como a missão nas escolas públicas estudar a história da PJE, os marcos da juventude ao longo dos anos, não esquecer da camiseta para este ano."

"Ao decanato do grupo as pessoas de algum modo vão amadurecendo e assim podendo estar mais ligadas o que acontece na sua realidade"



Ilustração 3 - Imagem extraída do Portfólio do Jovem Wagner

2. CERCAMENTO DO TEMA

2.1 História da PJE

Com objetivo de situar o objeto específico da abordagem investigativa convém resgatar alguns elementos importantes da história da PJE. O resgate será breve, pois visa apenas situar, em linhas gerais, o contexto histórico de desenvolvimento.

A PJE tem suas origens demarcadas por situações ocorridas bem antes de seu surgimento, pois as Pastorais da Juventude do Brasil são herdeiras de uma história que foi desenvolvida no âmbito da Igreja Católica, a partir da década de 1930, sob a denominação de Ação Católica Geral. Esta ação “era o espaço de participação organizada dos leigos católicos no apostolado hierárquico da Igreja, para a difusão e atuação dos princípios cristãos na vida pessoal, familiar e social” (CNBB, 1998, p. 85).

A partir da Ação Católica Geral, nas décadas de 1950 e 1960, surge a Ação Católica Especializada, que estava baseada em quatro princípios: a) mobilização dos leigos; b) utilização do método Ver-Julgar-Agir; c) uso de metodologia que tenha como ponto de partida a vida dos jovens e que os desperte para serem protagonistas na Igreja e sujeitos históricos do mundo; d) a evangelização deveria ser feita “de jovem para jovem”, a partir das diferentes realidades: na fábrica, no campo, na escola, na universidade (Ibid.).

A partir dessa ação criaram-se os grupos específicos, a saber: JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JIC (Juventude Independente Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica). Tais grupos foram marcados pelo método Ver-Julgar-Agir, pela formação na ação, pela organização em pequenos grupos, por uma pedagogia a partir da realidade e da vida dos jovens, e por uma prática transformadora, que abriram caminhos para o surgimento de um novo jeito de ser Igreja (Ibid.).

Com o Golpe Militar de 1964, as organizações juvenis do país foram censuradas e muitas delas foram extintas. As organizações da JAC, da JEC, da JIC, da JOC e da JUC também sofreram as conseqüências dessas pressões e suas estruturas foram destituídas pela hierarquia da Igreja Católica. Restaram alguns grupos ou lideranças isolados, que tentavam manter os princípios e ações pelos quais haviam sido criados. Vários líderes dessas organizações foram perseguidos, exilados e, inclusive, assassinados (PJE, 2005).

Na década de 70 aconteceram diversas tentativas de organização, porém somente no início dos anos 80 é que começa a se articular um novo modelo, que viria a ser chamado de Pastorais da Juventude do Brasil, e dentre estas a PJE.

A PJE teve início a partir de um grupo de estudantes da cidade de Goiânia, que haviam sido ligados à JEC. A articulação iniciou a partir de um encontro com quatorze estudantes, entre os dias 08 a 11 de julho de 1982, que é considerada a data do surgimento da PJE. No início, a organização teve o nome de “Pastoral Secundarista”, pois o foco principal eram os estudantes do ensino médio. Porém, a partir de 1984, aconteceu a mudança para “Pastoral da Juventude Estudantil”, designação que persiste até hoje (PJE, 2005).

Aos poucos, foi criada uma estrutura organizativa com assessoria e secretaria nacional, encontros de jovens e de assessores, assembléias nacionais e sistematizações dos processos vividos. Como fruto dessas sistematizações, no início dos anos 90 foram produzidos os “Cadernos da PJE”, que abordam temas como: identidade, assessoria, articulação e organização, o estudante e o seu meio, movimento estudantil, sistema educacional, ação e pedagogia.

No ano de 1995 foi sistematizado o Marco Referencial da PJE, que teve como título “Quem somos? A que viemos?”. Dez anos depois, em 2005, o Marco Referencial foi reescrito com a contribuição de jovens e assessores de vários lugares do Brasil onde a PJE estava articulada, ficando com o título “Nossa vida, nossos sonhos”. Este é o marco que ainda está vigente e é considerado o principal documento de fundamentação da PJE.

No ano de 2007 a PJE comemorou seu Jubileu de Prata, 25 anos desde seu início de articulação, ainda na década de 80. Apesar de manter elementos importantes de sua identidade ao longo deste tempo, a PJE passou por modificações e reestruturações. Por isso, vamos abordar a sua caracterização e organização atual, percebendo como está estruturada.

2.2 Caracterização da PJE

A Pastoral da Juventude Estudantil – PJE – é uma ação organizada dos jovens cristãos estudantes no seu meio específico. É uma organização da Igreja Católica coordenada *por, com e para* os estudantes, para que desempenhem sua missão na construção de uma sociedade justa e fraterna, buscando transformações a partir da sala de aula (Cartilha da PJE, 2002, p. 2). A PJE faz parte das Pastorais da Juventude do Brasil – PJB²³, as quais por sua vez integram a Pastoral da Juventude Latino-Americana.

A PJE acredita que os jovens estudantes têm força e dinamismo para contribuir na mudança da realidade educacional e social em nosso país. Aponta como objetivos: despertar e formar lideranças; promover uma educação (formação) que atenda a todas as dimensões da vida do estudante (personalização, integração, sexualidade, consciência crítica e política, espiritualidade, capacitação técnica e dimensão vocacional); favorecer a conscientização do estudante a respeito do seu potencial de transformação da realidade em que vive; fazer com que a escola seja um instrumento para promover novos valores de solidariedade, diálogo, partilha, capacidade de renúncia, luta pela justiça e participação em todos os níveis de organização da sociedade; aumentar a amizade entre os estudantes (PJE, 2002, p. 3).

Outra característica interessante que o mesmo documento aponta é a própria designação da pastoral, onde se destaca que o nome correto da organização é *Pastoral da Juventude Estudantil* e não *Pastoral de Juventude Estudantil*. Apesar de sutil, a diferença é que sendo “da” e não “de” a organização tem como referência os estudantes, ou seja, eles são os protagonistas, os sujeitos da ação. Isso não significa a ausência dos adultos, visto que estes constituem “apoio e presença, como alguém mais experiente que contribui com o grupo” (Idem, p. 2).

²³ A PJB é uma ação articulada dos grupos de jovens que se organizam como Igreja através das Pastorais da Juventude (Pastoral da Juventude Estudantil, Pastoral da Juventude Rural, Pastoral da Juventude e Pastoral da Juventude do Meio Popular) na busca de uma formação integral, de uma organização a partir dos jovens, para colaborar na transformação da realidade, com o acompanhamento dos assessores. Os princípios que norteiam a PJB são: o seguimento de Jesus Cristo e seu projeto; o protagonismo juvenil na construção do Novo Homem e da Nova Mulher; a opção preferencial pelos pobres; as novas relações com o planeta e o compromisso com a vida simples, dizendo não ao consumismo, assumindo valores que concretizam a vivência do Reino de Deus entre nós (PJE. Subsídio da Semana do Estudante, 2005, p. 04).

Fazem parte dos grupos da PJE estudantes a partir da 7ª série do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Nos últimos anos a discussão sobre a idade dos participantes tem sido um dos pontos de questionamento e debate. A perspectiva é de que, após o Ensino Médio, os jovens possam continuar atuando como lideranças da PJE, principalmente na articulação política da pastoral e no acompanhamento de grupos de jovens iniciantes, mesmo porque, vários destes continuam na condição de estudantes ao ingressarem no Ensino Superior. (PJE, 2006).

2.3 A importância e caracterização do grupo

No âmbito da PJE concebe-se que o grupo tem uma importante contribuição no processo de socialização dos jovens e na construção de suas identidades, considerando que a juventude constitui-se num dos momentos da vida em que o indivíduo questiona, de modo particular, a constituição de si mesmo.

Segundo Melucci (2004), a identidade pode ser vista em termos estáticos, onde se priorizam noções como consistência, conservação dos limites, reconhecimento e reciprocidade, ou então, pode ser compreendida no seu aspecto dinâmico, onde a identidade apresenta-se como um processo de individuação e de crescimento da autonomia. Em sua concepção, somos nós mesmos, como indivíduos, que adquirimos a capacidade autônoma de nos definirmos como tais.

A sua compreensão, porém, não postula um indivíduo solipsista, outrossim um ser que necessita do outro e do ambiente grupal para poder situar-se a si mesmo e construir sua identidade, pois

A nossa unidade pessoal, que é produzida e mantida pela auto-identificação, encontra apoio no grupo ao qual pertencemos, na possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros. Cada um deve acreditar que sua distinção será, em toda oportunidade, reconhecida pelos outros e que exigirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo (MELUCCI, 2004, p.45).

Ampliando esta concepção, o autor ainda postula que a identidade define a nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo

nós mesmos. No entanto, este processo de diferenciação só pode acontecer a partir das relações que se estabelecem nos âmbitos pessoais e grupais.

Pode-se supor que a perspectiva da PJE se aproxima das postulações de Melucci, especialmente porque enfatiza a sua ação através da importância do grupo de jovens e de cada jovem como sujeito, como base de sua organização.

A PJE faz uma distinção entre “agrupamento” e “grupo”. Pelo primeiro, entende-se um conjunto de pessoas que se encontram num espaço comum e que se inter-relaciona de alguma forma, em geral por pouco tempo, e com finalidade bem pontuada, como por exemplo, um acampamento de férias. Entretanto, um grupo propriamente dito tem, normalmente, uma duração maior; possui regras, códigos, normas e linguagens próprias que lhe conferem uma identidade particular; tem objetivos a alcançar; desenvolve ações; avalia a sua prática; além de manter encontros regulares. (PJE, 2004).

Assim como todos os grupos, os grupos de jovens da PJE têm um jeito próprio de constituir-se e algumas características peculiares, como está explicitado nos seus documentos, a saber:

- é um grupo de vida, onde os jovens aprendem a partilhar seus problemas, a acolher-se e ajudar-se para crescerem como pessoas e como cristãos, tornando-se agentes de transformação da realidade;
- tem em média de 15 a 20 participantes;
- os grupos, normalmente, são organizados por estudantes da mesma série escolar ou de séries próximas. Seu início acontece a partir da 7ª ou 8ª série do ensino fundamental e pode se estender após o Ensino Médio;
- reúne-se periodicamente, em geral uma vez por semana, num lugar adequado de uma escola para planejar, realizar e avaliar suas ações na realidade onde vive;
- é formado por estudantes com necessidades e interesses semelhantes;
- é um espaço onde cada membro é importante, todos participam em igualdade, decidem juntos e aprendem uns com os outros;
- é um espaço de *conspiração pela educação*. A palavra *conspiração* vem de *inspirar com*, ou seja, respirar o mesmo ar; no caso da PJE, o mesmo sonho de educação libertadora a partir do evangelho;
- é um espaço onde os jovens refletem sobre sua vida de jovens estudantes, seu dia-a-dia na escola e suas problemáticas;

- é um lugar de celebrar a vida do jeito próprio dos estudantes, cultivando a espiritualidade no grupo (uma espiritualidade encarnada e encharcada de vivências do cotidiano estudantil) (PJE, 2004).

Além dos jovens participantes, geralmente cada grupo ainda conta com um assessor, um animador e um coordenador, sendo que cada qual possui características e funções diferentes. O assessor é um adulto ou jovem mais maduro ou experiente, com carisma e com referencial teórico, visão global e prática metodológica que está à serviço do acompanhamento do grupo. O animador é, normalmente, um jovem que já passou pelo processo de grupo e, portanto, tem uma caminhada maior que os integrantes do grupo. Sua função não é “alegrar” o grupo, mas estar em sintonia com o assessor e o coordenador para “dar vida” e dinamismo ao grupo, tendo em vista o seu crescimento. O coordenador é, via de regra, um jovem escolhido pelo grupo para o serviço da coordenação, tendo em vista a sua dedicação e capacidade de liderança democrática (PJE, 2004).

2.4 Os encontros do grupo de jovens

Os encontros²⁴ são os momentos principais na vida do grupo de jovens. Como indicado anteriormente, estes acontecem, em geral, uma vez por semana, com duração média de uma hora e meia a duas horas. A preparação dos primeiros encontros de um grupo, fica sob a responsabilidade do assessor. Com o decorrer dos encontros esta função é partilhada com o jovem coordenador e com os demais integrantes do grupo. Tal organização está baseada no princípio de que, na PJE, os protagonistas devem ser os estudantes.

Ao ler o subsídio da PJE denominado *Como iniciar grupos de Jovens nas escolas* (PJE, 2004) percebe-se que um dos títulos informa: “Como é a cara dos nossos encontros”. Aí são destacados alguns elementos importantes, onde se recomenda como podem ser dinamizados os encontros, entre os quais destacam-se:

²⁴ Em várias referências dos documentos da PJE, os encontros também são denominados de “reuniões do grupo”.

1. **Ambientação:** procura-se preparar um ambiente limpo e acolhedor antes de cada encontro. Geralmente é organizado um círculo de cadeiras ou então de almofadas. No meio do círculo são colocados símbolos que tenham uma relação com a vida estudantil, a bandeira da PJE ou do grupo²⁵ e materiais que serão utilizados no encontro.
2. **Acolhida:** é o momento de demonstrar a afetividade no grupo, acolhendo-se mutuamente e manifestando o quanto cada um é importante e esperado no grupo.
3. **Apresentação:** este momento é mais forte nos primeiros encontros do grupo e tem o objetivo do conhecimento mútuo. Depois que todos se conhecem, a apresentação não é mais necessária, mas vale fazer outro tipo de dinâmica que propicie um maior conhecimento da vida do outro.
4. **Dinâmica:** é utilizada uma técnica para a introdução do tema do encontro. São usadas formas lúdicas que privilegiam o corpo, o espaço, os movimentos. Pode-se valer de músicas, poesias, histórias, estudos de caso, júris simulados, dramatizações, brincadeiras, etc. O objetivo é sensibilizar, de forma lúdica, para o tema que será discutido no dia.
5. **Tema do encontro:** cada encontro tem um tema próprio que é definido anteriormente pelo próprio grupo. Um tema pode ser desdobrado em mais de um encontro, dependendo dos seus encaminhamentos. Além de refletir sobre os temas propostos, o grupo é desafiado a planejar ações concretas de intervenção de acordo com os mesmos.
6. **Partilha:** este momento considera que os jovens que participam do grupo trazem muitos anseios consigo e necessidade de partilhar/falar do que estão vivendo. Por isso, os temas propostos para o encontro têm como base as partilhas e experiências dos membros do grupo. É importante que todos tenham acesso à palavra e possam se pronunciar. Além da partilha, o grupo é provocado a refletir e discutir conjuntamente a respeito da temática escolhida.
7. **Iluminação bíblica ou teórica:** confrontar as reflexões e partilhas do grupo com um referencial teórico é um momento vital em cada reunião. Sugere-se

²⁵ A PJE tem uma bandeira com um logotipo padrão que é utilizado em todos os grupos do Brasil. Já a bandeira do grupo é confeccionada pelos próprios membros de acordo com a sua experiência e com o nome que o identifica. Este nome, em geral, é uma sigla criativa escolhida pelo grupo para caracterizá-lo. A escolha acontece de forma democrática depois que o grupo tem uma caminhada mínima de dois meses aproximadamente, visto que o nome se associa aos objetivos a que o grupo se propõe a alcançar.

que o texto a ser trabalhado seja cuidadosamente escolhido para que contextualize bem o tema da reunião. Pode ser um texto bíblico, onde constem reflexões importantes, principalmente a partir do referencial da pastoral, Jesus Cristo. Também pode ser utilizado outro texto de um autor sobre o assunto.

8. **Encaminhamentos:** a partir do que é realizado até este ponto os coordenadores do encontro questionam o grupo sobre os encaminhamentos a serem feitos. Pode-se propor uma ação sobre o tema estudado, uma tarefa para o próximo encontro, tal como uma pesquisa, visitar algum local que tenha a ver com o estudo, etc. Aqui também se organiza a reunião seguinte, prevendo a temática, quem coordena, sugestões do grupo, local e horário.
9. **Avaliação:** avaliar a reunião também é uma prática formativa. É o momento de rever o que foi bom, o que pode melhorar, desde a preparação, da coordenação até as ressonâncias do grupo. Avaliar em grupo não é fácil, mas é importante, pois sempre convoca à reflexão e à auto-crítica. Ter sempre as avaliações registradas é importante para orientar quem vai preparar a reunião seguinte.
10. **Oração final:** a oração final é um momento de celebrar tudo o que foi vivido na reunião e assumir os compromissos propostos. Não pode ser uma oração descontextualizada e com práticas repetitivas ou decoradas. É um tempo de celebrar a vida, a caminhada do grupo, a presença e a história de cada um.

O subsídio da PJE acima apresentado, embora contenha esta proposta de roteiro, deixa claro que não se trata de segui-lo tal e qual. Caso a reunião venha a tomar outro rumo, sugere-se que o coordenador seja sensível para perceber se se trata de voltar ao assunto inicial ou continuar com uma nova discussão. A reunião do grupo não pode ser fechada em si mesma, pois tem de adaptar-se a novos aspectos suprimir outros que haviam sido planejados. O roteiro existe para nortear o grupo em direção ao fim almejado, e por isso precisa ser flexível.

Outra orientação importante é quanto ao registro das reuniões, onde se procura anotar aquilo que acontece a cada encontro, facilitando a memória histórica da vida do grupo, assim como ajuda no resguardo das decisões assumidas. A ata é feita pelos próprios estudantes que são responsáveis pela secretaria do grupo. Esta prática possibilita aos jovens, entre outros, os aprendizados de sistematização, de

responsabilidade com os demais, de fidelidade às decisões tomadas, de fazer a memória sobre as experiências vividas pelo grupo.

A dinâmica anteriormente descrita oportuniza aos jovens diferentes aprendizados que são realizados nos encontros periódicos que o grupo mantém. Os jovens destacam que os encontros não acontecem exatamente de acordo com os passos que os documentos da PJE propõem, pois surgem novos elementos que são incorporados aos dinamismos do grupo. Além dos encontros do grupo, os aprendizados podem ocorrer em inúmeros outros espaços da pastoral tais como nas instâncias de coordenação, nos encontros com outros grupos, nas campanhas que participam, nos cursos que desenvolvem, nos seminários que propõem e nas mais diversas atividades que são organizadas pelas Pastorais da Juventude. Mesmo com todas estas possibilidades, os encontros semanais se mantêm como um espaço privilegiado para a realização dos aprendizados.

2. 5 A organização da PJE

A organização é um dos princípios pedagógicos que a PJE destaca no seu Marco Referencial, afirmando que a mesma

Favorece a formação na ação dos jovens e promove o protagonismo juvenil. Gera espaços de diálogo onde os jovens participam com outros jovens, fazendo descobertas na ação pastoral e decidindo juntos o que querem. Isso possibilita que o jovem se dê conta de sua identidade e da realidade em que vive, inserindo-o na tarefa concreta da transformação da realidade através de sua participação consciente. (PJE, 2005, p. 103)

Tal princípio supõe um processo constante de aprendizado, onde os membros do grupo aprendem a fazer opções e a se organizarem para o desenvolvimento dos projetos idealizados.

A PJE, enquanto organização que está presente em diversos estados do Brasil, possui uma estrutura organizativa (ver Ilustração 4) que viabiliza sua atuação. Esta acontece em diferentes níveis, desde os grupos nas escolas até as instâncias nacionais. No quadro abaixo, pode-se visualizar melhor como se constitui esta

organização. O início se dá com a formação dos grupos nas escolas, sendo que uma escola pode ter mais de um grupo de jovens. O(s) grupo(s) de uma escola pode(m) articular-se com os grupos de outras escolas da mesma cidade, constituindo uma representação “por cidades”. Esta organização por cidades passa a integrar a instância regional da PJE²⁶. Por sua vez, o regional integra a PJE nacional, que constitui-se na soma dos regionais articulados. Atualmente, estão articulados seis regionais, representando um total de dez estados brasileiros.



Ilustração 4 – Organograma da PJE no Brasil

Estas estruturas internas da PJE são denominadas “instâncias”, que constituem-se como espaços de representação e serviço aos grupos. Segundo o Marco Referencial da PJE,

As instâncias são escolhidas nos espaços deliberativos através de eleição. Encaramos a eleição como um instrumento educativo e democrático, culminância de um processo de participação, que reconhece a atuação e a

²⁶ A instância regional corresponde à divisão geográfica da Igreja Católica no Brasil, estabelecida pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Um regional corresponde a um estado ou, dependendo do caso, da junção de estados. Nesta divisão o Rio Grande do Sul, sozinho, constitui-se como um dos regionais da CNBB, sob a denominação de Regional Sul 3.

disponibilidade de quem está aí. Estes espaços deliberativos são denominados de “assembléia”. Esta é a instância máxima, deliberativa e legítima, que tem o objetivo de avaliar a caminhada, planejar a ação pastoral, eleger o secretário e indicar ou eleger a assessoria. (PJE, 2005, p.143)

Como referimos anteriormente, as instâncias estão organizadas em dois níveis: regional e nacional, mantendo basicamente a mesma designação, porém em âmbitos diferenciados. As que estão em vigor são as seguintes:

a) Assembléia (nacional ou regional): instância máxima da PJE, que ocorre a cada três anos, com caráter deliberativo.

b) Coordenação Nacional ou Regional (CNPJE ou CRPJE): formada por jovens representantes escolhidos pelos seus regionais ou cidades de origem.

c) Comissão Nacional ou Regional de Assessores (CNAPJE ou CRAPJE): composta por um assessor adulto de cada regional ou cidade que estejam articulados com a PJE.

d) Secretaria Nacional ou Regional: função exercida por um(a) jovem militante, com uma certa caminhada na PJE, sendo escolhido(a) para ser referência da pastoral em âmbito nacional ou regional e que permanece na função até a assembléia seguinte (3 anos).

e) Assessoria Nacional ou Regional: o(a) assessor(a) é um adulto eleito(a) em assembléia com o objetivo de ser referência para os jovens e os demais assessores. Este(a) deve ter experiência na assessoria de grupos de jovens e/ou instância regional.

Tais instâncias têm o objetivo de organizar a pastoral e torná-la dinâmica em seus processos. Tornam viáveis os encaminhamentos do planejamento que é desenvolvido pela PJE, organizam as atividades gerais previstas, produzem os materiais necessários, desenvolvem projetos financeiros para angariar fundos para a pastoral, responsabilizam-se pela formação das lideranças e assessores e também pela comunicação interna e externa da organização.

Vários jovens têm oportunidade de participar dessas instâncias da PJE em diferentes momentos de seus percursos. A experiência oportuniza aos jovens diversos aprendizados e saberes que muitas vezes não são trabalhados no seu grupo de jovens. Um caso que demonstra esta situação é destacado por um dos participantes da pesquisa, onde relata que teve a oportunidade de conhecer mais

profundamente os movimentos sociais porque ele participou de uma instância da PJE estadual, que lhe permitiu tal aprendizado.

2.6 A formação de lideranças na PJE

Como organização que trabalha com estudantes, a PJE tem objetivos específicos para a formação destes com o intuito de que sejam lideranças na vida cotidiana e nos meios de atuação. Considerando que existem diferenciados tipos de liderança, a PJE busca ter alguns elementos básicos na formação de líderes²⁷:

- que sejam protagonistas de suas vidas e atuantes na realidade em que vivem, sendo conscientes e engajados na construção social em que acreditam;
- que lutem profunda e intensamente pelo que acreditam;
- que tenham um projeto de vida;
- que sejam humildes e solidários, capazes de perceber as diferenças entre grupos e sociedades como fruto de construção histórica, como riqueza e não como limite ou exclusão;
- que sejam ousados e capazes de construir o diferente, recriando alternativas para concretizarem seus projetos;
- que sejam coerentes, articulando sua fala com o seu fazer, de modo que a sua prática seja o fundamento de sua palavra;
- que assumam a sua vida de cristãos comprometidos com uma profunda mística e espiritualidade que os faça colaboradores na construção de sentido para a vida de outras pessoas.

Tais objetivos representam o ideário daquilo que a PJE se propõe a alcançar através dos grupos de jovens que organiza. Não significa, porém, que os mesmos são alcançados da mesma forma em que são propostos, pois cada jovem vivencia as experiências e se apropria dos aprendizados desenvolvidos de acordo com suas percepções e suas formas de compreensão. De acordo com Certeau (2008, p. 40) “a presença e a circulação de uma representação não indicam de modo algum o que

²⁷ Baseado no Marco Referencial da PJE, 2005, p. 84 a 87.

ela é para seus usuários”. Da mesma forma, nos grupos da PJE a representação (seus objetivos) poderá ser assimilada de diferentes modos pelos seus participantes.

Na pesquisa, os jovens revelaram diversos aspectos a respeito dos aprendizados resultantes dos objetivos desenvolvidos. Eles falam dos projetos de vida, de ser protagonistas, o esforço pela coerência, da solidariedade entre outros. Tal constatação demonstra que, independente das múltiplas formas de apropriação, os objetivos propostos pela PJE encontram ecos na vida dos jovens.

2.7 Tipos de ação, campos de intervenção e mecanismos de intervenção

No âmbito da PJE as atividades práticas ou projetos de ação são considerados fundamentais, especialmente dois tipos de ação, a pessoal e a grupal. A primeira é desenvolvida por uma pessoa em favor de outra ou de um pequeno grupo, feita na base dos contatos pessoais, que podem ocorrer na família, na escola, no grupo de amigos, no lazer, na rua e na vida cotidiana. Já a segunda é a ação conjunta dos jovens, com o objetivo específico de ajudar numa determinada situação, quando têm oportunidade de descobrirem a importância de viver e agir em grupo, aprofundando os laços de amizade e responsabilidade, alimentando a mística do grupo. É uma ação planejada, que acontece principalmente na escola, visando despertar a consciência crítica dos estudantes, despertando-os para a realidade, criando um clima propício para o trabalho e fazendo-os sentir a necessidade de uma boa organização e mobilização. Em suma, enfatiza-se a experiência de pertencimento em suas múltiplas dimensões: compromissos, identidade, engajamento.

A PJE também considera o caráter das ações, diferenciando as *práticas de manutenção* e as *práticas de ruptura*.

As práticas de manutenção ou reformistas visam, como o próprio nome diz, manter o que aí está. Geralmente as pessoas mantêm no lugar aquilo que traz benefícios a si próprias ou ao grupo ao qual pertencem, ou seja, manutenção de privilégios. As práticas reformistas transformam as lutas por uma educação libertadora em meras reivindicações superficiais (...) As práticas de ruptura ou transformadoras são aquelas que visam transformar as

estruturas. Não devem ser ações superficiais, mas sim comprometidas com a realidade e com a mudança (PJE, 2005, p. 129).

Tais ações diferenciadas também são reconhecidas como “ações assistencialistas” de um lado e “ações transformadoras” de outro. Cabe aos grupos, no momento do planejamento de suas ações, analisar o caráter das mesmas visando conferir-lhes o significado que almejam, o que supõe o desenvolvimento de processos reflexivos de estudo e discussão.

Diante dessas premissas é possível explicitar quais são as áreas diretas de atuação que na PJE são denominados como “campos de intervenção”. Dentre os principais, podem-se destacar:

- a) Escola:** principal campo de intervenção da PJE, aquele que está mais ligado à sua identidade. Os grupos organizados nas escolas vivem e desenvolvem-se tendo esse espaço como referência. Aí os estudantes são protagonistas e vivenciam a grande maioria das ações. Propicia uma interação dos estudantes com toda a comunidade escolar (educadores, organizações estudantis, setores da escola, direção, pais e funcionários), donde decorrem inúmeros aprendizados.
- b) Organismos estudantis:** organizações feitas pelos estudantes e para os estudantes. São espaços de articulação e de luta pelos direitos estudantis, tais como: os grêmios estudantis, a União Brasileira de Estudantes Secundaristas, as Uniões Municipais dos Estudantes e outras organizações. A PJE não participa desses espaços enquanto organização, mas os seus militantes são orientados a se engajarem nos mesmos, como meios para sua atuação. Produzem-se, neste engajamento, saberes e competências, notadamente a de representação e articulação.
- c) Bairro:** os jovens individualmente, e também os grupos da PJE, são incentivados a se envolverem com as problemáticas locais onde residem e onde está situada a escola. É uma forma de conhecer e contribuir com a realidade vivida, inserindo-se nos movimentos populares, conselhos, associações de moradores e outros voltados para os jovens.
- d) Família:** os jovens dos grupos são motivados a fortalecerem suas relações na família, contribuindo com sua presença, diálogo, amor e iniciativas para a boa

convivência. É importante que os pais conheçam e apoiem a caminhada de seus filhos na pastoral.

- e) Igreja:** o desafio da PJE é ser Igreja a partir da escola. Sua identidade pastoral a leva a reafirmar-se como Igreja profética e libertadora, fiel aos anseios do povo excluído. Também procura integrar-se em outros trabalhos na comunidade eclesial, ajudando a articular a pastoral de conjunto da Igreja²⁸.

Com o objetivo de preparar e pôr em prática seus projetos, a PJE estabelece uma série de mecanismos, dentre os quais pode-se apontar os seguintes: seminários, cursos, fóruns, congressos, retiros, campanhas, assembléias, romarias, missões jovens, projetos de arte, projetos de comunicação e ações de mobilização (Semana da Cidadania, Semana do Estudante, Dia Nacional da Juventude – DNJ – Grito dos Excluídos). Destaca-se o fato de que em diferentes momentos de participação na PJE os jovens têm a oportunidade de experienciar estes “mecanismos”, apropriando-se não só de seus modos de funcionamento, mas produzindo conhecimentos variados e articulando diferentes práticas de articulação.

2.8 A escola que a PJE pretende ajudar a construir

É significativa a afirmação que está no Marco Referencial da PJE, quando versa sobre a escola que deseja tornar realidade. A primeira frase diz “A escola que desejamos e queremos ajudar a construir é uma instituição alicerçada no aprender a aprender” (PJE 2005). Esta idéia demonstra que a PJE defende uma escola melhor, contudo, não espera recebê-la pronta, pois *quer ajudar a construí-la*. Isso é coerente com o princípio do protagonismo estudantil destacado anteriormente.

²⁸ A denominação “comunidade eclesial” representa a Igreja como todo ou uma comunidade católica determinada, por exemplo uma paróquia ou uma parcela desta. A expressão “pastoral de conjunto” significa uma pastoral que está organizada com o todo da Igreja e que não realiza um trabalho isolado. Este conceito também pode ter a denominação de “pastoral orgânica”. Neste caso, da Igreja como campo de intervenção, a PJE pode realizar atividades conjuntas com as “pastorais sociais da Igreja”, como a Pastoral da Criança, a Pastoral da AIDS, a Pastoral Carcerária, a Pastoral Operária, etc.

A PJE sustenta a necessidade de uma educação que conceba a escola como um dos espaços em que a vida acontece em suas múltiplas e diversas relações de ensinar/aprender e que, portanto, precisa estar atenta a tantas outras relações que os jovens, como estudantes, tecem fora de seus muros. Isso significa considerar que o estudante é portador de uma série de conhecimentos que, se bem articulados com os saberes escolares, poderão ter um significado ainda maior em suas vidas.

A escola que a PJE deseja é aquela que

Utiliza as tecnologias de informação e comunicação para incentivar os estudantes a ler, pesquisar e se aprofundar em temas trabalhados em sala de aula. Alimenta a curiosidade, o desejo de busca, o sabor pela aventura tão necessários para renovar o conhecimento da vida. Educador e educando tornam-se cúmplices na grande e desafiadora aventura de viver, reinventando a cada dia a alegria e o prazer de ensinar/aprender. (PJE, 2005, p. 89)

Nesta perspectiva, a busca por uma educação que leve em conta os aspectos da própria vida e da realidade, implica tornar a aprendizagem um processo significativo e não meramente mecânico. O objetivo não é fazer da escola um espaço diferente de sua finalidade ou mudar o seu papel, mas torná-la mais aberta e significativa para os estudantes que ali estão. Para a PJE, na escola

Não existem somente aqueles conteúdos da matemática, das ciências, da história, da geografia... Existem outros saberes também, por mais que a maioria das escolas os negue. Também é na escola que o adolescente e o jovem aprendem coisas como amizade, namoro, política, música, festa, drogas, caráter, traição, confiança, etc. Isso tudo sem precisar que algum professor em frente a um quadro negro os ensine. São os próprios estudantes que ensinam uns aos outros. A escola acaba por ter uma significação simbólica profunda na vida do jovem (PJE, 2004, p. 8).

Se de um lado a PJE sustenta um ideal de educação, de outro também mostra-se consciente de que é preciso fazer aquilo que está ao alcance do possível. “Nosso sonho de escola não exige nada que não esteja ao alcance de nossas mãos. É saber usar as ferramentas principais – educador, estudante, história de vida e o novo – para formar homens e mulheres responsáveis por escrever a história do presente” (PJE, 2005, p. 92). Assim, almeja-se que a escola dê lugar a uma relação de troca e ajuda mútua no processo de aprendizagem, tendo educador e estudante, cada qual no seu papel, importância um para o outro no processo educativo.

Estes são ideais que a PJE se propõe a desenvolver através de um conjunto articulado de atividades e ações que são planejadas periodicamente. É esta experiência densa de propósitos, reflexões e projetos que jovens estudantes passam a experimentar quando se engajam em um grupo da PJE. Sabe-se que nem todos os participantes se apropriam destas experiências da mesma forma e que os significados que atribuem ao seu pertencimento no grupo também são diversificados. A partir da participação na pastoral, os jovens têm possibilidades de realizarem aprendizados e apropriações relativos às propostas que o grupo desenvolve, como neste aspecto, o de uma educação melhor.

20.06.04

D+

"Sinto que agora o grupo JCF, começa a ser protagonista de sua história. Com grande certeza as pessoas que continuaram no grupo, ficaram por "lutar" por uma causa a "Juventude". Algo que nunca deve ser esquecido por ninguém.

Espero (tenho certeza) que o Curso de Animações vai me ajudar muito com isso poderei ajudar meu grupo."

"A que se cuidar da vida..."



© 2014 Schneider

Schneider

Ilustração 5: Imagem extraída do Portfólio do Jovem Wagner

3. ITINERÁRIOS E OPÇÕES

3.1 Motivações para a pesquisa

Estou convencido de que o mundo contemporâneo necessita de uma sociologia da escuta. Não de um conhecimento frio, que pára no âmbito das faculdades racionais, mas de um conhecimento que concebe a todos como sujeitos. Não um conhecimento que cria distância, separação entre observador e observado, mas de um conhecimento que consegue reconhecer as necessidades, as perguntas, as interrogações de quem observa, e também capaz de, ao mesmo tempo, pôr verdadeiramente em contato com os outros (Melucci apud Fischer & Follmann, 2004, p. 9)

A referência de Melucci aponta uma necessidade premente no âmbito da pesquisa e da construção do conhecimento: a ênfase na escuta e numa relação mais próxima entre observador e observado. Charlot (2000) destaca que o pesquisador deve “dar a palavra” àqueles que se envolveram nas situações e práticas em estudo, estando ciente, ao mesmo tempo, que ninguém é transparente a si próprio e que “dizer a sua prática” é sempre pô-la em palavras e, pois, interpretá-la, teorizá-la.

Para Melucci (2005), esta necessidade emerge dos processos em que vivem as sociedades contemporâneas. Se num momento anterior eram postuladas teorias e modelos eficazes para resolver os problemas sociais, atualmente isso já não acontece. O fator desencadeante de tal fenômeno é atribuído às transformações que estão ocorrendo no âmbito social. As mudanças afetam, inclusive, o modo de fazer pesquisa, colocando em evidência novos atores e conteúdos que requerem uma atenção especial. Como forma de aproximação e de busca de maneiras mais eficazes à compreensão dos fenômenos sociais, está ocorrendo um intenso investimento nas pesquisas qualitativas.

Tal visão supõe uma mudança epistemológica, pois o objetivo não é mais a explicação da realidade em si, mas a busca pela “explicação emergente e recorrente dos processos nos quais o conhecimento é produzido através da troca dialógica entre observador e observado” (Ibid, p. 34).

Tal compreensão e proposição são assumidas como norteadoras desta pesquisa com jovens estudantes da PJE, visando compreender, a partir de suas expressões, quais os aprendizados produzidos nos grupos e instâncias da PJE em que participam e quais os significados que atribuem a estas experiências.

Como referi anteriormente, na condição de pesquisador, minha presença junto aos jovens da PJE requer uma atenção especial, visto que são jovens que conheço e que estão inseridos numa organização da qual faço parte. Apoiado em Sarmiento (2003) posso dizer que, de certo modo, minha presença não deixa de ser uma “observação participante” no contexto investigativo. Este tipo de inserção contribui com a compreensão das relações que se processam no interior de um grupo, pois

Assim como o investigador está sempre presente no tipo de informação que recolhe e nas conclusões da investigação, não há modo de realizar a observação dos contextos de ação que não seja, num certo sentido, sempre participante. (Woods *apud* Sarmiento, 2003, p. 160)

Tendo presente estes horizontes teórico-metodológicos, realizou-se a definição da proposta investigativa. Esta pautou-se, também, em José Machado Pais, quando o autor afirma: “Interessava-me explorar a forma como os jovens, eles próprios, viam as suas vidas em vez de os questionar através de preconcebidas ou estruturadas questões” (2003, p.88).

Assim, a intencionalidade nesta pesquisa foi iniciar a partir de uma metodologia que não fosse rígida a ponto de restringir a expressão dos jovens envolvidos. Para tal, buscou-se desenvolver uma pesquisa inicial com alguns membros da PJE, que pudessem retratar as suas experiências nos grupos de jovens.

Foi adotado o instrumento denominado portfólio, similar ao portfólio educacional. Segundo Carvalho e Porto (2005),

O conceito de portfólio educacional busca refletir a fusão entre processo e produto. É um artefato que mostra as realizações em processo. De um modo geral, o portfólio educacional pode ser visto como um memorial, um registro qualificado, diferentemente de um currículo em que simplesmente nomeamos o que fizemos e o que foi certificado. Em outras palavras, o portfólio educacional deve ser uma pasta de exemplos das proposições, das realizações e do investimento na formação (...) a construção do portfólio educacional requer a capacidade de decisão e análise na seleção e organização das evidências a serem incluídas no seu corpo. (p.15 e 17)

Foram convidados seis jovens da PJE a participarem da pesquisa, em sua fase preliminar, através da elaboração de um portfólio de cada um, de suas experiências de participação, no decorrer de sete meses.

Escolheu-se a modalidade portfólio, por considerar que o mesmo permite registros livres através da escrita, além da inserção de outros materiais, de livre escolha dos jovens tais como fotos, recortes de revista, documentos recebidos. Propôs-se que fosse organizado através de uma pasta, estilo fichário, pois desse modo seria possível incluir novos materiais onde fossem feitos registros, o que não seria possível se fosse um caderno simples. Julgou-se que oportunizaria a expressão das diferentes linguagens das culturas juvenis contemporâneas.

3.2 Os portfólios juvenis

Os portfólios constituíram o corpus empírico que serviu de ponto de partida para a pesquisa inicial realizada com alguns jovens participantes de grupos da PJE. O objetivo foi reunir indícios à compreensão do problema de estudo, de um modo não formal. Afinal, o que os jovens destacam a partir da participação nos grupos de jovens? Que elementos são recolhidos, o que fazem no grupo, como começaram a participar, como se sentem, o que aprendem, que significado tem essa participação para eles? Os portfólios obtidos reuniram registros feitos pelos próprios jovens e sinalizaram para as questões propriamente metodológicas da pesquisa, assim como para os conteúdos reflexivos inscritos pelos jovens.

Os seis jovens convidados para elaborarem os portfólios foram selecionados a partir dos seguintes critérios:

- ter no mínimo um ano de participação num grupo da PJE;
- representatividade de gênero: três moças e três rapazes;
- representatividade geográfica: diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul.

Para a seleção dos jovens foi elaborada uma carta aos assessores adultos que acompanham os grupos nas escolas solicitando a indicação de um/a jovem para a pesquisa (Anexo 1). Abaixo, está um breve perfil dos jovens selecionados:

	NOME	CIDADE	IDADE
1	Gabriela	Passo Fundo	15
2	Marina	Passo Fundo	14
3	Renata	Cerro Largo	16
4	Wagner	Canoas	15
5	Marcos	Sapucaia do Sul	16
6	Camila	Passo Fundo	15

Tabela 3: Jovens convidados para a elaboração dos portfólios

Após receber o retorno dessa indicação, foi encaminhado para cada jovem um convite descrevendo como seria a pesquisa (Anexo 2 e Anexo 3). O passo seguinte foi a realização de um encontro com cada um dos seis jovens, onde foi explicado o objetivo da pesquisa. Na mesma oportunidade, foi entregue o fichário para a sistematização dos registros, informadas as orientações a respeito de como poderiam proceder na elaboração do portfólio.

Para o momento da conversa procurou-se criar um clima informal, explicando os passos e as alternativas à utilização do fichário. Para tal, elaborou-se um guia de orientações que serviu para enfatizar os pontos principais (Anexo 4).

Durante a conversa foi possível perceber a expectativa dos jovens com a pesquisa e certa preocupação diante do fato de ser uma pesquisa acadêmica. A fim de tranquilizá-los, destacou-se que não havia uma forma certa de elaborar o portfólio e que poderiam usar a criatividade para expressarem as experiências vividas no grupo de jovens.

O período de realização desta fase da pesquisa aconteceu entre os meses de novembro de 2006 a junho de 2007. Dos seis portfólios entregues aos jovens, somente três retornaram ao pesquisador conforme fora combinado. Dificultou o acompanhamento e a devolução dos mesmos o fato de ter escolhido três jovens da cidade de Passo Fundo, município que fica longe do local de origem do pesquisador e por dificuldade de contato com o assessor dos grupos da PJE deste local.

Na análise realizada a partir dos três portfólios que retornaram, destacaram-se três aspectos: a dimensão estética, os conteúdos abordados pelos jovens e os aprendizados que explicitam.

Sobre a dimensão estética do material, um dos apontamentos feitos durante a entrega do material no início da pesquisa era de que os jovens estavam livres para criarem e organizarem o seu fichário do modo como quisessem. Dos três fichários, um deles teve a capa bastante decorada com símbolos da PJE e com inúmeros adesivos, retratando diversas situações: riso, alegria, sono, dúvidas e amor, conforme é possível perceber na Ilustração 6.



Ilustração 6 – Capa do portfólio do jovem Wagner

O mesmo portfólio da capa decorada apresenta, em seu interior, diversos detalhes que conferem ao fichário uma dinâmica diferenciada. Em cada página, além da escrita, são anexados desenhos, adesivos, fotos e pensamentos extraídos de músicas ou de autores (ver exemplo na Ilustração 7).

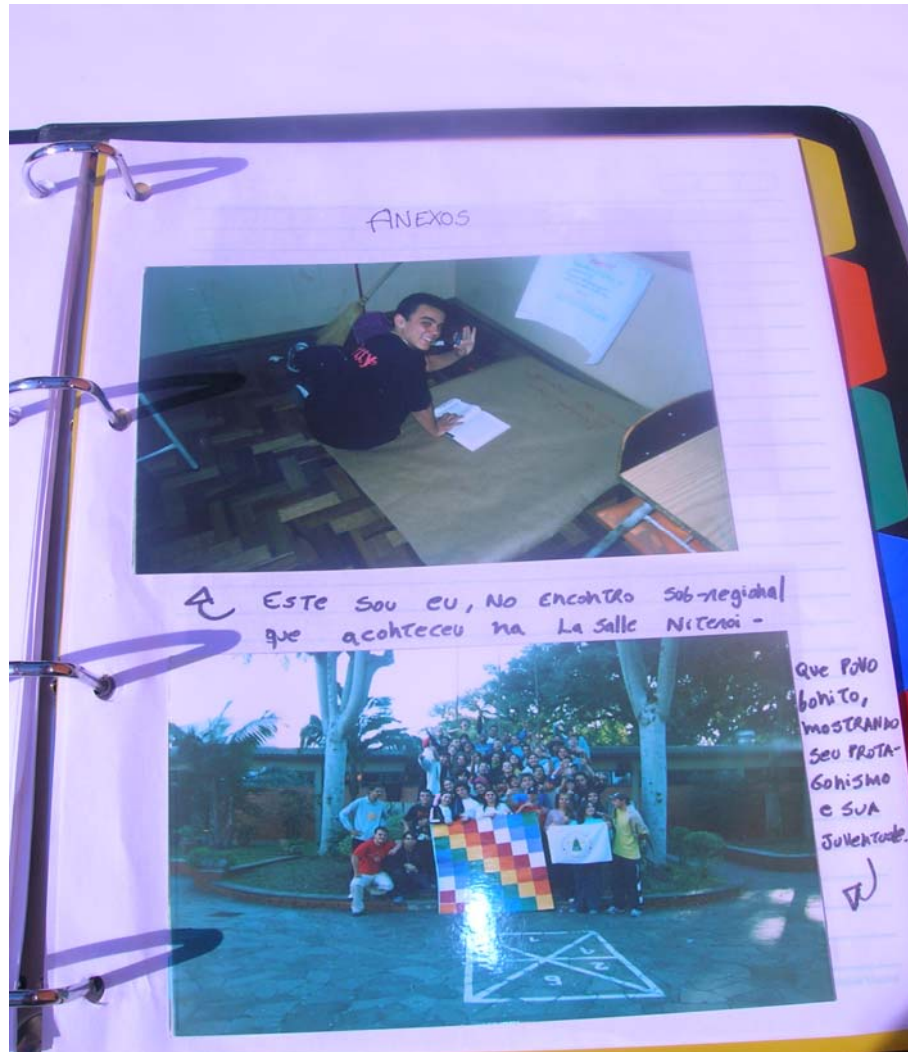


Ilustração 7 – Parte interna do portfólio do jovem Wagner

Os outros dois fichários também trazem elementos estéticos diferenciados, tais como o uso de gliter para sublinhar palavras importantes, cartões, fotos, materiais da PJE (Ilustração 8 e Ilustração 9).

De alguma forma, pode-se perceber que os jovens procuraram transmitir o que vivem nos seus grupos de forma diferenciada, utilizando-se de uma multiplicidade de elementos, como, por exemplo, a imagem, não se restringindo apenas à escrita. Segundo Feixa (2006), o estilo aponta para a manifestação

simbólica das culturas juvenis, que os jovens consideram representativas de sua identidade como grupo. No caso dos jovens pesquisados, os materiais utilizados parecem ser esta manifestação simbólica que faz parte do modo como narram suas experiências e constroem suas identidades.

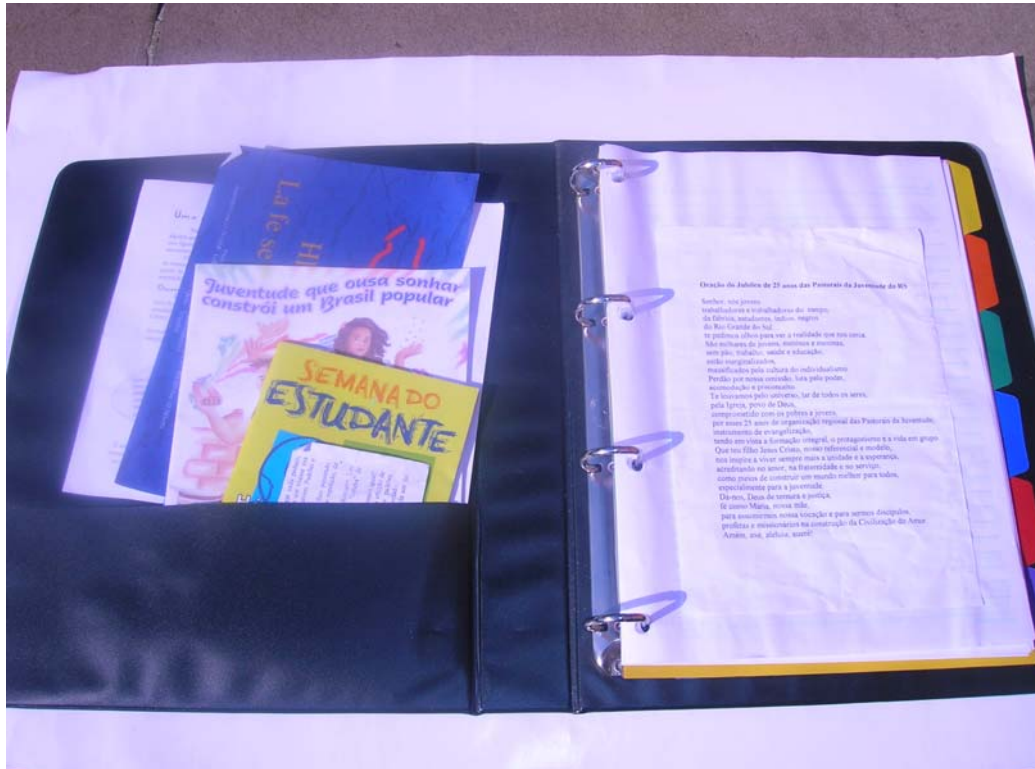


Ilustração 8: Portfólio da Jovem Renata

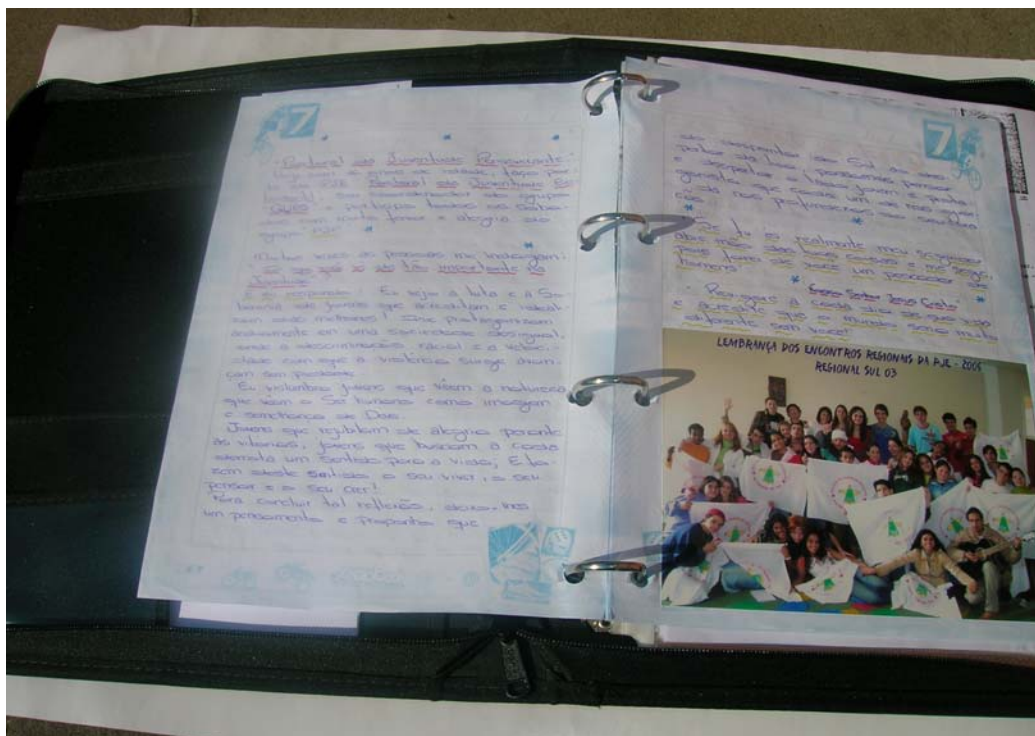


Ilustração 9: Portfólio do jovem Marcos

Quanto aos conteúdos apontados nos portfólios, transparecem, em geral, os elementos que são trabalhados nos seus grupos. Estão presentes conteúdos como o protagonismo juvenil, a preocupação com os estudos, as funções de um líder, resiliência, missões jovens, sexo na adolescência, solidariedade... Num dos fichários é marcante a dimensão da fé. Em diversos segmentos, são feitas alusões à espiritualidade ou até mesmo anexadas orações. O mesmo jovem, além de participar do grupo da PJE de sua escola, participa também do grupo de jovens da paróquia.

Em relação aos aprendizados apontados pelos jovens, podem ser destacados os seguintes, a partir de seus próprios registros:

No grupo aprendi coisas que jamais aprenderei dentro de uma sala de aula, coisas que eu jamais conseguirei explicar e tantas que ocuparei para me tornar uma cidadã consciente e participante na sociedade. (Renata, 16 anos);

Na pastoral eu consigo conhecer a verdadeira Renata, sei lidar melhor com meus sentimentos. (Renata, 16 anos)

Aprendi a fazer algo para melhorar o planeta, do qual nós somos os maiores responsáveis. (Renata, 16 anos)

Começamos a estudar a história da PJE para entrar no clima de uma grande missão que temos pela frente (Wagner, 15 anos)

(...) falamos sobre as tribos que os jovens pertencem e porque acontece isso; começamos a nos reunir em comunidades, contando sobre a nossa história e os nossos projetos. (Wagner, 15 anos)

Ao decorrer do grupo, as pessoas, de algum modo vão amadurecendo e assim podendo estar mais ligadas ao que acontece na sua realidade. (Wagner 15 anos)

Agora estou passando por um processo muito importante no curso de animadores – o projeto de vida -, que é um novo momento onde pude refletir, decidir e compartilhar um pouco mais sobre minha vida. (...) Além disso, projetar a minha vida para coisas futuras, mas tão presentes no meu dia-a-dia (pastoral, escola, família, amigos ...). (Wagner 15 anos)

Estas escritas dos jovens manifestam alguns aprendizados que, segundo os próprios jovens, são vividos a partir da sua participação nos grupos de jovens da PJE. É possível perceber que alguns desses dizem respeito a questões sociais ou da própria pastoral, assim como, outros estão relacionados com a vida dos próprios jovens.

Esta fase da pesquisa serviu para o levantamento das perspectivas de aprofundamento da investigação. Percebeu-se que seria necessária uma

metodologia que pudesse ampliar o levantamento de dados e assim dispor de um corpus empírico mais completo. Para esta continuidade optou-se, então, pela realização dos grupos de discussão.

3.3. Os grupos de discussão²⁹

Na segunda parte da pesquisa buscou-se dar continuidade à perspectiva metodológica que almejou privilegiar a expressão dos jovens sujeitos do estudo. Para tanto foi utilizada a metodologia dos grupos de discussão. Com o objetivo de explicitar as bases teóricas e históricas deste método buscou-se aprofundar quais são os seus principais elementos constituintes.

O grupo de discussão pode ser caracterizado como uma reunião entre seis a dez pessoas, que são convidadas a debater sobre um determinado assunto com a ajuda de um moderador. Ao iniciar a experiência, o grupo de discussão ainda não é um grupo como tal. A formação do grupo é o horizonte da prática de investigação, que passa a se constituir a partir do momento em que os envolvidos se referem a um *nós* que não é dado *a priori*. Pode-se entender que é a partir do discurso, da fala que se constitui o grupo (Callejo, 2001).

Segundo Callejo (2001), Jesus Ibañez é o autor que apresenta uma definição mais ampla e acertada do que é um grupo de discussão, ao afirmar que

Un grupo de discusión es un dispositivo analizador cuyo proceso de producción es la puesta de colisión de los diferentes discursos y cuyo producto es la puesta de manifiesto de los efectos de la colisión (discusión) en los discursos personales y en los discursos grupales (consenso) (IBÁÑEZ *apud* CALLEJO, 2001, p. 26)

Tal definição aponta para a perspectiva de que o grupo de discussão não se liga apenas às opiniões dos indivíduos em particular, mas, através da interação, também coloca em debate discursos grupais.

²⁹ A metodologia dos Grupos de Discussão empregada nesta pesquisa tem inspiração principalmente na tradição espanhola sobre a temática, notadamente, no autor Javier Callejo. A teoria não é seguida em todos os seus aspectos metodológicos, visto que o tema central da pesquisa não está centrado nos grupos de discussão. Também não é realizada, no presente estudo, uma diferenciação da tradição espanhola para outras, tais como a anglo-saxônica.

Uma questão fundamental para a pesquisa refere-se às vantagens ou motivos que levam a lançar mão de tal metodologia. O método a ser utilizado deve condizer com o problema principal da pesquisa e possibilitar que se alcancem as informações necessárias para compor o corpus empírico da investigação. Considerando que a presente investigação tem como objeto principal os aprendizados de jovens que participam de uma experiência grupal, buscou-se uma metodologia que pudesse abarcar as experiências de aprendizado dos jovens da PJE nos grupos em que participam ou já participaram a partir de suas próprias falas. Entre os possíveis métodos a serem adotados foi realizada a opção pelos grupos de discussão.

Para Callejo (2001) o grupo de discussão se configura como o instrumento para produzir certos dados que seriam inacessíveis sem a interação que se obtém num processo grupal.

Segundo Mangold,

A opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas. A participação de cada membro dá-se de forma distinta, mas as falas individuais são produtos da interação mútua. (MANGOLD *apud* WELLER, 2006, 245).

Tal metodologia, assim, permite não apenas conhecer as experiências e opiniões dos participantes, mas também as vivências coletivas de um determinado grupo. Weller (2006, p. 250) aponta cinco vantagens na utilização deste método, principalmente na pesquisa com adolescentes e jovens:

1. Como no grupo de discussão os participantes são da mesma faixa etária, ficam mais à vontade para utilizar seu próprio vocabulário durante a discussão, promovendo, assim, um diálogo que reflete melhor a realidade cotidiana;
2. A discussão entre membros que pertencem ao mesmo meio social possibilita perceber detalhes de seu convívio, que não são captados através de uma entrevista ou de outra técnica;
3. Mesmo que a presença do pesquisador e do gravador gere uma situação distinta a de uma conversa cotidiana, os jovens acabam, ao longo da discussão, estabelecendo diálogos interativos muito próximos daqueles travados em momentos informais;
4. A discussão em grupo exige um grau de abstração maior do que a entrevista individual, uma vez que durante a entrevista os jovens são convidados a refletir e

expressar suas opiniões sobre um determinado tema. O grupo de discussão também pode levar a conclusões sobre as quais os jovens ainda não haviam refletido nesse grau de abstração;

5. O grupo pode corrigir fatos distorcidos, posições radicais ou visões que não refletem a realidade socialmente compartilhada. Estando entre os membros do próprio grupo, os jovens dificilmente conseguirão manter um diálogo com base em histórias inventadas. Nesse sentido, é possível atribuir um grau maior de confiabilidade aos fatos narrados coletivamente.

Callejo (2001), por sua vez, destaca três elementos fundamentais para explicitar a relevância dos grupos de discussão na investigação social. O primeiro é o fato de que a prática antecipa a teoria e a investigação empírica valida experiências grupais através da interatividade e da espontaneidade estabelecida entre os participantes. O segundo elemento supõe que quando há sujeitos ativos a pesquisa deve adotar formas de observação mais flexíveis, que a considerem como uma relação entre sujeitos. Já o terceiro elemento é o dado de que existe um crescente interesse pelas formas de circulação e recepção social dos discursos.

Tais aspectos foram percebidos na experiência dos grupos de discussão realizados com os jovens participantes desta pesquisa. O primeiro destaque é que, através da discussão espontânea realizada no grupo, os indivíduos elaboram uma sistematização de sua experiência no momento próprio da discussão. Os aprendizados explicitados na interação revelam aspectos que são trabalhados nos grupos de PJE, destacando elementos que a pastoral se propõe a desenvolver. Quanto ao que Callejo destaca sobre opção por modelos flexíveis de observação, quando há sujeitos ativos envolvidos na pesquisa, procurou-se adotar nos grupos de discussão uma perspectiva aberta, onde os jovens pudessem interagir e o pesquisador ficava apenas como mediador das falas. A respeito deste aspecto é possível destacar que:

A conversação é compreendida no sentido de “processo livre, aberto, democrático, informal, onde os indivíduos se podem manifestar tal como são, sem se sentir presos a papéis determinados” (Woods, 1987 apud Sarmiento, 2003, p.162), de modo a possibilitar que a conversa possa fluir numa relação amistosa, permitindo a espontaneidade, seguindo devagar suas derivas e percorrendo com atenção os seus espaços de silêncio. (Sarmiento, 2003, p.162-163)

A referência de Sarmiento denota a preocupação em tornar o grupo de discussão um espaço que permita a livre expressão dos jovens. Quanto menos pressionados estiverem, melhor poderão discorrer sobre suas experiências e mais facilitada será a interação com os demais participantes da conversação.

Os três elementos apontados por Callejo complementam a visão de Weller no sentido de enfatizar a importância do método dos grupos de discussão na pesquisa com jovens, que é adotado nesta investigação.

Além da relevância do uso do método dos grupos de discussão, outra questão importante é compreender quais são os seus principais elementos teóricos e o histórico de sua utilização. Motiva este aprofundamento o fato desta metodologia ter sido utilizada com maior destaque apenas a partir do ano 1980 e, portanto, pode ser considerada relativamente nova. Ao mesmo tempo considera-se importante perceber quais são os aspectos teóricos que fundamentam o método, visto que o mesmo tem em sua origem em diversas vertentes.

3.3.1 Elementos teóricos e históricos dos grupos de discussão

Segundo Weller “os grupos de discussão passaram a ser utilizados na pesquisa social empírica pelos integrantes da Escola de Frankfurt a partir dos anos 50 do século passado” (2006, p. 244). Contudo, o embasamento teórico deste método só foi realizado no final dos anos 70, ancorado no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia³⁰. Com estes referenciais os grupos de discussão passaram a se caracterizar como um método e não apenas como uma técnica de pesquisa de opiniões.

Nos anos 60 o pesquisador Werer Mangold, em sua tese de doutorado, analisou as pesquisas empíricas que haviam sido realizadas pela Escola de Frankfurt. Seus estudos resultaram numa das primeiras críticas a respeito de como os dados eram analisados. Ele deu um novo sentido aos grupos de discussão,

³⁰ Além dessas bases, Callejo aponta outras correntes que contribuem para a fundamentação teórica dos grupos de discussão: a proposta dialógica de Ibáñez, a análise do discurso, a sociolinguística, o modelo dialógico e a reflexividade. (CALLEJO, 2001, p. 39 a 63)

transformando o método em um instrumento que explorava não só as opiniões individuais, mas também as coletivas (Weller, 2006, p. 245).

O interesse de Mangold era conhecer as vivências coletivas de certo grupo ou as posições comuns de uma determinada classe social e não apenas as experiências e opiniões dos entrevistados. Seu pressuposto era de que as opiniões relatadas pelo grupo não são tentativas de ordenação ou o resultado de uma influência mútua no momento da pesquisa. Essas opiniões representam basicamente as orientações coletivas ou as visões de mundo do grupo social ao qual os participantes pertencem (Mangol apud Weller, 2006, p. 245).

Weller também refere que o sociólogo Ralf Bohnsack, que fora assistente de Mangol, ao falar do método dos grupos de discussão enfatiza que

As discussões realizadas com grupos reais devem ser vistas como representações de processos estruturais [...] que documentam modelos que não podem ser vistos como casuais ou emergentes. Esses modelos remetem ao contexto existencial compartilhado coletivamente por esses grupos, ou seja, às experiências biográfico-individuais e biográfico-coletivas, que, por sua vez, estão relacionadas às experiências comuns como membros de um meio social e de uma mesma geração, às experiências como homens e mulheres, entre outras, e que em um grupo de discussão são articuladas por meio de um modelo coletivo de orientação. (BOHNSACK *apud* WELLER, 2006, p. 245)

Tal afirmação, relativamente às experiências individuais diretamente relacionadas às experiências comuns que são vividas pelos indivíduos, também foram constantes nesta pesquisa, uma vez que jovens, que têm uma individualidade própria, foram confrontados com outros jovens que possuem a mesma experiência em comum, neste caso, a participação em grupos de jovens da PJE.

A contribuição de Ralf Bohnsack (*apud* Weller, 2006) acrescenta ainda novos elementos à teoria dos grupos de discussão, quando propõe um método de análise denominado método documentário de interpretação. Este método rompe, de certa forma, com a tradição interacionista presente em diversas pesquisas da década de 70, onde os grupos pesquisados e o contexto social eram deixados em segundo plano. Suas proposições apontam para uma dupla perspectiva de análise. De um lado aborda a parte interna, onde reconstrói o modelo de orientação por meio do qual os participantes do grupo interagem e verifica a emergência e a processualidade dos fenômenos interativos. Por outro lado, destaca a perspectiva

externa, que está voltada para a análise da representatividade dos fenômenos interativos numa certa estrutura (*apud* Weller, 2006, p. 246).

Segundo Weller, somente na década de 80 é que os grupos de discussão começam a ganhar maior espaço como metodologia de pesquisa, principalmente nos estudos sobre juventude³¹. Tal metodologia tem contribuído na análise de fenômenos típicos dessa fase da vida, permitindo a elaboração de diferentes tipologias de estudo, tais como: de desenvolvimento, geracional, meio social, formação educacional, gênero, etc.

O método de pesquisa dos grupos de discussão apresenta-se como uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos indivíduos. Daí a escolha para a pesquisa desenvolvida e aqui apresentada.

3.3.2 Delineando os caminhos investigativos

A partir da definição metodológica dos grupos de discussão, o passo seguinte foi estruturar como os mesmos seriam formados para a pesquisa. Foi estabelecida a organização de três grupos de discussão. O primeiro, com jovens que participaram por certo período na PJE e que hoje não tem mais vínculo com a pastoral. O segundo, com jovens que estão nas coordenações da PJE e que participam a mais tempo na pastoral. O terceiro, com jovens iniciantes e que, atualmente, estão nos grupos da PJE.

Diante desta definição, buscou-se organizar cada um dos três grupos de acordo com alguns elementos que foram necessários considerar, tais como a seleção dos participantes, o espaço para os encontros, a representatividade do grupo, a apresentação do tema e duração do encontro, o moderador e o assistente.

A seleção dos participantes foi baseada pelo critério definido por Anselm Strauss como amostra teórica (STRAUSS *apud* WELLER, 2006, p. 248). Neste processo, o critério seletivo não é orientado por uma amostra representativa de

³¹ Para WELLER (2006, p. 246), apesar da ênfase nas pesquisas com jovens o método também tem sido aplicado em estudos com crianças (Nentwing-Gesemann, 2002), com portadores de necessidades especiais (Wagner-Willi, 2002) e adultos de distintas gerações (Shäffer, 2003).

modo estatístico, mas pelo estabelecimento de um *corpus* que tem como base a experiência que os jovens tiveram na Pastoral da Juventude Estudantil.

Segundo Pais (2003), na estratégia de pesquisa formal é importante garantir a representatividade de jovens conforme diferentes características: classe de origem, situação frente ao trabalho, sexo, etc. No caso desta investigação todos os jovens apresentam um elemento em comum, que é a participação nos grupos da PJE. Contudo, além deste, existem aspectos que diferenciam os jovens participantes. Esta diferenciação pode ser percebida a partir dos critérios utilizados na definição dos integrantes da pesquisa. Para a seleção dos jovens do grupo de egressos, foram adotados os seguintes critérios:

- a) mínimo de três anos de participação na PJE³²;
- b) idade máxima de 29 anos³³;
- c) representatividade de gênero³⁴;
- d) não estar mais participando da pastoral em nenhuma de suas instâncias.

A partir desses critérios, o passo seguinte foi o de contatar jovens que os atendessem. Callejo (2001) destaca que a seleção dos participantes para um grupo de discussão é um processo e, por vezes, apresenta dificuldades, principalmente em se conseguir contatar pessoas que tenham o perfil indicado para o grupo. Neste caso, a dificuldade inicial para selecionar jovens egressos foi o fato destes não manterem mais vínculo com a pastoral.

A primeira forma de contato foi buscar na Secretaria Estadual da PJE³⁵ a relação de jovens que participaram da Coordenação Estadual entre os anos 2001 e 2004, uma vez que estes atendiam os critérios estabelecidos. A partir de uma seleção inicial de doze nomes procedeu-se à tentativa de localização destes jovens. Alguns destes contatos foram possíveis fazê-los rapidamente, pois já eram conhecidos do pesquisador ou trabalhavam em instituições também conhecidas. Outros, porém, foram mais difíceis, pois moravam em outras cidades, como foi o

³² Mesmo com este critério, uma das convidadas teve apenas dois anos de participação na PJE. O colega dela que a indicou achava que ela tivesse mais tempo de participação. Este fato só foi percebido quando chegou a sua ficha de inscrição. Mesmo assim, ela foi mantida para o grupo, visto que o convite já havia sido feito.

³³ É idade cronológica considerada para a juventude no Brasil atualmente. Como a pesquisa é com jovens, buscou-se não convidar pessoas egressas da PJE acima de 29 anos.

³⁴ Feixa (2006) destaca que a maior parte dos estudos sobre juventude são sobre os jovens do sexo masculino. Por isso, aqui, a idéia foi fazer a pesquisa tendo em vista a representatividade de gênero.

³⁵ Situada na Rua Lageado, 1300, Bairro Niterói, Canoas- RS.

caso de duas jovens de Caxias do Sul. Contatou-se com estes jovens a partir de outros colegas convidados para a pesquisa.

Após o primeiro contato, sete dos doze jovens contatados confirmaram a participação. Como a intenção era organizar os grupos com aproximadamente dez jovens, percebeu-se que seria conveniente estender o convite a mais três jovens. O modo para resolver a situação foi pedir sugestões aos jovens confirmados, para que indicassem outros jovens que conhecessem e que tivessem participado da PJE no período próximo ao de suas inserções.

De posse destas indicações foram selecionados mais três jovens, compondo, assim, um grupo de dez participantes. Porém, no dia marcado para o grupo de discussão, somente sete, dos dez confirmados, compareceram. O perfil dos participantes pode ser conferido na tabela 4. Relacionando com os critérios estabelecidos anteriormente, percebe-se que o tempo de participação na PJE variou de 2 a 10 anos. A idade compreendeu entre 22 e 27 anos, sendo que somente uma das participantes não atendeu ao critério de três anos de participação estabelecido. Relativamente ao gênero, obteve-se a presença de quatro rapazes e três moças, o que corresponde ao equilíbrio previsto na proposta seletiva. Dos sete participantes, nenhum deles mantém vínculo direto com a PJE. A representatividade geográfica não havia sido definida como critério, mas percebe-se pelo quadro que todos os jovens são da Região Metropolitana de Porto Alegre, sendo cinco de Sapucaia do Sul e dois de Esteio.

Nome³⁶	Idade	Cidade	Tempo de Pastoral
1. Cristian	22 anos	Sapucaia do Sul	8 anos
2. Milena	24 anos	Esteio	10 anos
3. Sabrina	25 anos	Esteio	6 anos
4. Gérson	26 anos	Sapucaia do Sul	5 anos
5. Cláudio	26 anos	Sapucaia do Sul	6 anos
6. Marcos	27 anos	Sapucaia do Sul	6 anos
7. Gabriela	27 anos	Sapucaia do Sul	2 anos

Tabela 04: Grupo de discussão 1 – Jovens egressos da PJE

Depois do primeiro contato e de receber as fichas com os dados dos participantes, foi possível constatar que todos têm trabalho formal ou são

³⁶ Os nomes originais dos participantes foram substituídos por pseudônimos para preservar a identidade dos jovens envolvidos na pesquisa.

estagiários, daí porque o grupo de discussão foi realizado num sábado, de modo que todos pudessem participar. Callejo (2001, p. 98) destaca alguns pontos práticos importantes sobre o espaço para realizar o encontro do grupo de discussão. Em sua proposição, este espaço necessita:

- Preferencialmente ser conhecido e de fácil acesso;
- Ser, até certo ponto, isolado de movimento e ruídos exteriores;
- Possuir dimensão suficiente para acomodar nove ou dez pessoas;
- Que não seja dissonante para os participantes (exemplo: um encontro de operários num hotel luxuoso);
- Disponha de lanches, principalmente sucos e cafés;
- Tenha, ao menos, uma janela para que os participantes não se sintam angustiados.

Diante destas indicações o espaço escolhido foi uma sala próxima à secretaria estadual da PJE. Como a discussão com o grupo dos egressos aconteceu num sábado pela manhã, foi muito tranquilo em relação aos aspectos exteriores, principalmente os ruídos e movimentações. Antes da chegada dos participantes, numa sala próxima àquela que seria utilizada para o grupo de discussão, foram providenciados café, chimarrão e biscoitos. À medida que os jovens foram chegando e se apresentando, transcorreram conversas informais. Quase todos se conheciam, mas fazia muito tempo que não tinham contato. O início da discussão atrasou um pouco, pois três participantes não chegaram no horário previsto. Depois de esperar por um tempo e ter a confirmação de que não viriam, o grupo foi dirigido para a sala onde foi realizada a discussão.

Na sala, previamente organizada em forma de círculo, foram retiradas as cadeiras excedentes e o grupo reorganizado, levando em conta a quantidade dos participantes presentes. Ao centro ficou uma pequena mesa, onde foram dispostos os gravadores de áudio. Antes de iniciar a discussão foi distribuído para cada participante um crachá com o seu nome para facilitar a identificação. Callejo (2001, p. 145) destaca que é importante identificar os membros do grupo e cada uma das suas intervenções, pois este procedimento permite uma identificação clara das falas no momento da transcrição das gravações.

Além dos jovens participantes, o grupo de discussão contou ainda com a presença do pesquisador³⁷ no papel de moderador e a de uma assistente. Callejo destaca que “para conduzir um grupo de discussão, é conveniente ao moderador ter presenciado, como assistente ou como observador um encontro coordenado por alguém com experiência” (2001, p. 119 – tradução nossa). Para adquirir elementos suficientes que me capacitassem para desenvolver o papel de moderador, recorri aos materiais utilizados nos grupos de discussão da pesquisa intitulada “Narrativas de jovens: contextos e experiências de participação sociocultural”, desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS³⁸. Tive contato com professores que moderaram e com colaboradores que foram assistentes dos grupos de discussão realizados durante a pesquisa. Também foi possível acessar o material completo da pesquisa, arquivado no acervo da UFRGS³⁹, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Sobre a figura do moderador, Callejo destaca alguns aspectos a serem observados

O moderador é o *motor* do grupo de discussão, que leva o grupo aos objetivos da investigação. [...] O moderador deve ter em mente que se busca a opinião e manifestações dos participantes, motivados por ele. Como *motor* do grupo, o papel principal do moderador é deixar falar. (CALLEJO, 2001, p. 121) (Tradução e grifos nossos)

Estas ponderações permitem perceber que o moderador não é a figura principal da discussão, mas o motivador, o mediador, não sendo, assim, participante como os demais. Para tanto, não deve emitir suas opiniões ou fazer acenos de concordância ou discordância frente às manifestações dos envolvidos.

Acerca da condução de um grupo de discussão, Weller (2006), apoiada em Bohnsack (1999), apresenta uma relação de aspectos que, se levados em

³⁷ Como moderador, esta foi a minha primeira experiência numa pesquisa acadêmica. Já havia participado de um grupo de discussão como observador no ano de 2004 durante a pesquisa da Tese de Doutorado de Lúcio Jorge Hammes, que teve como título “Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis”. A mesma foi defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, em 2005.

³⁸ Esta pesquisa envolveu jovens participantes em ações solidárias e teve como metodologia de pesquisa grupos de discussão. O seu período de realização foi em 2004-2005 e 2006-2007. A mesma esteve sob a coordenação da Professora Maria Stephanou, UFRGS, orientadora desta dissertação.

³⁹ Dos documentos arquivados, foram analisados especialmente as fichas de inscrição, os registros dos observadores dos grupos de discussão, os roteiros preparados previamente aos grupos de discussão e também as transcrições das gravações realizadas.

consideração, auxiliam o moderador a exercer melhor a sua função. Na visão de Bohnsack o pesquisador deverá

Estabelecer um contato recíproco com os participantes e proporcionar uma base de confiança mútua; dirigir uma pergunta ao grupo como um todo e não a um integrante específico; iniciar a discussão com uma pergunta vaga, que estimule a participação e interação entre os integrantes; permitir que a organização ou ordenação das falas fique a encargo do grupo; formular perguntas que gerem narrativas e não a mera descrição de fatos. Deve-se evitar, portanto, as perguntas *por que* e priorizar aquelas que perguntam *pelo como*. (apud WELLER, 2006, p. 249)

Tais orientações auxiliaram-me sobremaneira, visto que, como pesquisador oriundo da PJE, tive que ter o auto-controle para apenas conduzir a discussão sem emitir minhas opiniões ou posições.

Além da figura do moderador, Callejo (2001, p. 125) aponta para a importância de se incorporar no grupo de discussão um assistente, que se configura como um colaborador do pesquisador, sem participação ativa no debate. Ele permanece junto ao grupo durante o encontro e faz observações escritas, que posteriormente possam ser discutidas com o moderador.

No caso desta pesquisa, foi convidada como assistente uma colaboradora, também pesquisadora da UFRGS, que já havia participado de outros grupos de discussão desempenhando este papel⁴⁰. Ela teve participação nos três grupos de discussão realizados durante a pesquisa. Além de fazer observações sobre o processo do grupo, a assistente teve a função de registrar a ordem das falas de cada um dos integrantes a fim de auxiliar na transcrição posterior. Numa tabela específica eram anotadas por ela a primeira palavra da fala de cada participante e, ao lado, o número correspondente que estava no crachá de cada um⁴¹. Este processo facilitou sobremaneira as transcrições, pois nem sempre é possível identificar a voz de todos os participantes, principalmente quando estes são desconhecidos.

Após a apresentação de como se configurou a organização do grupo, é importante destacar o desenrolar do encontro. No primeiro momento, como

⁴⁰ Refere-se aqui à pessoa da Fernanda Lanhi da Silva, mestranda e integrante da linha de pesquisa Educação, culturas, memórias, ações coletivas e estado, do PPGEDU-UFRGS e do mesmo grupo de orientação.

⁴¹ Para facilitar a localização na transcrição, cada integrante do grupo marcou no seu crachá a ordem em que estava sentado no círculo de cadeiras. Deste modo, a assistente não precisou registrar o nome todas as vezes que alguém falava, pois registrava seu número e suas primeiras palavras em cada intervenção.

pesquisador e moderador, foram dadas as boas vindas, agradecendo-se a presença dos jovens. Também foram retomados os objetivos da pesquisa, anteriormente explicitados na carta-convite enviada. O momento seguinte foi de apresentação dos participantes, destacando questões gerais sobre sua identificação (nome, onde mora, trabalho, tempo de participação na PJE, há quanto tempo não está mais na pastoral).

A partir de um roteiro prévio (anexo 5), elaborado para orientar as discussões, foram lançadas algumas questões a serem debatidas pelo grupo. Segundo Weller (2006, p. 249) “o roteiro não é algo a ser seguido a risca e tampouco é apresentado aos participantes do grupo, para que não fiquem com a impressão de que se trata de um questionário de perguntas e de respostas estruturado previamente”. A autora destaca, porém, que não se trata de um processo sem critérios na condução da discussão. O melhor procedimento é aquele que gera a discussão a partir dos temas que se pretende investigar, porém não na forma de questões diretas e lidas, mas de questões informais que são propostas pelo moderador. Para tanto, é fundamental que o mesmo tenha bem presentes as questões a serem discutidas pelo grupo.

No caso do grupo de egressos da PJE, iniciou-se questionando de modo amplo, sobre o início da participação de cada um nos grupos da pastoral e, aos poucos, a discussão foi sendo aprofundada a partir do foco principal da pesquisa, os aprendizados que tiveram nos grupos da PJE.

As falas neste grupo foram bastante espontâneas e travou-se uma discussão aprofundada sobre as questões propostas. A discussão transcorreu quase que completamente por conta do grupo, sem grandes intervenções do moderador. A fala foi bastante compartilhada entre os participantes e houve poucos momentos de silêncio entre as intervenções.

Outro aspecto salientado por Callejo (2001, p. 141) diz respeito ao tempo do encontro, uma vez que o autor sugere ser conveniente dispor de uma hora e meia a duas horas de duração. No caso do grupo de egressos, a duração foi de uma hora e quarenta e cinco minutos.

Ao final do primeiro grupo de discussão foi realizada uma interlocução com a assistente acerca de suas percepções durante o desenrolar o grupo. A mesma fez algumas observações significativas, principalmente sinalizando que, como moderador, o pesquisador havia feito intervenções em dois momentos como se estivesse emitindo parecer sobre o assunto em discussão. Tal fato foi importante

para que, na realização dos dois grupos posteriores, os comentários fossem evitados.

O segundo grupo de investigação foi organizado com jovens que são coordenadores da PJE e participam de alguma instância da pastoral. Como referido antes, na pastoral são consideradas instâncias todos os espaços de coordenação, de alguma função específica que é assumida por um jovem ou um assessor. Segundo o Marco Referencial da PJE

As instâncias existentes na PJE são espaços de representação a serviço dos grupos. Nos diversos níveis (escola, sub-regional, diocese, e nacional) ocorrem reuniões, assembléias, encontros, cursos, etc. Cada nível possui as instâncias necessárias para sua melhor organização. Geralmente são compostas de uma coordenação, comissão de assessores, secretaria e assessoria, principalmente em nível regional e nacional. (PJE, 2005, p. 143)

Com o objetivo de contatar os jovens que correspondessem a este critério, os primeiros jovens a serem identificados foram os atuais membros da Coordenação Regional da PJE (CRPJE), no Estado do Rio Grande do Sul. O contato foi feito diretamente na Secretaria Estadual da PJE, em Canoas. Além dos jovens da CRPJE foi convidada a secretária nacional da PJE⁴², que fez parte da coordenação em 2007, visto que a mesma mora em Sapucaia do Sul, o que facilitou sua presença no grupo de discussão.

Para a organização deste grupo adotou-se um único critério: ser membro de uma das instâncias da PJE. A partir deste critério, os demais já seriam atendidos, pois para participar de qualquer instância de coordenação da PJE o jovem deve ter uma experiência de no mínimo dois anos na pastoral (PJE, 2005, p. 145-152).

O convite foi feito através de uma carta direcionada aos jovens membros da CRPJE (Anexo 6). A oportunidade para a entrega do convite aconteceu no mês de maio, ocasião em que foi realizado um encontro estadual da PJE, na cidade de São Leopoldo. No encontro estavam presentes todos os jovens da CRPJE, o que possibilitou aproveitar a ocasião e distribuir os convites. A confirmação dos participantes foi realizada através de correio eletrônico.

⁴² A sede da secretaria nacional da PJE é sempre localizada no estado de origem do/a jovem eleito para a função. Como, no momento, a secretária nacional é do Rio Grande do Sul e mora na região metropolitana de Porto Alegre, aproveitou-se o fato para convidá-la a integrar o grupo de discussão, visto que ela já havia participado da CRPJE do RS no ano anterior.

A maior dificuldade para organizar este grupo de discussão foi definir uma data em que os jovens pudessem participar. Vários deles trabalham, estudam ou têm atividades extra-curriculares, motivos que restringem muito o tempo de que dispõem. Tal constatação repercutiu na confirmação de apenas seis jovens para o segundo grupo de discussão.

A composição do grupo foi confirmada conforme o quadro abaixo:

Nome⁴³	Idade	Cidade	Tempo de Pastoral
1. Melissa	15 anos	Porto Alegre	3 anos
2. Everton	17 anos	Pelotas	4 anos
3. Cláudia	17 anos	Sapucaia do Sul	4 anos
4. Lílian	18 anos	Canoas	5 anos
5. Taís	18 anos	Sapucaia do Sul	5 anos
6. Marta	20 anos	Sapucaia do Sul	5 anos

Tabela 5: Grupo de discussão 2 – Jovens coordenadores da PJE

Dos jovens participantes, no segundo grupo, a idade variou entre 15 e 20 anos. A média de tempo na pastoral oscilou entre 3 a 5 anos. Considerando a idade e o tempo de atuação na pastoral, é possível perceber que o ingresso nos grupos de jovens acontece bastante cedo na vida desses jovens, por volta dos 13 anos.

A procedência dos jovens é na sua maioria da região metropolitana de Porto Alegre, com exceção de um participante da cidade de Pelotas. Chamou a atenção na composição do grupo o fato de duas jovens, que atualmente vivem em Porto Alegre e Sapucaia do Sul, terem se transferido do interior para a região metropolitana, segundo seus dizeres, por causa da PJE. Uma das jovens é oriunda de Carazinho (região norte do Estado) e a outra de Pelotas (região sul). Elas relataram que se mudaram com o objetivo de melhor contribuir com a articulação da PJE nas escolas e para desempenharem melhor a função de coordenação regional.

A realização do grupo de discussão com os jovens coordenadores aconteceu no mesmo local do primeiro grupo. O dia marcado, porém, foi durante a semana, numa quarta-feira, à tarde. O encontro teve a presença de seis jovens, do moderador (pesquisador) e da assistente (a mesma do primeiro grupo). O tempo de duração deste encontro foi de uma hora e quarenta e um minutos.

⁴³ Os nomes originais dos participantes foram substituídos por pseudônimos para preservar a identidade dos jovens envolvidos na pesquisa.

Para a dinamização do encontro deste grupo de discussão, também foi organizado um roteiro orientador (anexo 7), com questões que foram colocadas para o desenrolar da conversa. A diferença neste grupo em relação ao primeiro, é que foi introduzido um aspecto novo na metodologia da discussão. Logo após a introdução e apresentação dos objetivos da pesquisa, realizadas pelo moderador, os participantes foram convidados a escolher uma figura, dentre as várias que estavam dispostas em uma mesa de centro da sala. As imagens referiam-se a diversas realidades tais como jovens em grupo, jovens sozinhos, situações de sala de aula, obras de arte e mobilização política. (ver alguns exemplos através das ilustrações nº 10, 11, 12 e 13).

Ao selecionar a figura, os jovens deveriam observar qual delas identificava melhor aquilo que viviam como jovens. A mesma imagem foi utilizada para a apresentação individual de cada participante, onde destacavam, além dos dados pessoais de identificação, os motivos pelos quais a imagem havia sido selecionada.

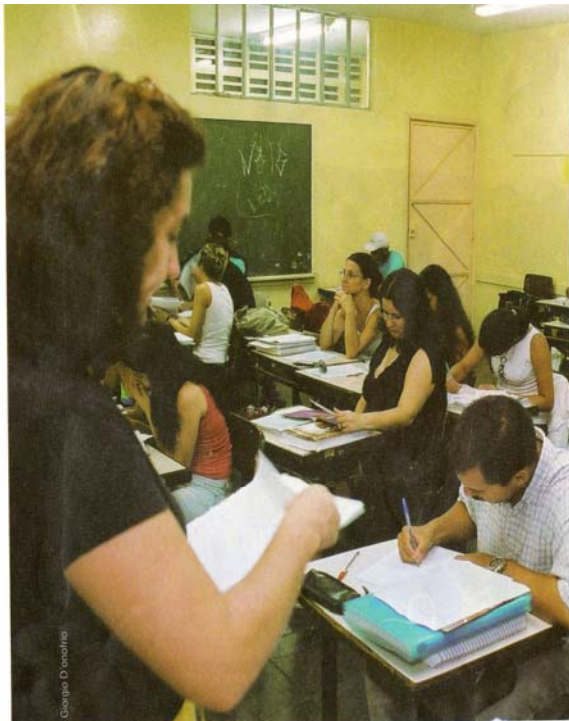


Ilustração 10: Sala de aula

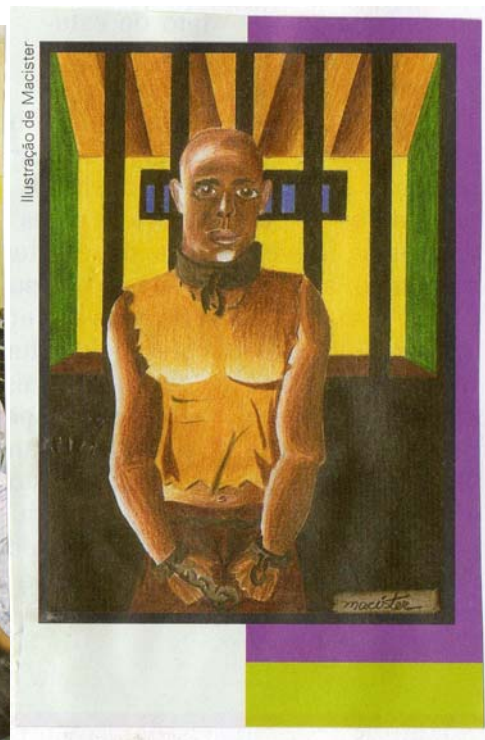


Ilustração 11: Obra de arte



Ilustração 12: Jovens em grupo



Ilustração 13: Mobilização política

Tal recurso foi introduzido com o objetivo de facilitar a espontaneidade do grupo, de modo que cada um pudesse iniciar falando de suas próprias características, dinâmica que pode ser definida, como sugere Callejo, como um elemento provocador da fala. Em suas palavras,

La presentación del tema también es una provocación. Há de empujar a los reunidos a hablar. No basta invitar a hablar sobre un tema. Hay que presentarlo de tal manera que se desencadene una reacción. Ibañez, quien defiende el término provocación, dice que “provocar” viene de “hacer hablar” para que “se diga lo no dicho”. Es decir, tiene que poseer cierto carácter energético. La provocación solo puede proceder de la selección del tema que se propone discutir. (CALLEJO, 2001, p. 115)

Callejo destaca a importância de ter um elemento provocador da discussão e não se limitar a um convite para a fala. O objetivo da apresentação das imagens demonstrou ter sido uma ótima provocação para os jovens participantes, pois a partir delas puderam iniciar falando de suas experiências, suas crenças, seus sonhos, etc. A partir da apresentação dos participantes a discussão transcorreu de modo bastante informal e de forma intensa por parte de todos os jovens.

O terceiro e último grupo de discussão realizado durante a pesquisa abordou os aprendizados dos jovens iniciantes, ou seja, jovens que estão começando a sua experiência na PJE e que participam regularmente dos encontros do seu grupo. Os critérios para selecionar os jovens deste grupo foram:

- a) ter no mínimo um ano de participação num grupo de PJE e estar participando regularmente dos encontros do grupo;
- b) ter no mínimo 15 anos⁴⁴;
- c) representatividade de gênero⁴⁵.

Para selecionar estes jovens buscou-se o auxílio de assessores adultos que acompanham os grupos da PJE em quatro escolas particulares e confessionais, da Região Metropolitana de Porto Alegre. Foi encaminhada uma carta aos assessores (anexo 8) explicitando os objetivos da pesquisa e orientando como deveria ser a seleção dos participantes. Juntamente à carta, foram enviados os convites para os jovens participantes e os termos de consentimento informado. Para estes jovens foi

⁴⁴ Baseado no Conselho Nacional de Juventude do Brasil (CONJUVE), que para fins de políticas públicas, considera jovem pessoa que tem entre 15 e 29 anos. <http://www.juventude.gov.br>. Acessado em 20 de maio de 2008.

⁴⁵ Mesmo critério adotado no primeiro grupo de discussão.

solicitado que o assessor do grupo se responsabilizasse pela condução dos jovens até o local da realização do grupo de discussão⁴⁶.

A configuração do grupo de jovens iniciantes resultou conforme demonstra o quadro abaixo:

Nome⁴⁷	Idade	Cidade	Tempo de Pastoral
1. Deise	14 anos	Canoas	2 anos
2. Bernardo	15 anos	Sapucaia do Sul	1 ano
3. Ketlen	15 anos	Canoas	1 ano
4. Janaína	15 anos	Porto Alegre	2 anos
5. Nilson	15 anos	Canoas	1 ano
6. André	16 anos	Porto Alegre	1 ano
7. Wellington	16 anos	Canoas	2 anos
8. Juliana	17 anos	Sapucaia do Sul	3 anos
9. Vilson	17 anos	Canoas	4 anos
10. Bárbara	17 anos	Canoas	2 anos

Tabela 6: Grupo de Discussão 3 – Jovens iniciantes da PJE

Este grupo contou com a presença de dez membros. Os mesmos são oriundos de quatro escolas, sendo que de cada uma foram convidados dois jovens, com exceção de uma escola em que foram convidados quatro jovens, para completar o número de dez participantes no grupo. Além dos dez jovens, participaram o moderador (pesquisador) e a assistente (a mesma dos grupos anteriores).

A idade dos participantes variou entre 14 e 17 anos⁴⁸, enquanto o tempo de participação na pastoral variou de um a quatro anos. Todos os jovens freqüentam periodicamente os encontros do seu grupo de jovens na escola.

O grupo de discussão, do mesmo modo que o segundo, foi realizado num dia de semana, quinta-feira, no mesmo local dos dois primeiros grupos. O tempo de duração foi de uma hora e vinte minutos.

Assim como no grupo anterior, foi pensada uma dinâmica que contribuísse como elemento provocador da discussão a fim de evocar as falas dos participantes (anexo 9). Depois de destacado como seria o encontro e da apresentação individual

⁴⁶ Este procedimento foi adotado com a finalidade de garantir a segurança dos participantes, visto que todos eram menores de idade.

⁴⁷ Os nomes originais dos participantes foram substituídos por pseudônimos para preservar a identidade dos jovens envolvidos na pesquisa.

⁴⁸ Mesmo definindo a idade mínima de 15 anos, uma das participantes possuía 14 anos. Apesar da idade, a mesma não foi excluída da pesquisa pelo motivo de ter dois anos de participação na PJE.

dos jovens, os mesmos foram convidados a elaborarem um painel, onde expressariam, de forma livre, os aprendizados que consideram tenham sido possíveis a partir da participação na pastoral. Para tal, foram dispostos materiais diversos tais como pincéis, canetas, folhas, cartolinas, tintas, etc. Os participantes tiveram aproximadamente dez minutos para a confecção do painel. Alguns jovens montaram o painel somente com palavras ou frases, enquanto outros usaram desenhos e palavras.

No momento seguinte todos foram convidados a apresentarem o seu painel, destacando os aprendizados relacionados. Inicialmente, a técnica não obteve os resultados esperados, quase todos os jovens somente listaram os aprendizados, de forma rápida, sem fazer uma análise e sem fazer uma discussão, conforme havia sido proposto. A partir dos painéis confeccionados e das questões previstas no roteiro orientador foi necessária a provocação da discussão através da intervenção do moderador, momento a partir do qual o encontro tomou outra dimensão e a discussão passou a transcorrer de forma fluída. A desenvoltura dos jovens para discutir foi tão expressiva que, em alguns momentos, foi necessária a intervenção do moderador, solicitando que somente um de cada vez falasse, por causa da gravação. Sobre este aspecto Callejo (2001, p. 120) enfatiza a importância de procurar manter certa disciplina no grupo, possibilitando o controle das possíveis ausências de falas ou, por outro lado, como foi o caso aqui, o excesso de falas ao mesmo tempo.

Os três grupos de discussão somaram um total de quatro horas e seis minutos de gravação em áudio. A transcrição resultou no registro de sessenta e duas laudas de conversação. Após a realização da experiência, pode-se afirmar que a metodologia adotada atingiu o objetivo de explicitar os aprendizados vivenciados pelos jovens nos grupos da PJE, segundo suas próprias falas. Contribuiu satisfatoriamente para a composição do corpus empírico para a análise. Também se configurou como um desafio particular para o pesquisador, que, enquanto tal, teve a primeira experiência de organizar e moderar grupos de discussão.

Durante o momento dos grupos de discussão e após o término dos mesmos, os participantes do grupo dos egressos e o dos jovens coordenadores teceram alguns comentários acerca da experiência que havia acabado de ser realizada. No

grupo dos egressos várias falas ao longo da discussão destacaram que era difícil expressar tudo aquilo que aprenderam no grupo de jovens. Uma das jovens afirmou:

É difícil responder em tão pouco tempo a esta pergunta pois são muitas coisas que a gente aprendeu no grupo de jovens e que marcaram a nossa vida. Deixe-me pensar. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

A afirmação da jovem representa que o próprio grupo de discussão, como momento de reflexão válido, ainda é insuficiente para rememorar as experiências que foram realizadas no período em que participou da pastoral. A própria metodologia configurou-se como um espaço educativo para pensar sobre si mesma.

Outra jovem coordenadora destacou:

Nós atuamos juntos e eu nunca tinha pensado sobre algumas coisas que vocês falaram aqui. É bom saber mais sobre o que cada um viveu. Precisamos fazer mais momentos como estes na pastoral! (Marta, jovem coordenadora, 20 anos)

Na sua fala, a jovem destacou que o grupo de discussão possibilitou conhecer mais profundamente os demais membros da coordenação em aspectos que lhes eram desconhecidos, salientando que, mesmo atuando juntos na pastoral, haviam elementos da experiência pastoral dos demais membros que não eram conhecidos de todos.

Outra jovem fez referência à pessoa do pesquisador nos seguintes termos:

É interessante a gente estar participando de uma pesquisa do Maurício, que é assessor da PJE e que sempre está junto conosco. Também é legal ver que isso está sendo pesquisado num mestrado né! (Taís, jovem coordenadora, 18 anos)

Aqui transparece a relação entre os participantes dos grupos de discussão e o pesquisador. A referência da jovem menciona o fato de estar participando de uma investigação coordenada por um pesquisador que também é integrante da pastoral. A jovem transpareceu certo ar de surpresa, visto que, naquele exercício de discussão, o lugar do pesquisador era diferente do papel de assessor desempenhado na PJE.

Um dos jovens egressos salientou ao final:

Temos que fazer mais momentos como este para poder falar como estamos aplicando na vida aquilo que aprendemos na pastoral. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

Tal manifestação sugere a demanda por outros espaços de troca de experiências e reflexão coletiva, em alguma medida oportunizada no grupo de discussão, o que levou-o a formular a proposta de continuidade de encontros como o realizado.

De posse do material gravado, os passos seguintes foram a transcrição e a análise dos depoimentos dos jovens.

3.3.3 Sobre a análise dos dados da pesquisa

A partir das gravações em áudio dos três grupos de discussão o desafio seguinte foi a transcrição das falas. Callejo (2001, p. 145) destaca que alguns modos de pesquisa não fazem a transcrição de todo o material coletado. Na sua visão, porém, é praticamente impossível fazer uma análise profunda sem a transcrição integral das falas. Ele também aconselha que o analista da pesquisa seja o próprio moderador dos grupos de discussão.

Ainda a respeito da transcrição, Weller (2006, p. 251) argumenta que não necessariamente deva ser feita a transcrição completa das falas do grupo de discussão. Para a autora, trata-se de transcrever as passagens centrais relacionadas ao foco da pesquisa.

Diante destes apontamentos, mesmo sabendo do tempo e esforço que deveria dispensar para as transcrições das falas, eu mesmo decidi fazê-las. A opção também foi por fazer a transcrição completa e não apenas dos focos considerados centrais. Tal decisão possibilitou um contato mais direto e profundo com as falas, como num processo de revisitar os momentos realizados com os três grupos. O fato de transcrever as discussões completas também facilitou a organização dos eixos temáticos que surgiram no decorrer da análise. Se isso não tivesse sido feito, a análise seria mais demorada, assim como seria necessário ouvir várias vezes os áudios dos grupos.

Diante do conjunto de transcrições apresentou-se a necessidade de pensar em como analisar todo o material recolhido. Para tal, a estratégia analítica baseou-se no *Método Documentário de Interpretação* (Weller, 2006, p. 251), que compreende dois momentos: a *interpretação formulada* e a *interpretação refletida*.

Segundo a autora

Durante a *interpretação formulada* busca-se compreender o sentido imanente das discussões e decodificar o vocabulário coloquial. Em outras palavras, o pesquisador reescreve o que foi dito pelos informantes, trazendo o conteúdo dessas falas para uma linguagem que também poderá ser compreendida por aqueles que não pertencem ao meio social pesquisado. Nesta etapa de análise, ele não traça comparações e tampouco utiliza o conhecimento que possui sobre o grupo ou meio pesquisado. Já a *interpretação refletida* implica uma observação de segunda ordem, na qual o pesquisador realiza suas interpretações, podendo recorrer ao conhecimento teórico e empírico adquirido sobre o meio pesquisado. (WELLER, 2006, p. 251)

Tal estratégia de análise pressupõe que, num primeiro plano, a *interpretação formulada*, sejam abordadas a falas dos participantes, numa perspectiva compreensiva, onde o objetivo central é perceber quais são as questões principais e como elas são destacadas pelos próprios jovens. No segundo momento, a *interpretação refletida*, as falas são analisadas e comparadas a partir da bagagem teórica e dos elementos já conhecidos pelo pesquisador.

A análise aqui desenvolvida procurou orientar-se neste sentido de modo amplo, sem pormenorizar alguns detalhes. Por exemplo, no primeiro passo, as falas não foram totalmente reconstruídas a partir do seu sentido imanente, outrossim foi realizada uma análise compreensiva apontando para os principais aspectos levantados pelas falas e, posteriormente, relacionados com os elementos teóricos e do meio pesquisado.

A forma adotada para buscar nas falas os principais aprendizados vividos pelos jovens nos grupos da PJE foi efetivada através da organização de eixos temáticos. Foram considerados eixos os aspectos relevantes e congruentes nas falas dos jovens. Pais (2003, p. 98) utiliza o termo categoria, ao invés de eixo. A opção aqui estabelecida por eixo ao invés de categoria tem o objetivo de tornar este conjunto mais aberto e não tão restritivo, visto que toda forma de agrupar as falas dos jovens em conjuntos aglutinadores apresenta, de alguma forma, perda de certas expressões dos participantes. Esta opção evidencia a necessidade de algumas

aproximações, que de antemão se sabe, serão restritivas. Por isso, a busca por uma designação mais aberta possível⁴⁹.

Ao descrever o modo como é possível captar estes eixos, Pais (Ibid) enfatiza que os mesmos podem ser definidos pelos próprios jovens, através de suas expressões ou podem ser aqueles observados ou deduzidos pelo próprio pesquisador através de suas análises. Os eixos aqui estabelecidos partiram desta mesma perspectiva, sendo que alguns foram extraídos das próprias falas dos participantes, enquanto outros foram definidos pelo pesquisador.

A partir da análise das principais atenções referidas pelos jovens durante e pesquisa, foram definidos três eixos, a saber: o da socialização, o da subjetividade e o do saber⁵⁰. Salienta-se que estes eixos não pretendem ser uma leitura final e absoluta dos aprendizados vividos pelos jovens na PJE. Outrossim, apontam para algumas perspectivas que são possíveis descrever através da pesquisa desenvolvida.

⁴⁹ Uma das diversas leituras etimológicas que pode ser feita do termo “eixo” destaca este como “um elemento que articula em torno de si diversas partes de um mecanismo” (HOUAISS ELETRÔNICO, 2006). Já o termo “categoria”, numa de suas definições pode remeter à idéia Kantiana onde esta representa “cada um dos conceitos fundamentais do entendimento puro, que são formas *a priori* de constituir os objetos do conhecimento” (Ibid). A partir destas duas referências o termo eixo pode denotar mais abertura em relação ao termo categoria, que parece ser mais restritivo.

⁵⁰ A denominação destes três eixos teve como inspiração a pesquisa intitulada *Narrativas de jovens: contextos e experiências de participação sociocultural*, desenvolvida com apoio do CNPq desde julho de 2005, junto à UFRGS, realizada por uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, a saber: Ana Mariza Ribeiro Filipouski, Diana Maria Marchi, Carmem Zeli Vargas, sob a coordenação de Maria Stephanou, inicialmente ligados à Pró-Reitoria de Extensão e, atualmente, ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

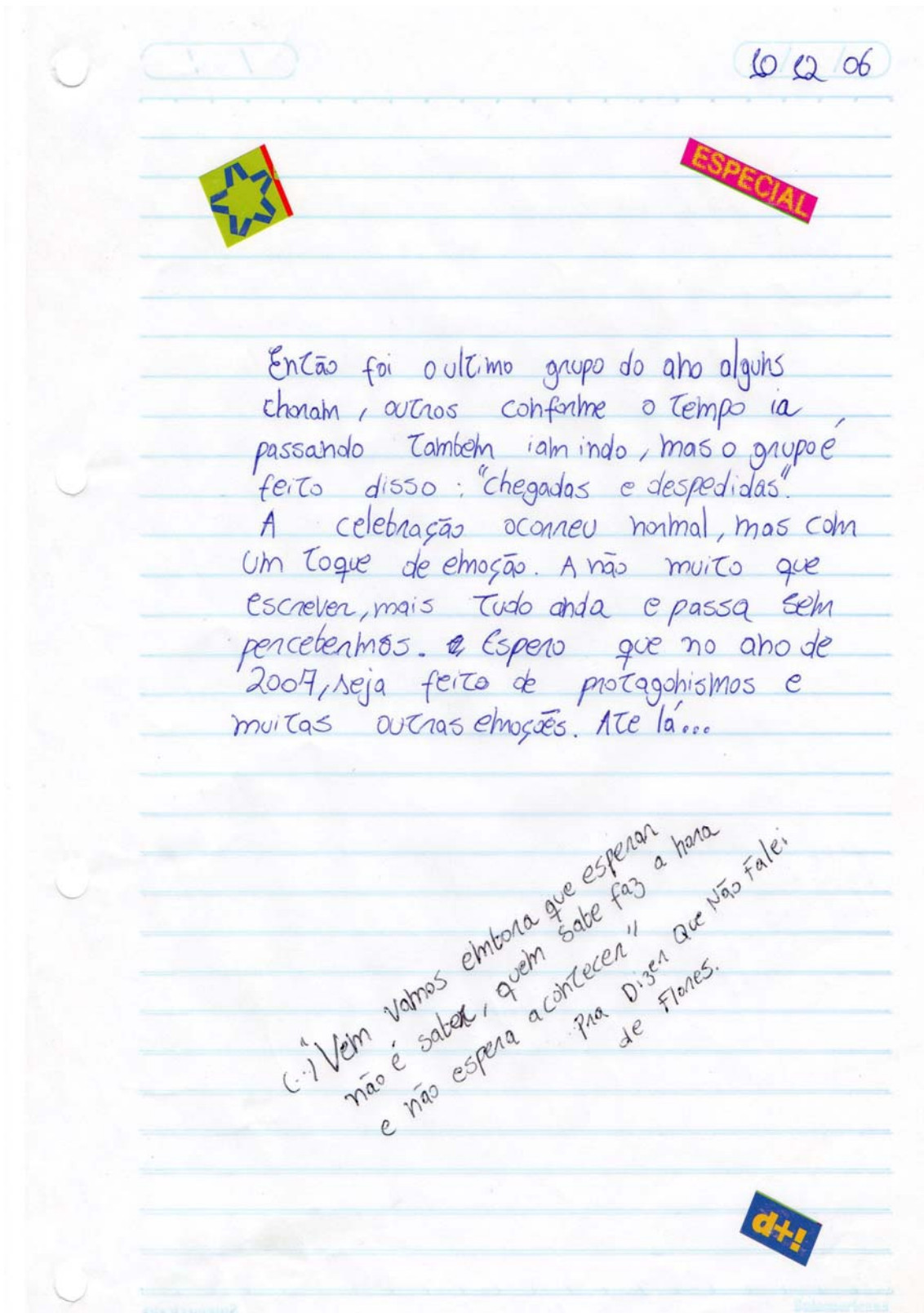


Ilustração 14: Imagem extraída do Portfólio do Jovem Wagner

4. APRENDIZADOS NA PJE: O QUE DIZEM OS JOVENS

4.1 Socialização

O grupo de jovens me ajudou na construção das minhas percepções. Me ajudou a construir uma consciência da idéia de coletividade, na questão de dar-se conta de que tu é alguém na sociedade, que tu tem direitos, tem deveres, que tu tem que contribuir, ao mesmo tempo tu tens direitos. (Cristian, jovem egresso, 22 anos)

A partir das falas dos jovens nos três grupos de discussão, uma das atenções mais recorrentes relaciona-se ao que podemos agrupar em torno do tema sociabilidades experimentadas, reunindo a ênfase dada pelos jovens às vivências e aprendizados relacionados ao “estar junto” e ao “fazer junto” com os demais integrantes do grupo. A partir desta constatação constituiu-se o primeiro eixo da análise, denominado aqui, para fins de tratamento dos dados como eixo da socialização.

Ao falar sobre a grupalidade no reconhecimento de si e construção conjunta que é realizada nos coletivos juvenis, Krauskopf destaca que

Para os jovens, o pertencimento subjetivo a um grupo supõe uma referência para a sua própria vida: é o campo fundamental de elaboração da identidade grupal, amplia as modalidades de relação interpessoal, valoriza o reconhecimento de habilidades e opções, reforça os processos de autonomia, diferenciação, e pode contribuir para o desenvolvimento da participação social. (KRAUSKOPF, 2005, p. 187)

No entendimento da autora, pelo pertencimento a determinado grupo, os jovens criam referências para a própria vida. Destacam-se elementos pessoais tais como a autonomia, as habilidades e a participação social, e, também, aspectos da identidade grupal e das relações interpessoais.

Tais características foram manifestadas pelos jovens que participam dos grupos da PJE. Neste eixo, os aprendizados apontados referem-se: ao conhecimento e relacionamento com outros jovens, à expressão de opiniões e

sentimentos diante do grupo, ao saber dividir e partilhar, formar uma comunidade, uma espécie de “família b”, a união e a força que se têm em grupo, aos aspectos da afetividade e sexualidade, à amizade e à superação de preconceitos.

No eixo da socialização os aprendizados apontados pelos jovens podem ser caracterizados como desdobramentos da experiência socializadora dos grupos da PJE, que constituem-se como espaços diferenciados da família, da escola e mesmo da Igreja.

O maior número de falas deste conjunto provém do grupo dos egressos, seguido pelo grupo dos iniciantes e, posteriormente, pelos coordenadores. Quanto aos egressos, seus aprendizados são expressos como resultados que tiveram a partir de sua participação no grupo da PJE. Os jovens iniciantes destacam de modo acentuado os aprendizados que ocorrem no momento presente em que a experiência de socialização é muito forte por estarem no início de sua participação no grupo de jovens. Já no grupo dos coordenadores não identificou-se um número expressivo de falas relacionadas ao eixo.

4.1.1 Os aprendizados no eixo da socialização

Os depoimentos sugerem que no início da experiência de participação em um grupo de jovens tiveram por motivação simplesmente encontrar-se com outros jovens da mesma faixa etária ou que têm idéias semelhantes. Algumas falas apontam claramente este sentido:

A gente ia muito para se encontrar, não tinha grandes objetivos, era porque os nossos colegas estavam lá, então a gente ia pra ficar junto, os nossos amigos estavam lá, pra conversar, essa coisa bem de adolescente, de querer estar junto assim. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

Acho que a primeira instância é só se encontrar, estar junto, mesmo que seja pra nada, mesmo que seja por esta ali. (Gérson, jovem egresso, 26 anos)

Se tivesse atividade todo final de semana a gente saía todo final de semana, por quê? Para encontrar com outras gentes, pra conhecer, “olha lá, tem gente lá em tal cidade, que se reúne assim como eu”. (Sabrina, jovem egressa, 25 anos)

Tinha um amigo que participava de grupo, ele participava de encontros e eu ficava achando aquilo tri legal, aí eu pensei em entrar para ver como é que era. (Cláudia, jovem coordenadora, 17 anos)⁵¹

Tais apontamentos revelam a importância do grupo na experiência dos jovens. Mesmo sem grandes objetivos no início, o grupo é considerado um espaço para o conhecimento e relacionamento com outras pessoas. Também revelam o incentivo que os integrantes fazem para que outros amigos também se integrem ao grupo. Pode-se fazer uma leitura de que os próprios membros do grupo são mobilizadores de outros jovens que poderão passar a integrar experiência que estes já vivem.

Melucci (2004) sugere que este desejo de estar com o outro revela uma necessidade intrínseca de socialização que perpassa a vida de todos os indivíduos. Em suas palavras

Para poder reconhecer as nossas necessidades como indivíduos precisamos estar integrados às redes comunicativas que lhes dão origem. O grupo torna-se a regra obrigatória em que precisamos nos inserir para saber quem somos. (Ibid, p. 41)

A reflexão de Melucci possibilita compreender esta necessidade que os jovens manifestam de estar junto aos “seus iguais”, mesmo que, aparentemente, não seja por um objetivo altruísta. O grupo torna-se, então, o lugar de inserção e de descoberta de si mesmo. O autor (Ibid, p. 43) afirma ainda que na socialização está presente o pressuposto de que todas as nossas necessidades, mesmo as individuais, são políticas e somente são reconhecidas pela participação na vida social. Esta raiz social das necessidades enfatiza uma resistência ao processo de redução individualista e fragmentada dos nossos diversos âmbitos de relacionamento e de inserção.

Outros depoimentos ajudam a compreender certa espontaneidade da socialização vivenciada pelos jovens, uma vez que, no início, o grupo é um espaço de expressão, de fazer atividades mais práticas e, aos poucos, esta relação evolui para outras fases:

⁵¹ Para as citações provenientes das transcrições dos grupos de discussão adotou-se este procedimento de escrita, com o objetivo de diferenciá-las das citações bibliográficas.

O grupo é um espaço de expressão, onde tu tá começando a querer se expressar e dentro da sala de aula tu não pode, em casa tu não pode ou vai te expressar pra televisão, teu pai e a tua mãe estão trabalhando e tal, então tu tem um lugar dentro da escola pra estar com os teus pares, onde vocês possam, enfim, discutir. No começo do grupo é mais prático mesmo, festas, passeios, retiros. Tem um grupo que é envolvido em algum objetivo comum em que todo mundo possa discutir, debater, brigar, chorar, se amar e aí a coisa vai criando sentido e conforme as mentes vão amadurecendo isso vai criando um sentido mais sério, a discussão vai ficando mais elaborada. De início, acho que é bem este espaço de protagonismo, de expressão, assim né, que a gente encontra no grupo. (Gérson, jovem egresso, 26 anos)

Mas depois, num segundo momento, aí já começa a selecionar um pouco as pessoas, é quando tu começa a ver que o pessoal mais velho, já adulto, te serve de referência, porque eles fizeram aquilo parte do projeto de vida deles e aí tu vê assim já numa outra instância. Tu vê assim: “Eu posso me espelhar naquele cara ou naquele grupo de pessoas, porque pra eles isso faz sentido”. E tu começa a observar aquilo e, num segundo momento, já não é mais só se encontrar, é ter uma outra referência. Ter uma referência externa, não familiar, e é uma referência boa, não é uma referência marginalizada. (Gérson, jovem egresso, 26 anos)

A partir de manifestações como as destacadas acima, percebe-se que o próprio grupo vai criando sentido e ficando “mais sério”, ou ainda a discussão fica “mais elaborada”. Alguns jovens não continuam mais participando do grupo, dando a impressão de que permanecem aqueles que estão dispostos a um maior envolvimento, uma espécie de segundo passo. Contribuem para isso outros jovens e assessores, “um pessoal mais velho” que torna-se referência para os jovens que estão iniciando a experiência. Neste segundo momento o grupo não é mais “só para se encontrar”, ele torna-se “uma referência”.

A respeito dessa identificação como grupo, Pais (2003) destaca que

A coesão interna dos grupos estabiliza-se a partir de traços de identificação conjuntamente compartilhados; no entanto, esses traços funcionam também como suporte de formação e reconhecimento de identidades grupais entre si diferenciadas. (p. 119)

Outras falas evidenciam, ainda, que o grupo constitui-se como um espaço onde o jovem pode se expressar e discutir. Este lugar de expressão não parece ser somente de idéias, mas também de outras dimensões da vida que são partilhadas com os demais jovens:

Tu chega a pensar “bah, tem tanta gente que, assim, fica num grupo fechado, sabe, e lá no grupo de jovens é quase um livro aberto, sabe, todo mundo se conhece, tipo “lê o livro um do outro”, conhece a personalidade do outro. (Bárbara, jovem iniciante, 17 anos)

O que me motiva até hoje no grupo é encontrar pessoas que tenham ideais, sonhos, coisas parecidas comigo. E tu não encontra isso em outro lugar, é difícil. (Wellington, jovem iniciante, 16 anos)

Além do que é expressado no grupo, aparece como importante a forma como isso é realizado. O espaço do grupo é apontado pelos jovens como um lugar onde eles podem falar o que querem e não têm vergonha ou medo do que os demais irão pensar:

Até porque lá [no grupo] todo mundo se expressa melhor, dá mais energia, dá mais vontade de compartilhar tuas idéias, não tem vergonha. (Juliana, jovem iniciante, 17 anos). [grifo nosso]

Mas a gente vai lá e expõe nossos problemas e as pessoas não ficam te olhando com cara feia. A gente pode se abraçar, a gente pode chorar, a gente pode ajudar os outros. (Janaína, jovem iniciante, 15 anos).

Quando tu constrói alguma coisa, com significado pra ti ou para os teus patrícios, vocês estão construindo comunidade, vamos dizer assim. Talvez não por estar errado, mas vai ter que ter um pouco da minha personalidade, do outro, do outro, então vai ficar diferente do que eu queria, mas vai ficar de acordo com o grupo. E talvez em outras instâncias, como escola, Igreja, como isso tem um ser autoritário que define as regras, ou eu estou de acordo e participo ou eu não sou de acordo e estou fora. Talvez por isso o grupo seja um espaço de aceitação, suscetível ao erro, porque está com um pouco da identidade de cada um, com a cara de cada um. Aí não está errado, está diferente, está de acordo com o meu grupo, com a cara do meu grupo. (Gérson, jovem egresso, 26 anos)

Estas referências demonstram que os grupos adquirem uma feição própria aos jovens que os integram. Mesmo sabendo que podem errar, privilegiam o fato de que o grupo possa ser um espaço aberto e que tenha o estilo dos integrantes. Este âmbito é visto como mais flexível e, portanto, difere de outros espaços mais, tais como a escola e a Igreja, que, segundo os jovens, ditam regras a serem seguidas e não possibilitam espaço para expressão dos jovens.

A respeito desta influência das instituições, Krauskopf (2005) destaca que cada vez mais os indivíduos são responsabilizados por suas decisões, aumentando a sensação de desamparo social, o que, em parte, pode explicar porque os jovens buscam outros espaços que possam acolher suas necessidades e ocupar as lacunas de outras instituições, inclusive a família, e a contemplar o sentido de pertencimento almejado por muitos jovens.

A pastoral, ela se faz querer né, ela mesmo assim. Então acho que nessa fase que a gente ta deixando a família de lado, os amigos são uma “família b”. Então o grupo, ele é interessante, porque são, no nosso caso, era todo sábado e mesmo com o grupo de amigos tu não te vê regularmente assim. E fora o grupo, no nosso caso, nós nos encontrávamos pra fazer festa. Então, o sistema do grupo, todo o sábado, “vamo lá”, facilitava essa “família b”, a família que a gente precisava na época, porque a gente já tava “quebrando o pau em casa”, então era o local pra se encaixar. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

Na opinião deste jovem, no grupo da pastoral ele experimentou uma família de um jeito diferente, uma “família b”, como ele nomeia. Um espaço de acolhida onde ele pode “se encaixar”, apesar das dificuldades que enfrenta junto a outras instituições que fazem parte da sua vida. Outra expressão interessante destacada nesta fala é de que “a pastoral se faz querer”. Ora, se outros espaços são tão institucionalizados, o grupo de jovens se apresenta como uma alternativa diferenciada, pois não é uma obrigação, mas é algo que “se faz querer”, onde o jovem participa pelo significado que esta experiência lhe proporciona. Como sugere Melucci (2001, p. 117), a participação, neste caso nos grupos da PJE, se assenta na adesão livre a uma forma de solidariedade coletiva e ao pertencimento a uma rede de relações da qual se participa por escolha.

Os participantes da pesquisa enfatizam que o grupo de jovens é algo grande, que apresenta características de uma “comunidade”. É apontado como um espaço onde são feitos aprendizados e vivências que marcam as pessoas. A fala a seguir é expressiva e contundente:

Eu falo de um universo, de coisa grande assim, mas pra mim é muito forte essa coisa do sentir junto, sofrer junto, se alegrar junto, rezar junto. No grupo a gente tem relações de comunidade mesmo, de pessoas que se enxergam um ao outro, por causa da partilha que existe, da partilha de vida, da partilha de histórias. Acho que são coisas que marcam a gente, eu tenho um pouco de cada um em mim até hoje, por tudo o que a gente viveu e dessa sensibilidade que a gente tinha um com o outro. (Taís, jovem coordenadora, 18 anos)

Este sentimento de integrar uma espécie de comunidade não se restringe apenas ao âmbito afetivo. Aparece também quando os jovens falam de seus compromissos com a realidade. No grupo de discussão dos jovens iniciantes, onde foi realizada a dinâmica da confecção dos painéis sobre os aprendizados que tiveram no grupo, uma das jovens expressou assim a sua experiência:

Eu desenhei uma pessoa tentando segurar o mundo e depois um monte de pessoas conseguindo segurar, pois sozinho não tem como levantar, aí juntos todos conseguiram. É o

que eu aprendi muito no grupo, pois sempre que a gente tenta fazer alguma coisa sozinho a gente não consegue. Pode até conseguir, mas não vai ficar tão bom como se tivesse sido feito por todo mundo. Então sempre que a gente tenta lutar por alguma coisa, fazendo junto é muito mais fácil de conseguir nossos objetivos. (Juliana, jovem iniciante, 17 anos)

Esta concepção revela o aprendizado, apontado por muitas pessoas no dia-a-dia de que “juntos somos mais fortes”. A jovem aqui aponta que juntos os jovens têm maiores possibilidades de “tentar segurar o mundo”, ou seja, de tentar fazer com que o mundo seja melhor do que ele é (ver ilustração 15). Na visão dos jovens que participam da PJE, a socialização que é feita nos grupos ajuda não só a promover a integração dos seus membros, mas também favorece o empreendimento de ações desenvolvidas coletivamente, que demandam diferentes aprendizados.

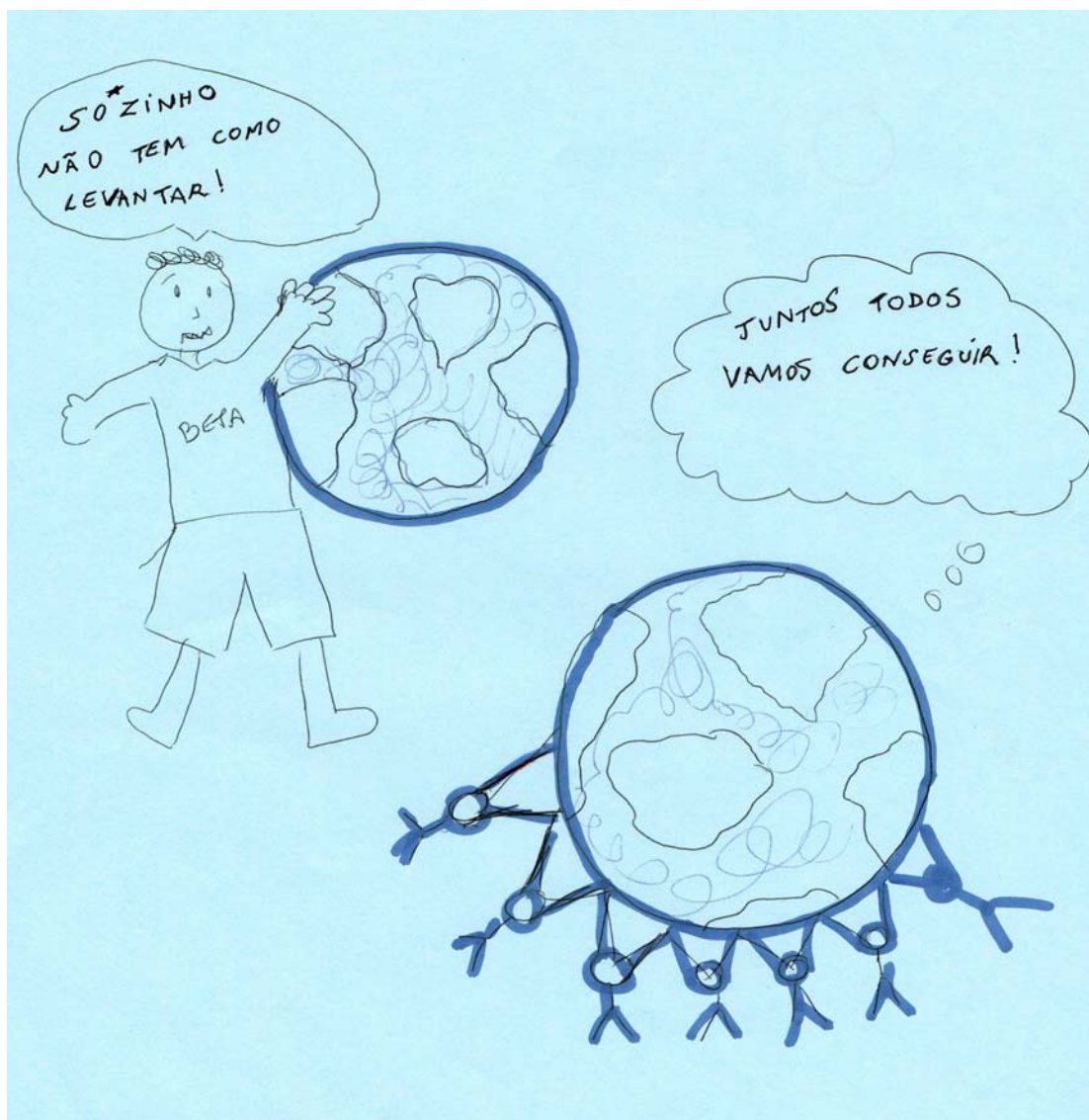


Ilustração 15 – Representação da jovem Bárbara acerca de seus aprendizados no grupo de jovens

Para Hilário Dick, autor de pesquisas e experiências nas Pastorais da Juventude, o grupo é um espaço privilegiado para o jovem se encontrar com outros jovens:

O grupo é o lugar da felicidade do jovem; o grupo é uma necessidade biológica, psicológica, sociológica e teológica. Não exageramos dizendo que o jovem tem uma necessidade violenta de viver em grupo (...) Nunca, na história humana, houve tanta procura juvenil de vivências grupais. Nem todas boas, mas grupais (DICK, 2006, p. 53-54).

Afirmando sua crença na necessidade que os jovens têm de estar em grupo e a importância deste na formação dos mesmos, Dick salienta que o grupo é uma necessidade com várias vertentes: biológica, psicológica, sociológica e, inclusive, teológica. Tais aspectos ajudam a compreender o porquê das expectativas dos jovens frente aos coletivos juvenis. Conforme o autor destaca, nem todas as vivências grupais são necessariamente boas, mas nem por isso deixam de enfatizar a necessidade do grupal. Cabe aqui o questionamento sobre as condições e possibilidades que são apresentadas atualmente para que os jovens possam viver suas experiências em comum com outros de sua geração.

Como foi possível perceber nas falas dos jovens, as vivências socializadoras apresentam-se entre os aspectos fortes que os grupos da PJE buscam nos seus processos de formação. Inicialmente a socialização caracteriza-se por questões práticas e ênfase no simples fato de “estar com” outros amigos. À medida que o engajamento no grupo persiste, as relações levam à ampliação dos interesses e o grupo de jovens passa a buscar objetivos em comum, o que lhe confere certa identidade.

Além das experiências de vivência grupal, que supõe o aprendizado frente às diferenças, outro aspecto que é apontado pelos jovens a respeito de sua participação nos grupos da PJE é a amizade e a afetividade, dimensões ligadas ao modo de se relacionarem e aos aprendizados que são feitos no grupo.

Um aprendizado, neste sentido, apontado pelos jovens, diz respeito ao toque corporal e como isso é valorizado no grupo. São descritas cenas de abraços, de ficar perto, de andar de braço dado, como exemplos das relações vividas pelos jovens no grupo. As falas expressam como isso acontece:

O grupo era extremamente afetivo. Então tu ficava “engachado”, perto. Era extremamente afetivo, é uma época que a “gente tá se querendo” [risos]. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

No grupo a gente brinca, abraça. Uma coisa que a gente faz, a gente não pode sair de lá sem dar abraço em todo mundo. (Janaína, jovem iniciante, 15 anos)

Se considerarmos que a juventude, como construção histórico-cultural, contemporaneamente se caracteriza por um momento biográfico de descobertas e transformações culturais, podemos compreender a ênfase que certos jovens dedicam às relações afetivas e de proximidade física e emocional, identificadas nas vivências dos grupos da PJE. Como explicitado nos excertos acima, o jovem destaca tratar-se de um período em que “a gente tá se querendo”. Na linguagem juvenil esta expressão pode ser compreendida como um momento em que os jovens estão buscando se descobrir na experiência de se relacionarem com outros jovens.

De outra parte, cumpre registrar que o modo de viver a afetividade no âmbito da pastoral sofre também alguns questionamentos, embora ajude a quebrar alguns paradigmas quanto ao modo tido como normal:

Eu, no início, quando entrei no grupo, achei estranho, mas ao mesmo tempo legal todo mundo se abraçando, mesmo que ninguém se conhecesse, aí é estranho. As pessoas estão lá, sabem que isso é importante pra aproximar mais as pessoas, para elas ficarem mais ligadas com o grupo. (André, jovem iniciante, 16 anos)

No grupo a gente [os participantes do grupo] ficava abraçado no colégio, de mãos dadas, fazendo carinho e tal. E a gente não era compreendido por muita gente da escola e da aula. Isso foi quebrando na minha cabeça, pois antes de participar do grupo eu também ficava pensando que via um guri e uma guria andando junto, abraçado, achava que “tão de rolo” e a minha mente foi se libertando disso, até hoje. (Marta, jovem coordenadora, 20 anos)

A primeira afirmação destaca que a experiência afetiva vivenciada pelos jovens leva-os a refletirem sobre suas concepções e ações nas relações com os demais. Ao participarem do grupo, percebem que certas atitudes podem ser questionadas de acordo com o modo como eles vivem a dimensão afetiva.

A segunda expressão enfatiza um questionamento sobre como os membros dos grupos de jovens são percebidos nas suas relações afetivas. A jovem destaca certa incompreensão, no âmbito escolar, por gestos de carinho e as aproximações com jovens do outro sexo. Contudo, mesmo que o grupo valorize as relações de amizade, a forma como os jovens relatam viver a afetividade no grupo de jovens, também inclui as relações amorosas. Uma das jovens diz que

Acho que outra situação é a questão de laços amorosos que vão se criando dentro da pastoral, não que seja o meu caso, mas é que vários casais se formaram na pastoral. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

Se por um lado existem questionamentos na vivência da afetividade entre os membros do grupo, de outro, eles também enfatizam que as relações amorosas acontecem e que vários casais se formam na pastoral.

Os jovens relatam ainda que na vivência afetiva do grupo vêm questionada outra crença relativamente às manifestações de afeto entre jovens do mesmo sexo.

Acho que a primeira aprendizagem que eu percebi no grupo foi a questão do toque, do contato com as outras pessoas, porque, por exemplo, no comum menino não gosta de ficar perto de menino, de dar a mão, não gosta de abraçar, não gosta de chegar perto, parece que isso fere o ego. Isso é uma coisa que eu fui construindo e acho que foi a coisa que se instalou assim mais rápido, tipo era uma coisa que no primeiro mês, nos primeiros quatro meses ficava nessa coisa “Não me toca!”. Depois fui pensando “Por que não posso tocar? Por que não posso dar a mão pra ele?”. Acho que uma coisa que eu digo, as vezes brincando, sou um homem bem “feminista”, valorizo bastante a feminilidade e defendo o “ser mulher”, tem coisas que não são tão simples e que as vezes me questionam e tem certos tabus, que são coisas que ser um homem feminino não altera e sim acrescenta bastante, porque não somos seres independentes. (Everton, jovem coordenador, 17 anos)

No entendimento deste jovem, romper com as representações acerca das relações afetivas constituiu um aprendizado, que ele designa como primeiro, denotando sua importância para superar certos tabus e conviver melhor com esta dimensão.

Tal aprendizado aponta para a relevância da dimensão afetiva na relação entre as pessoas. Um dos aspectos que assume um lugar importante no momento em que se vive, diz respeito à corporeidade e à valorização físico, sobremaneira do corpo. Para Melucci (2004) a relação entre as pessoas passa também pelo aspecto corporal e não é constituída apenas de idéias ou sentimentos. Para o autor

A cultura do corpo é também a descoberta da relação com o outro. Símbolo e instrumento de comunicação, o corpo é o canal de nossa afetividade. A relação entre os seres humanos não é feita somente de sentimentos e idéias, mas é um encontro entre corpos (...) A sexualidade não é mais relegada ao nível obscuro dos instintos, mas surge como uma forma profundamente humana de comunicação, como um instrumento de relação que nos introduz no território do amor. (MELUCCI, 2004, p. 92-93)

Esta visão propõe um olhar positivo da corporeidade e da sexualidade, como elementos potencializadores das relações humanas. Por outro lado, o próprio autor destaca que “a *onda* do corpo também é reduzida a fenômeno de mercado” (Ibid, p. 93). Sob as pessoas e instituições recaí a responsabilidade de saber operar de modo positivo a relação afetivo-corporal como forma de viver e de se relacionar melhor.

A superação de alguns preconceitos sugerida por jovens da PJE pode contribuir para perceber como são as suas relações consigo mesmos e com os demais, assim como a dimensão afetivo-sexual que pode ser vivenciada por eles.

Ampliando a dimensão afetiva do relacionamento entre os jovens, ao falar tornam muito presente o tema da amizade. Além da família, os amigos são apontados como referências que marcam de modo duradouro a vida uns dos outros. Um depoimento emblemático assim destaca a importância da amizade:

A questão das amizades também é muito forte, porque tu passou um período grande praticamente convivendo com as mesmas pessoas do teu grupo. No momento que acaba o grupo as pessoas continuam na tua vida (...) As pessoas ficam na tua vida e tu continua convivendo com elas de uma forma diferente. (Gérson, jovem egresso, 26 anos)

A amizade é afirmada como uma experiência que vai além da existência do próprio grupo, ou seja, a relação que se inicia no grupo continua mesmo que ele não perdure. Como o jovem destaca, isso decorre do tempo de convivência e cumplicidade no grupo.

Outro motivo apresentado para a intensidade das relações entre jovens do grupo e que gera relações de amizade é o fato de cada um poder expressar seus sentimentos e perceber que é acolhido pelo grupo.

Eu acho que no grupo de jovens tem muito mais sentimento, acho que tem aquela coisa de colocar pra fora. Tu poder colocar pra fora e perceber que muitos dos outros estão sentindo aquilo contigo. (Bárbara, jovem iniciante, 17 anos)

O processo de poder “colocar pra fora” os sentimentos, frustrações, desilusões, experiências significativas não é confiado pelos jovens a qualquer pessoa ou grupo. O que determina esta confiança parece ser, neste caso, a acolhida irrestrita daquilo que é partilhado e, ao mesmo tempo, certa identidade das experiências, ou seja, “os outros estão sentindo aquilo contigo”. Segundo Dick

(2006, p. 39) “na vivência da amizade não tem lugar a traição. Como dói, ao jovem sentir-se traído!”. Esta afirmação do autor aponta para a necessidade que os jovens têm de encontrar espaços de confiabilidade, onde possam partilhar suas vidas sem se sentirem traídos por aqueles a quem as confiaram.

Sobre as relações e a amizade, Charlot (2000, p. 66) destaca que “existem dispositivos relacionais nos quais há que entrar e formas relacionais das quais se devem apropriar”. Contudo, como é possível perceber nas falas dos jovens, por mais que formas e dispositivos relacionais devam ser apropriados, os jovens não fazem isso de forma imediata. Pode-se afirmar que relações afetivas e de amizade são construídas a partir de pactos do grupo, como a confiança, a receptividade, a duração das relações e a proximidade física.

O tema da afetividade/amizade permite perceber a importância destes elementos para a vida dos jovens. A pesquisa evidenciou que o grupo de jovens demonstra ser um dos espaços que possibilita a vivência em profundidade das relações afetivas e a afirmação de amizades duradouras, que extrapolam o tempo do próprio grupo.

4.2 Subjetividade

Para mim, a minha vida sem o grupo de jovens estaria na mesma (...). Eu acordei pra realidade, digamos assim, e sem o grupo de jovens, eu estaria dormindo ainda. O grupo foi tipo um despertador. (Vilson, jovem iniciante, 17 anos)

O segundo grupo de achados que gravitam em torno de um mesmo tema, refere-se àqueles que levam à designação como eixo da subjetividade. Larrosa, inspirado em Foucault, ao encetar sua reflexão sobre o conceito de subjetividade afirma que:

O ser humano, na medida em que mantém uma relação reflexiva consigo mesmo, não é senão o resultado dos mecanismos nos quais essa relação se produz e se medeia. Os mecanismos, em suma, nos quais o ser humano se observa, se decifra, se interpreta, se julga, se narra ou se domina. E, basicamente, aqueles nos quais aprende (ou transforma) determinadas maneiras de observar-se, julgar-se, narrar-se, ou dominar-se. (1999, p. 57)

Tal compreensão denota o posicionamento dos sujeitos que os impele a construir e reconstruir a si mesmos diante das relações que travam e dos espaços em que transitam. Rompe-se a compreensão de um sujeito metafísico com características de universalidade para emergir o sujeito não determinado ou fixado por formas subjetivas definidas *a priori*.

Na mesma direção e seguindo os rastros teóricos de Foucault, Marisa Eizirik (1997), formula assim a resposta às indagações *O que é a subjetividade? E a subjetivação?*:

A subjetividade é a relação consigo, que se estabelece através de uma série de procedimentos que são propostos e prescritos aos indivíduos, em todas as civilizações, para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de um certo número de fins. (EIZIRIK, 1997, p.42)

A subjetivação, por sua vez, é assim definida pela autora:

Subjetivação é o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou mais exatamente, de uma subjetividade, que será sempre uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si. Como um processo, ela é sempre provisória. (EIZIRIK, 1997, p.42)

Tais apontamentos possibilitam compreender a pedagogia da pastoral para a formação dos jovens, onde eles produzem a si mesmos, subjetivados por tais procedimentos propostos ou prescritos nas vivências da PJE. A partir desta compreensão de subjetividade, neste eixo, as atenções estão voltadas para os aprendizados condizentes com a pessoa do jovem nas suas diversas relações com os demais e consigo mesmo.

Este foi o eixo que compreendeu o maior número de falas formuladas pelos jovens durante os grupos de discussão. Dentre as mesmas podem ser destacadas as seguintes: a construção das identidades, as mudanças de si, os modos de ser, os valores pessoais, a superação da timidez, o saber expressar-se, a identidade estudantil e latino-americana, a opinião própria e a criticidade, assim como as referências à autonomia, equilíbrio pessoal, protagonismo, politização, projeto de vida e espiritualidade.

No conjunto dos aprendizados expressos neste eixo, grande parte dos mesmos foram destacados pelos jovens egressos e pelos jovens coordenadores. O grupo dos jovens iniciantes apontou poucos aprendizados relacionados à

subjetividade. Algumas falas demonstraram atenções específicas de algum dos três grupos. O grupo dos egressos enfatizou quase todos os aspectos acima descritos, sendo que a espiritualidade foi explorada somente por este grupo. Já o grupo de coordenadores enfatizou os temas da autonomia, da politização, do protagonismo e da identidade estudantil. O grupo dos iniciantes, nas suas poucas manifestações, ressaltou a expressão de si, a superação da timidez e o protagonismo.

4.2.1 Os aprendizados no eixo da subjetividade

Entre os temas relacionados no eixo da subjetividade, o primeiro a ser destacado refere-se às identidades. Foi possível perceber que a construção das identidades tem lugar nas diversas situações que são experienciadas pelos jovens, especialmente quando buscam espaço e constituem-se a si mesmos. Uma das jovens da pesquisa relata deste modo seu processo pessoal:

Acho que isso é um aprendizado de poder falar sem pensar o que os outros vão achar disso e que eu pude ir ocupando meu lugar na minha família. Então hoje eu sou respeitada por ser aquela filha que tem tal personalidade, tem uma opinião, que tem uma posição política, e muito disso, com certeza foi construído no meu processo de grupo e hoje eu me dou conta desses passos que foram dados pra hoje eu ser vista dessa forma na minha família e também em outros espaços (Milena, jovem egressa, 24 anos).

Em sua manifestação a jovem expressa certa percepção em relação à afirmação pessoal, atribuída às suas opiniões e a possibilidade de assumi-las na família como decorrência da aceitação e positividade do grupo. Segundo Melucci (2004) “cada vez mais remota torna-se a possibilidade de responder com segurança a pergunta ‘quem sou eu?’”, pois os indivíduos constroem e reconstróem continuamente a própria identidade diante das prementes mudanças dos eventos e das relações. O autor resalta que uma das formas de produção da própria identidade é a partir dos grupos nos quais se faz parte:

Nossa unidade pessoal, que é produzida e mantida pela auto-identificação, encontra apoio no grupo ao qual pertencemos, na possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros. Cada um deve acreditar que sua

distinção será, em toda oportunidade, reconhecida pelos outros e que existirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo (...) É, portanto, impossível separar, de modo rígido, os aspectos individuais e os aspectos relacionais e sociais da identidade. (MELUCCI, 2004, p. 45-46).

A afirmação de Melucci, assim, revela a importância das relações e do grupo na produção das identidades dos indivíduos. Mesmo num momento histórico em que predomina a valorização exacerbada do individualismo e do hedonismo, as relações intersubjetivas apresentam-se como elementos fundamentais à construção das identidades, o que de certa maneira é reconhecido nas falas dos jovens da PJE, quando manifestam a contribuição do grupo para a constituição de si mesmos como sujeitos.

As falas de alguns jovens denotam que os aprendizados relacionados à identidade pessoal não se restringem a aspectos exteriores, como poderia ser a influência do tipo de roupa, das músicas apreciadas, dos lugares freqüentados. São apontados elementos “subjetivos” que contribuem, inclusive, para o que denominam como “mudanças de si” ou da personalidade:

Bom, acho que o grupo te incita a certas coisas, ele começa a te fazer perguntas e começa a te transformar de certa forma. Te leva a questionar, te leva a querer expressar tua opinião e, no fundo, do processo todo, tu tem tuas características né. (Cláudio, jovem egresso, 26 anos)

Eu era, no início do grupo, o que mais bagunçava. O pessoal tinha um nojo de mim, porque eu bagunçava muito, era muito chato (...) Eu lembro que eu participava, mas sempre com um ar assim de que aquilo não vai me tocar, não vai me afetar. (...) Agora eu lembrei do pequeno príncipe, do cativar. (...) Aos poucos foi me tomando, foi vindo, até que eu despertei para o valor desta dinâmica, toda essa convivência em grupo. (Everton, jovem coordenador, 17 anos)

Pelo contexto, se eu não tivesse no grupo, eu penso hoje, eu imagino, não sei como seria, mas imagino que eu fosse um jovem muito perturbado, muito espoleta, talvez eu teria até alguns problemas maiores, pela questão de não ter apoio da família, tipo eu era muito criticado pelo que eu fazia, pelas minhas atitudes. Até então, antes de eu entrar no grupo, eu tinha atitudes que eram comuns na minha família “ah, esse é o Emerson”. Ai depois, com o meu processo eu fui mudando minhas atitudes, minha maneira de falar, de responder, de perguntar, de olhar, de perceber as coisas. Isso a minha família foi percebendo. (Everton, jovem coordenador, 17 anos)

As falas dos jovens expressam um aprendizado que acontece no grupo, no âmbito mesmo da experiência que transcorre num tempo, marcado pelo início da participação e pelas mudanças no processo, em que se adquirem diferentes modos

de ser, valores, identidades. Pode-se afirmar, a partir dos depoimentos, que para muitos jovens o grupo contribui de modo significativo nas suas opções de vida.

Podemos indagar como é que acontece a influência do grupo na constituição das identidades. Uma primeira pista remete a perceber que não se trata de algo imposto ou um conjunto de orientações prescritas aos jovens para conformar suas identidades. O grupo como espaço de produção ativa de sujeitos faz-se mais nos processos que são realizados, do que nas orientações teóricas estruturadas. Um dos jovens descreve deste modo o acontecido com ele

Depois das primeiras férias que a gente teve [depois do início no grupo de jovens], a gente teve que fazer uma síntese das férias (...) Então eu me lembro que, no primeiro encontro desse 2º ano, as minhas férias não tiveram nada, nada, nada que pudesse colocar algum valor naquele momento. Fiquei em casa, descansei. E os demais andaram a cavalo, fizeram isso, foram em tal parque, fizeram “um horror”, e eu fiquei em casa. E o problema é que eu não tinha percebido isso. Então isso me doeu muito, muito, muito. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

Nesta descrição o jovem retrata como foi deparar-se com as férias que ele considerava normais, diante do relato das férias dos demais integrantes do seu grupo, momento em que se deu conta de que poderia ter feito inúmeras atividades e não as fez. Como ele mesmo destaca, o problema não foi o fato de ter feito menos atividades que os demais, mas sim o fato de não ter percebido isso, ou seja, para ele o “mundinho” em que vivia era tudo e não se apercebia que o mundo é muito mais do que ele vivia e naturalizava. Apesar de parecer uma situação singela, tal fato teve um impacto forte para o jovem, levando-o a declarar: “Eu saí daquele primeiro encontro do 2º ano pra dentro de mim e não voltei mais, fiquei um ano fora do grupo”. Este foi um momento de confronto consigo mesmo, a partir da relação com os outros.

A importância do processo auto-reflexivo na construção das identidades é assinalada por Melucci:

No seu aspecto dinâmico, a identidade apresenta-se como um processo de individuação e de crescimento da autonomia. Vemos hoje nossa identidade como um produto de uma ação consciente e resultado da auto-reflexão, mais do que como um dado ou uma herança. Somos nós que construímos nossa consistência e reconhecemo-nos dentro dos limites impostos pelo ambiente e pelas relações sociais. (2004, p. 47)

A concepção de que a identidade é dinâmica, e, enquanto tal, é construída e não herdada, desloca a responsabilidade desta construção para os indivíduos, pois as instituições e/ou situações em que estão inscritos não lhes garantem isso por si próprias. Contudo, este processo não é realizado de modo solitário, mas através de situações, pessoas e grupos que fornecem elementos para o confronto entre o que o sujeito vive e aquilo que ele apreende de tais realidades. Melucci destaca ainda que para expressar melhor esta dinâmica o próprio termo “identidade” é inadequado e seria melhor a expressão “identização”, que destaca o caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de si mesmo.

Assim, no relato anteriormente destacado, o impacto provocado pela partilha realizada pelos colegas de grupo, ao voltarem das férias, resultou na auto-reflexão sobre as experiências que o jovem havia realizado. Em sua fala, tal elemento desencadeador possibilitou o questionamento acerca de sua identidade e sobre o modo como ele vivia suas relações no cotidiano.

Outros depoimentos referem-se ao caráter dinâmico das identidades. Uma das jovens da pesquisa destacou como experimenta vivências diferenciadas de acordo com o espaço em que está:

No grupo de jovens tinha habilidades minhas que eram valorizadas, que na sala de aula eu não conseguia. Depois de adolescente eu nunca fui líder de turma, eu era bem envergonhada, eu ficava mais na minha. Então essa liderança em sala de aula eu não conseguia exercer. E no grupo, de alguma forma, eu conseguia ser do meu jeito, ser liderança, conseguia me expressar, conseguia trocar. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

O relato da jovem descreve como os diferentes espaços proporcionam variados aprendizados. No espaço da sala de aula a jovem parece subsumida ao lugar de “aluno”, onde ela não encontra formas de poder exercer outros papéis, como o de uma liderança. Já na pastoral, ela enfatiza que consegue expressar o seu jeito e ser liderança. Isso evidencia uma diferença de conceito sobre o jovem, onde de um lado o mesmo se limita a “ser aluno” e, de outro, o conceito se amplia para um “jovem” de variadas possibilidades.

Para Carrano, este fenômeno pode ser explicitado a partir de uma análise que considera as identidades como múltiplas. Em suas palavras,

A vida social nas cidades indica para os sujeitos a experimentação de identidades que colocam em jogo as múltiplas personalidades requeridas pelas relações sociais. A idéia do indivíduo portador de uma essência

peçoal, a sua personalidade, que comporta no máximo pequenos ajustes, segundo as relações estabelecidas, não dá conta da dinâmica da complexidade social. (CARRANO, 2000, p. 17)

O apontamento de Carrano desafia a pensar nas identidades dos sujeitos e as variadas personalidades que as relações sociais exigem. No caso dos jovens isso pode ser pensado com relação aos diferentes espaços em que transitam e como se constituem a partir da interação nos mesmos. Tal reflexão leva a pensar que ao se falar dos estudantes, não estamos falando apenas do indivíduo na condição de aluno, mas de um jovem que vive inúmeras situações que carrega consigo, inclusive na sala de aula. Esta parece ser uma das discussões que a PJE procura considerar, quando afirma em seus propósitos que pretende trabalhar com os jovens um processo de formação integral⁵².

Um dos aspectos mais salientados pelos jovens em relação à identidade diz respeito à superação da timidez, da inibição e da vergonha. Várias falas dos jovens dos três grupos de discussão destacam estes elementos, referindo que no início da participação no grupo de jovens havia certo retraimento, que foi sendo superado com o tempo no próprio espaço e dinâmica do grupo.

Algumas falas destacam estes aspectos:

Eu fui desafiado em várias questões Com relação a coisas mais críticas que eu deveria pensar e eu não pensava, com relação ao próprio comportamento. O grupo, ele cobrava de mim que eu fosse mais desinibido, que eu registrasse a minha opinião ali, eu era uma peça importante e teria o que dizer, a contribuir. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

Eu era natural em casa, conversava de tudo, totalmente livre, na escola retraído, e no grupo eu fui me soltando, até ficar tal qual na família (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

Antes de eu entrar no grupo de jovens eu era assim uma adolescente muito tímida, muito centrada em mim mesmo, eu tinha medo de conversar com as pessoas, quem eu não conhecia eu, bah, chegava a olhar assim de longe. Isso foram coisas que eu fui desenvolvendo no grupo, de ser mais extrovertida, de conversar com as pessoas, de ser comunicativa, então isso pra minha vida foi algo que mudou completamente. (Lílian, jovem coordenadora, 18 anos).

Eu sou muito tímida, eu morria de vergonha, ainda morro de algumas coisas, mas acho que com a pastoral a gente começa a fazer essa quebra. Daí a gente começa a se soltar do nada, a gente começa a pensar “bah, olha só o que eu to fazendo”, era uma coisa que era espontânea (Melissa, jovem coordenadora, 15 anos).

⁵² Conforme destacado no Capítulo 1, pág. 40.

Estes depoimentos apontam um aspecto que é muito desafiador para os sujeitos, que consiste na expressão de si. Parece que qualquer opinião ou fala pode ser julgada e reverter em repreensões para os indivíduos.

O aspecto da expressividade não é algo simples ou secundário na construção da identidade. Para Larrosa (2004), nós somos aquilo que concebemos sobre nós mesmos e esta concepção depende da relação com outras concepções e dispositivos sociais em que se realiza a produção e a interpretação das idéias sobre identidade. Por isso, é tão importante a opinião dos outros sobre os jovens que estão construindo suas identidades. Também nesta perspectiva é que surge o receio de se expor, de falar diante do grupo e de expressar idéias próprias.

Pela fala dos participantes, o grupo da PJE propõe atividades e momentos em que são oportunizadas experiências onde os indivíduos fazem o exercício de se exporem diante dos demais e manifestarem suas opiniões. Os jovens ouvidos ressaltaram que tal prática resulta em aprendizados que os levam a superar a timidez, a inibição e a vergonha. Como resultados surgem a autonomia, a opinião própria, a confiança em si e a valorização da importância de cada um no grupo.

Outro saber que surgiu na discussão está vinculado à identificação com o meio estudantil. Por serem jovens que se encontram neste meio, a identidade é permeada por este assento, que não fica restrito ao aspecto individual, mas diz respeito a uma coletividade. Uma das jovens, ao falar da sua participação na coordenação da PJE, enfatiza esta tomada de consciência da identidade de “ser estudante”:

Quando a gente assume a coordenação isso se torna “sou estudante, somos estudantes”, é doido isso; eu não sou mais a fulana-estudante, mas eu represento um coletivo maior de estudantes, que, com as suas diferenças tem muito em comum. É muito forte isso. Pra mim é muito forte isso do serviço, das construções que a gente faz pra ser esta representação que a gente é (Taís, jovem coordenadora, 18 anos).

Este relato demonstra uma grande ênfase identitária do “ser estudante”. Outro exemplo disso é que, na PJE, os jovens utilizam quase sempre o termo “estudante” em detrimento de “aluno”. A compreensão é de que o termo aluno, do latim *a-lumnus* (*sem luz*) denota uma identidade passiva, como aquele que só recebe, enquanto o termo estudante tem uma conotação ativa, o jovem é concebido como sujeito.

Tal aspecto é reforçado no Marco Referencial da PJE, que destaca: “uma das opções pedagógicas das Pastorais da Juventude é o trabalho diferenciado com as juventudes. Por isso, uma das opções da PJE é assumirmos a nossa identidade de pastoral e de estudantes” (2005). O enfoque na identidade estudantil também serve para diferenciar meios específicos de atuação em que as Pastorais da Juventude desenvolvem suas ações, pois, assim como há o trabalho com os jovens nas escolas, também há grupos com jovens do campo, dos meios populares, de paróquias, etc.

Além da identidade estudantil, outro acento realizado por uma das jovens egressas, que teve oportunidade de participar de encontros de pastoral em outros países da América Latina, refere-se à identidade latino-americana. No seu relato aponta:

Eu acho que a gente aprende a ser latino-americano. Isso é uma coisa tão maluca, porque o Brasil é o único país a falar português aqui na América Latina, que a gente acaba se distanciando, ouvindo tantas músicas. Mas tu poder fazer essa experiência assim, sabe, “p. q. p.”, eu sou latino-americana, que isso tem uma relação forte com a minha cultura, com a minha luta, com o meu projeto, e mesmo com a minha maneira de viver a espiritualidade e a religiosidade, aí a gente entende a Teologia da Libertação, começa a ver aspectos que amplia muito. Quando eu me dei conta de ser latino-americana, de não ser alguém olhando daqui pra lá, começa a sentir isso de ser uma “pátria grande”, é muito louco. (Sabrina, jovem egressa, 25 anos)

A fala da jovem evidencia a intencionalidade política da pastoral, que cultiva, através de diferentes práticas, a idéia de que somos o povo latino-americano, fortemente assentada na Teologia da Libertação⁵³. Tal aprendizado decorre da própria mística da PJE acerca da identidade latino-americana. A jovem afirma que a sua experiência ampliou o sentido de pertença que ela tem com a América Latina, revelando ter se dado conta de vários aspectos que não eram perceptíveis anteriormente, tais como a cultura, as lutas, a espiritualidade e os projetos desenvolvidos. Destaca ainda que tal aprendizado contribuiu para sentir-se parte do restante do continente, evocado como “pátria grande”.

⁵³ A Teologia da Libertação surgiu no final dos anos 60, na América Latina. Desenvolveu-se a partir da influência de grupos populares cristãos e de teólogos que tinham consciência da opressão vivida pelo povo explorado de seu continente. Eles chegaram à conclusão de que era necessário por fim à importação teológica da Europa e da América do Norte e criar uma teologia local, que respondesse à problemática dos seus países, uma vez que a teologia dos países ricos não respondiam à circunstância latino-americana. Para aprofundar o tema pode-se consultar as seguintes obras: LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da libertação**: roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987. LEPARGNEUR, Hubert. **Teologia da libertação**: uma avaliação. São Paulo: Convívio, 1979.

Outro tema referido pelos jovens no eixo da subjetividade diz respeito à opinião própria e ao posicionamento pessoal. Uma primeira aproximação às falas dos jovens faz observar como expressam os aprendizados que favoreceram a criação de “opinião própria”. Algumas delas assim narram o processo pessoal:

Eu entrava em choque e o grupo foi me ajudando nisso, a construir a minha própria opinião sobre as coisas. E fui me dando conta de várias coisas e uma foi esta, do ter as coisas, do que é importante pra vida da gente e o que não é. (Marta, jovem coordenadora, 20 anos)

Todo o desenvolvimento das minhas opiniões, do eu como pessoa, teve muito dos aprendizados do grupo de jovens e da convivência que eu tinha com o pessoal, dos próprios temas que a gente trabalhava. (Lílian, jovem coordenadora, 18 anos)

E no grupo eu fui aprendendo algumas coisas, de que eu posso sim ter a minha opinião, aprendi muitas coisas de política, de posicionamento mesmo em relação a várias coisas (...) Hoje ou quando eu ainda estava no grupo eu já era respeitada por um lugar e por coisas que eu fui aprendendo no grupo. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

Tu saber te posicionar no grupo. Acho que este é um aprendizado que eu levei bastante. Tu estar numa reunião e saber te posicionar, tu escutar o outro, ouvir a opinião do outro, debater com a opinião do outro. (Cristian, jovem egresso, 22 anos)

Estas reflexões vão ao encontro de um dos objetivos da PJE, que é a formação de lideranças, pois um dos elementos para o exercício da mesma é o desenvolvimento de opiniões próprias. Através dos processos de “se dar conta”, de “ter um posicionamento no grupo”, de “desenvolver as suas opiniões”, os jovens expressam crescer no sentido de criar autonomia e de aprender a confrontar suas opiniões.

Tais apontamentos revelam, portanto, que há uma intencionalidade da formação deflagrada no âmbito da PJE, por seus coordenadores, pelas metodologias, pela proposta pedagógica da pastoral. Por mais que os jovens explicitem isso de diferentes modos, eles demonstram que isso repercute, de alguma forma sobre como eles encaram as situações e se posicionam diante delas.

Os jovens destacam, ainda, que não é uma visão qualquer ou simplesmente uma opinião ingênua dos fatos. Eles dizem que aprendem a ter uma visão crítica, formulação muito difundida no âmbito da Pastoral da Juventude. Uma das participantes enfatiza como a opinião política é trabalhada no grupo:

Quando o grupo começou a discutir questões sociais, a pobreza, a miséria, gente rica-gente pobre, esses contrastes, o grupo me abriu os olhos para o processo, para a história. Se existe gente pobre eles podem ser pobres porque não trabalham, mas não é só isso que dá

pra levar em conta. Tem o processo histórico do país e tal e o sistema capitalista que a gente vive, que tem gente que tem dinheiro e gente que não tem. (Marta, jovem coordenadora, 20 anos)

A jovem utiliza a metáfora do “abrir os olhos” para expressar este processo de ter uma leitura mais profunda dos fatos, não se limitando a constatar o que acontece na realidade, mas a discutir as questões sociais, relacionando-as com a história e com as causas dos fenômenos. Tal perspectiva também pode ser designada como “sair da alienação”, expressão típica na pastoral, que supõe análise e atribuição de um sentido crítico às reflexões.

Outra jovem explicita como isso é feito na prática, segundo sua experiência:

Na pastoral a gente estuda esses assuntos, a gente pensa, a gente não fala uma coisa tipo papagaio do assessor, ou de outra pessoa ou do povo mesmo “ah porque ele não presta, porque ele rouba, porque todo mundo é igual”, não, a gente procura ver o contexto e questionar pra ver se é isso mesmo. (Melissa, jovem coordenadora, 15 anos)

Narrando sua experiência pessoal e o que reflete sobre a mesma, a jovem considera que no grupo os jovens não repetem um discurso pronto do assessor adulto e nem mesmo se limitam a visões do que ouvem no dia-a-dia. O estudo realizado busca “ver o contexto” e “questionar para ver se é isso mesmo”. Este processo não fica só na reflexão, conforme aponta outra jovem: “Eu aprendi a tomar decisões certas, a pensar direito” (Janaína, jovem iniciante, 15 anos). Depois de ver os fatos, analisar o contexto e questioná-lo, cada participante, e também o grupo como um todo, produz conhecimentos que podem ajudar à tomada de decisões e a “pensar direito”, palavras da jovem. Isso pode ser caracterizado como um itinerário de produção de opinião crítica e não apenas uma opinião isolada, individual.

Sobre a opinião própria que os jovens dizem aprimorar no grupo de jovens destacam-se ainda dois aspectos: o reconhecimento e as exigências, que, em alguns casos, geram conflitos e divergências. Em relação ao primeiro uma jovem diz:

Na sala de aula, quando tem um trabalho em grupo, se é assim de escrever a tua opinião, o pessoal sempre me procura porque eu tenho aquela referência do grupo de jovens, “porque se tu é do grupo de jovens, tu consegue enxergar muitas coisas que a gente não consegue enxergar”. (Juliana, jovem iniciante, 17 anos)

Sua apropriação de conhecimentos e informações não se restringe ao âmbito da pastoral, mas como experiência formadora se integra ao conjunto de vivências da jovem. A valorização, por parte de seus colegas de aula, do aprendizado que ela teve no grupo de jovens é emblemática. A forma como isso se manifesta lhe confere uma imagem de alguém “que tem uma opinião” e que a partir disso “consegue enxergar” coisas que outros não percebem.

Por outro lado, o fato de desenvolver uma opinião crítica diante dos acontecimentos e de certos espaços pode ocasionar situações exigentes para os jovens. De uma parte, as exigências são dos próprios indivíduos consigo mesmos, quando cobram de si posturas que procuram desenvolver. De outra, experimentam confrontos de opiniões com outras pessoas em espaços que os jovens transitam.

Quanto ao aspecto da auto-cobrança em relação a si mesmo, um dos jovens assim explicitou:

Acho que para algumas pessoas eu sou assim, “chato”, porque pelo próprio processo que eu passei eu fiquei muito mais crítico, de querer saber as coisas. Sabe aquelas crianças de 03, 04 anos que perguntam “Por que, por que?”. Ai tu liga a TV pra assistir a um jornal, ai tu fica te perguntando “Tem tanta coisa pra passar e por que fica passando só certas coisas?”, ou a novela, “Por que as pessoas assistem novela?” Tu começa a ficar mais crítico, a questionar coisas e começa a descobrir que tu gosta de coisas diferentes do que é apresentado pra todo mundo. Por que tem que assistir novela antes de dormir, por que tem que assistir o jornal, várias coisas assim. Então isso de questionar tudo fez a diferença no grupo. (Cláudio, jovem egresso, 26 anos)

O jovem percebe que algumas pessoas o consideram por sua atitude de ser questionador em relação a tudo. Ele não considera isso negativo, contudo, não deixa de refletir sobre esta situação e sobre o que as pessoas pensam acerca de sua pessoa. Isso revela que o jovem se questiona sobre o modo como os outros o vêem e sobre a forma como gostaria de ser visto, valorizado por sua criticidade ao invés de considerado “um chato”.

Outra jovem, falando do mesmo assunto, destaca que aprendeu a se controlar e não ser tão exigente consigo mesma, pois isso estava lhe incomodando:

Acho que outro aprendizado, não pós, mas durante ou pós-pastoral, é também tu conseguir tentar relevar um pouco, não ser em tudo tão coerente, porque isso incomoda muito. Deixar um pouco, pensar em algum momento em não fazer nada, pensar em algum momento não pensar tanto no que deu certo, porque senão tem momentos que tu não consegue viver, tu não consegue se divertir com as coisas. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

Tal reflexão da jovem demonstra maturidade ao refletir sobre sua experiência. Ela aponta que mesmo tendo uma visão crítica, precisa relevar algumas questões para que a sua vida não seja demasiadamente controlada, não pensar tanto no que não deu certo e, assim, poder desfrutar os momentos.

Complementando esta fala, outra jovem, participando da mesma discussão, brinca com a situação, dizendo que muitas vezes é sofrido e complicado ter uma opinião própria e que, às vezes, gostaria de ser alienada:

Acho que a gente se dá conta, vivendo uma experiência assim, do que tu pensa e da necessidade de coerência, entre as coisas que a gente pensa e que a gente faz (...) E isso é sofrido, é muito complicado. O que faz diferença na minha vida hoje é que eu julgo, eu penso antes de fazer, com base em alguns valores ou com algumas coisas que eu aprendi na pastoral e que não dar conta disso é sofrido, porque as vezes a gente olha e diz "Aiii, que vontade de ser alienado!!!" (risos). E incomoda, porque o tempo inteiro, tudo te incomoda. "Quanta hipocrisia, como o mundo é hipócrita, como as pessoas são hipócritas". Então isso muda muito a postura da gente e às vezes a gente acaba sendo chato, mas acho que é o que faz mais diferença na minha vida, que é poder fazer as coisas, podendo pensar antes de fazer ou depois que fez pensar "Putz, que m.", tipo, tem uma outra referência para viver e isso faz a gente ser diferente e talvez se incomode mais. (Sabrina, jovem egressa, 25 anos)

A reflexão da jovem sobre si mesma e suas mudanças pessoais a partir dos aprendizados que teve na PJE (grupo) mostram o quanto é também um aprendizado viver o paradoxo consciente/indiferente. Revela, ainda, uma cobrança pessoal em relação às questões que fazem parte da sua vida, levando-a a perceber que isso lhe dá referências para basear suas opiniões e ações, tanto antes de desenvolvê-las como também depois, avaliando-as.

A referência dos jovens é especialmente significativa se considerarmos às múltiplas possibilidades oferecidas pela vivência da condição juvenil, seja no âmbito do consumo, seja em relação ao lazer e tempo livre. No âmbito da pastoral, embora nem sempre de forma explícita, são sugeridas interdições e condenações a algumas práticas das culturas juvenis contemporâneas. Aprender a lidar com as interdições e as possibilidades à disposição constitui um dilema para jovens que não resumem seus pertencimentos aos grupos da pastoral, mas experimentam múltiplas identidades.

Outra temática recorrente que surgiu na discussão com os jovens foi a relação destes com as ações concretas. Eles revelam que são basicamente três questões que os motivam à ação: em primeiro, a participação ativa nos projetos; em

segundo, o desejo de querer mudar a realidade; e em terceiro, as ações propriamente ditas que eles desenvolvem.

Em relação ao primeiro aspecto, os participantes deixam claro que, na pastoral, há aprendizados no fato de que contribuem diretamente na organização dos encontros do próprio grupo, assim como também nos projetos que são desenvolvidos:

No grupo é a gurizada que está ali animando. É diferente de estar ali um adulto ou um professor. É o jovem que está participando, que vai poder dar seu testemunho, é ele que diz como são as coisas, e isso dá uma cara mais jovem. A gente ajudava a organizar os encontros, animava, e se achava o máximo por estar ali naquele espaço, podendo organizar um outro encontro. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

A gente aprende a dividir as tarefas, cada um traz uma coisa para o próximo grupo, um traz uma reflexão, outro traz uma iluminação, outro faz as dinâmicas. (Janaína, jovem iniciante, 15 anos)

No segundo aspecto, os jovens destacam que aprendem a importância de agir para mudar a realidade. Revelam que não basta ter consciência de que existem situações sociais que necessitam de mudanças. Na visão deles, é preciso também propor ações que levem às mudanças. Nas suas falas, enfatizam:

O grupo me ajudou a ter persistência na busca dos meus ideais, acreditar em tais sonhos, ter esperança de que estes sonhos irão um dia se tornar realidade.(...) O grupo me ensinou muito que a gente não pode ficar só falando, a gente tem que agir. A gente tem que primeiro analisar as coisas, mas depois que analisar, tem que agir. (Wellington, jovem iniciante, 16 anos)

Pra mim, o grupo de jovens muda a realidade, por exemplo, a gente fez várias coisas na escola, com a característica do jovem. Então eu sempre coloco isso, quando as pessoas me perguntam “Por que ir no grupo de jovens?”, porque eu tenho vontade de mudar a realidade, porque eu acho que lá na escola eu acho que tem coisas pra melhorar, porque tem coisas pra aprender e porque não compartilhar isso com as outras pessoas? (Juliana, jovem iniciante, 17 anos)

A idéia de mudar a realidade expressa pelos jovens demonstra que eles falam do seu próprio cotidiano. Ao expressar que existem aspectos das suas escolas que precisam ser mudados, eles acentuam uma perspectiva de ação que parte do lugar em que estão inseridos. Também enfatizam que sentem a necessidade de mudar a própria pastoral nos aspectos julgados como passíveis de melhoria. Uma das jovens destaca:

Eu trago comigo esta preocupação diária de estar mudando inclusive a própria pastoral, que é uma proposta muito legal, que encanta a gente. É uma proposta muito rica de formação da gurizada, mas que precisa alcançar mais gente, efetivamente, não só afetivamente, isso é bacana. (Taís, jovem coordenadora, 18 anos)

Sua consideração destaca que a mudança do mundo inclui a própria pastoral, organização que ela integra. Sua atitude revela um aprendizado sobre a consciência de que não é possível mudar um mundo genérico, mas efetivamente aquele em que atua.

Ao falar da mudança, outra jovem aponta que não se ilude com a perspectiva de que irá mudar o mundo como um todo, mas de que ela pode contribuir com a mudança:

Eu continuo na pastoral e pretendo continuar por um tempo ainda porque eu quero mudar o mundo (...). Eu queria mudar o mundo e eu ainda quero, não mudar o mundo, mas contribuir para a mudança, porque hoje eu vejo isso de outra forma, esse mudar o mundo. Pra mim, no início eu pensava “eu quero mudar o mundo”, depois eu fui pensando de que forma eu poderia contribuir para a mudança do mundo e fui me dando conta de que eu poderia contribuir para a mudança do mundo, que eu não conseguiria mudar o mundo sozinha e isso me ajudou a continuar no grupo, a continuar na pastoral, porque na pastoral a gente vive uma comunidade, a gente busca viver, é conjunto, mesmo que um conjunto pequenininho, num mundo tão complicado, mas a gente é comunidade. (Marta, jovem coordenadora, 20 anos)

Sua fala manifesta uma perspectiva realista, de que ela alimenta a idéia da mudança do mundo a partir das suas condições. No seu modo de ver ela pode contribuir com a mudança e encontra uma forma de fazer isso através da pastoral.

Outra perspectiva apontada através da participação no grupo da PJE enfatiza que o grupo revela-se como mobilizador para a ação. Através do contato com outros jovens que vivem esta experiência, os jovens se motivam para o protagonismo, pois percebem que suas ações são necessárias às mudanças que almejam:

A gente acaba vendo as propostas da pastoral e muitas coisas que tem por aí e acaba se apaixonando pela proposta da PJE e vê que não é só eu e o meu grupinho de base que está se reunindo, que tem um monte de gente em Porto Alegre, em Sapucaia e em vários lugares, não só no RS, mas também no Brasil. Eu acho que isso dando vontade de juntar cada vez mais gente pra isso, tu vai tendo fome e sede de justiça pra querer fazer alguma coisa. (Melissa, jovem coordenadora, 15 anos)

Eu acho que tem um momento, pelo menos deveria ter, que o grupo como família, ele ganha uma consciência de que ele é um ensaio, é uma proposta de vida, é um ensaio para o

mundo. E nesse momento em que ele ganha consciência de que ali é um ensaio, surge toda uma responsabilidade, um peso, uma carga. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

A partir de tais apontamentos, os jovens expressam a consciência da necessidade de sua participação em projetos que lutem por justiça social, como especificidade da própria PJE. Também demonstram que a participação no grupo lhes confere responsabilidade, uma vez que são impelidos a viverem uma proposta de vida que contemple o anseio por um mundo melhor. Dizem isso ao afirmar que o “grupo é um ensaio para o mundo”. Deste modo evidenciam que o compromisso não é com um futuro distante, mas já no presente, como “ensaio” para aquilo que enfrentarão posteriormente.

Como terceiro aspecto sobre a mobilização para a ação, os participantes da pesquisa apontam algumas ações concretas que desenvolvem no âmbito da pastoral:

Recordo de atividades que a gente fez, de caminhadas, de faixas na mão, retiros regionais, cursos de formação, projetos nas escolas, nas oitavas séries para que eles passassem nas provas, foram coisas mais coletivas, mais políticas, mais sociais, mais coletivas. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

Aprendi também que quando tem campanha do agasalho, essas coisas, é bom a gente se envolver, ajudar o próximo, não assim pra ti, mas pra a outra pessoa, sabe. (Ketlen, jovem iniciante, 15 anos)

Ao tecerem tais considerações, os jovens destacam que aprendem no grupo a necessidade de se envolverem em projetos concretos de atuação na sociedade. Tais ações perpassam desde o âmbito de campanhas até a organização de propostas mais politizadas, conforme afirma o jovem Marcelo. Melucci (2001) enfatiza que os jovens vivem intensamente o tempo presente, o aqui e agora, que se reflete na impostação da “concretude do agir altruístico”.

O apontamento dos jovens da PJE a respeito do aprendizado e da participação em ações concretas remete a tratar da problematização acerca do protagonismo juvenil. A respeito da temática, Melucci (2001) se interroga sobre a perspectiva de os jovens serem considerados atores de ações coletivas. Tradicionalmente, poderia se considerar que havia maiores possibilidades de uma resposta afirmativa. Contudo, ele afirma que, hoje, “a ação não se deduz pela

condição social” (ibid, p. 100), ou seja, não é por estar na condição juvenil que os jovens, automaticamente, serão atores de ações coletivas.

Para o autor, a condição juvenil pode ser o suporte de uma mobilização antagonista desde que exista a identificação de um campo de conflitos e a presença de fatores conjunturais de ativação da ação. Quando isso acontece, as mobilizações juvenis funcionam como reveladoras, pois fazem desabrochar as questões profundas, os problemas e as tensões que perpassam toda a sociedade. Ainda segundo Melucci (ibid), para empreender tal processo são necessários dois procedimentos: a) separar no plano metodológico a análise de uma condição social da ação coletiva; b) inverter os termos do problema: antes a ação se deduzia pela condição social, onde ser jovem era sinônimo de ser sujeito de ação social. Agora, se faz necessário, primeiramente, identificar, em nível de sistema, os problemas que estão no centro dos conflitos sociais, os campos sobre os quais se joga o confronto para o controle de recursos decisivos.

Somente a partir desta conjectura é possível perguntar-se sobre quais elementos da condição juvenil são suscetíveis de ativar, em certas condições conjunturais, transformando um determinado grupo em ator de ações coletivas.

Ao falar sobre a participação em organizações coletivas Krauskopf (2005) destaca que “quando não há oportunidades de participação construtiva, o anonimato é pior que o reconhecimento que eles [jovens] obtêm com a identidade negativa que lhes é impingida” (p. 156). A autora destaca a importância do envolvimento dos jovens em ações construtivas, em detrimento daquelas que promovem uma imagem negativa diante dos outros face ao anonimato. Tal aspecto é revelador da importância das ações coletivas para a construção das identidades juvenis.

Melucci também enfatiza tal aspecto, destacando que:

A participação em ações de mobilização coletiva e em movimentos sociais, o engajamento em atividades de inovação cultural e ações voluntárias de cunho altruísta assentam seus alicerces sobre essa necessidade de identidade e contribuem para respondê-la. (2004, p. 49)

A sinalização feita pelo autor demonstra a importância das mobilizações coletivas para a construção das identidades. Nelas os participantes encontram perspectivas que contribuem para responder às necessidades que os mesmos apresentam a respeito de si mesmos.

Confirmando o significado do protagonismo juvenil para os aprendizados dos jovens e para a construção de suas identidades, Dick (2006) ressalta:

Uma das melhores formas do jovem encontrar sua identidade e sua missão no mundo é pertencer a uma organização que o leva a assumir responsabilidades, planejamentos, pedagogias, relacionamentos; isto é, a ele abraçar a sua identidade de protagonista. (p. 55)

Tal perspectiva aponta o quanto significativos são os espaços onde os jovens possam desenvolver suas habilidades e assumir responsabilidades, especialmente sobre situações concretas, que lhes possibilite tomar iniciativa e aprender através de tais práticas.

Na pesquisa com os jovens da PJE tal aspecto foi bastante evidenciado. Explicitaram que aprendem diversos aspectos sobre si mesmos e a respeito da realidade através das ações que desenvolvem no grupo. A proposta da pastoral enfatiza este aspecto como um dos seus princípios pedagógicos:

A PJE acredita que o estudante é o sujeito dessa pastoral. Existem diversos tipos de protagonismo, inclusive o do assessor, mas não existe PJE autêntica se o estudante nela engajado não assume sua responsabilidade pela PJE. Portanto, qualquer função dentro de um grupo deve ser encarada e encaminhada para ser uma ação protagonista do estudante. (2005, p. 98)

Por mais que a PJE aponte claramente para a perspectiva do protagonismo dos estudantes, a partir da perspectiva já destacada por Melucci, não é possível afirmar que todos os jovens se reconheçam como protagonistas. Da mesma forma, ainda que todos os membros de um grupo estejam envolvidos numa ação coletiva, não estão, necessariamente, pelos mesmos motivos. Independente do nível do envolvimento em ações concretas ou do significado que tais projetos possam ter, é inegável a contribuição destas para a vida dos jovens⁵⁴.

⁵⁴ Para aprofundar a temática do protagonismo e participação juvenil pode-se consultar as seguintes obras: REGUILLO, Rossana. **Ciudadanias juveniles en America Latina**. Última década, CIDPA, Nov. 2003; KRISCHKE, Paulo J. Questões sobre Juventude, cultura, política e participação democrática. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005; RIBEIRO, Renato J. **Política e juventude: o que fica da energia**. In.: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. ABRAMO, Helena. **A apatia da juventude é um mito**. Revista Juventude.br. São Paulo, ano I, n. 1, 1998.

No conjunto dos temas do eixo da subjetividade, outro elemento destacado pelos jovens refere-se ao projeto de vida. Eles dizem que a participação no grupo da PJE, o contato com líderes mais experientes da pastoral e as diversas experiências proporcionadas, contribuem para que pensem sobre o futuro e elaborem projetos de vida.

Ao falar do contato que acontecia no grupo de PJE com líderes mais velhos uma das jovens destaca:

Quando a gente conhece mais, quando aprofundamos a proposta da PJE, aí entram as outras referências, tipo “É possível ser feliz, porque eu vejo alguém mais velho do que eu que é feliz”. Vinham jovens de outras instâncias nos visitar ou então depois de algum encontro, a gente pensava “como eles são tri, eu quero ser assim também”. (Sabrina, jovem egressa, 25 anos)

Tal consideração sugere a existência de uma “identificação” dos jovens que participam do grupo com outros jovens que já estão há mais tempo na pastoral, possibilitando que tenham referências em quem se apoiar e nas quais desejam se inspirar.

Outro aspecto destacado pelos jovens consiste no fato de que o grupo da PJE não se apresenta como um fim em si mesmo. Ele revela-se como uma experiência situada num determinado momento da vida do jovem e que contribui para que ele pense sobre o seu futuro. Algumas falas ajudam remetem a esta ênfase:

O grupo não é um fim em si mesmo. Chega uma parte que a gente acha que é o grupo, o grupo, e aí tá. Chega uma parte que a gente se dá conta de que o grupo não pode ficar no grupo. Se ele vai ter que acabar, as pessoas vão ter que assumir um caminho, ou pastoral, ou seja outro projeto de vida. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

Fazer PJE, fazer pastoral não se limita a estar num grupo de jovens ou até hoje, que eu sou Articuladora, a ser articuladora da PJE ou ser da equipe da coordenação, é pra vida. (Marta, jovem coordenadora, 20 anos)

Eu estou nesse processo de ainda estar no grupo, de estar pensando meu projeto de vida (...) Aí entra isso de “transformar o mundo”, porque eu quero estar colaborando, fazendo a minha parte e o meio que eu encontro isso é na pastoral. (Cláudia, jovem coordenadora, 17 anos)

Os jovens expressam que a experiência realizada no grupo leva-os a pensar sobre suas vidas, de modo especial seus projetos de vida. Demonstram ter consciência de que o grupo não se basta, necessitam pensar em outros aspectos. Dizem ainda que assumem posturas que não são vividas somente no âmbito da

pastoral, mas “são para a vida”, ou seja, são experiências que estendem a outras esferas de suas relações.

Outro jovem destaca que a experiência na pastoral foi significativa a ponto de ele querer continuar envolvido e fazendo parte da PJE, pois esta ainda lhe ajudou a pensar a sua vida numa lógica diferente daquela proveniente do seu meio de origem:

A gente caminha na construção de algo, que a gente diz possível e ao mesmo tempo parece tão longe, tão distante e eu vejo que isso é o que nos movimenta, é essa distância que nos faz andar, essa dinâmica, essa questão utópica, de tu andar dois passos e se distanciar dois passos. Essa é uma experiência muito rica e eu vejo que é uma incoerência minha se eu sair de uma coisa que eu valorizo tanto e que me transformou, me afetou de tal forma que eu não consegui me dar conta, fazer com que eu percebesse que a minha vida não ia acontecer só ali dentro de uma localidade, da casa pro colégio, do colégio pra casa, ou do trabalho, ou de uma namorada, casar, ter filhos, ter uma casa na frente de casa e ir morar ali, criar 5/10 filhos, que é a dinâmica da localidade onde eu moro. Como eu fui percebendo isso, eu via como incoerência eu sair desse processo que eu valorizava e que eu via que isso me apóia até hoje. Sempre que tem as pedras, que acabam aparecendo, que me fazem entristecer, me debilitar, me deixar triste, eu me apoio sempre na pastoral, na pastoral como uma mão estendida, que tá lá, mesmo se eu não precisar, vai estar sempre lá. Então eu via como incoerente, pois é coisa que eu valorizo muito. Hoje eu não me imagino fora disso. (Everton, jovem coordenador, 17 anos)

Em sua fala o jovem registra que a experiência vivenciada na pastoral lhe instiga a continuar envolvido com esta proposta, por causa das mudanças de perspectiva. Ao destacar que atualmente ele “não se vê fora disso”, indica que é possível fazer do projeto da pastoral um projeto de vida. Falando do mesmo tema, outra jovem descreve as suas opções:

Na linha de se sentir responsável, acho que todas as nossas opções, pelo menos eu penso, vão ter alguma conseqüência e eu vejo que, talvez, nesse se sentir responsável e por essa vontade de estar aqui, por estar participando da pastoral, eu optei por morar em Porto Alegre. Por que se eu continuasse lá a minha caminhada não seria a mesma, porque eu teria dificuldades em casa, em estar participando da ECOOPJE. Eu vejo que eu optei pela pastoral, pois quando eu me pergunto “ah por que eu vim?”, eu vejo que no ano passado, quando eu fiz meu projeto de vida, este ano também, que eu to escrevendo ele no Animadores [curso de pastoral], eu vejo que se eu estou aqui não é em vão, porque a pastoral pesou muito pra que eu pudesse estar participando e uma das conseqüências que eu tive foi ter que deixar minha mãe, meu pai, minhas irmãs em Pelotas. (Melissa, jovem coordenadora, 15 anos)

As considerações desta jovem permitem perceber como o projeto de vida é enfatizado na PJE. Ela descreve que ao fazer um curso da pastoral teve a oportunidade de escrever o seu projeto de vida. Neste projeto fez a opção de se

mudar, com 15 anos de idade, da cidade de Pelotas para a capital, Porto Alegre. O motivo apresentado é que, deste modo, teria melhores condições de desempenhar a sua função de membro da coordenação da PJE.

Outra ênfase do projeto de vida que os jovens destacam consiste na escolha da profissão. Eles assim expressam as suas opções:

Acho que uma coisa assim que é forte na nossa vida é a escolha da nossa profissão. Uma coisa que a gente sabe que a PJE não é para o resto da vida, mas a gente faz opções e eu quando fui pensar em fazer vestibular, eu tinha pensado em fazer alguma licenciatura. Meu sonho é um dia ir pra sala de aula e colocar a gurizada numa roda, porque é muito novo sabe, na escola é essa coisa da “pedagogia da nuca”, porque a gente está de costas para os nossos colegas ou então de ombro, de não poder olhar para o lado e tal. Eu trago muito forte na minha vida essa coisa da profissão. Compreendo que isso tem uma dimensão grande na vida da gente hoje, o trabalho que tu escolhe. Eu quero trabalhar na sala de aula, com estudantes, com pessoas que tem vida, que têm história, que tem uma diversidade imensa que não é valorizado hoje, isso na escola. Isso é um aprendizado que eu trago assim do grupo, da roda, que parece uma coisa boba, mas que mexe muito com as minhas opções de vida. (Taís, jovem coordenadora, 18 anos)

Eu escolhi ser pedagoga, ser professora, mesmo tendo um salário de miséria e etc. pela visão que a sociedade tem hoje dos professores, porque eu podia ser química, porque a minha formação é química. Mas não, eu decidi ser professora. Então alguns caminhos a gente rema, vai na contra-mão do que, socialmente, é tido como bom ou como normal. Então a gente aprende a dar razão da fé, razão das opções, de ser quem eu sou, de me relacionar com as pessoas que eu me relaciono. Acho que isso é uma aprendizagem que também se leva, pra vida toda, do grupo. (Sabrina, jovem egressa, 25 anos)

A partir da minha vivência, no grupo eu percebo que eu vou escolher a minha profissão, tendo em vista os valores que eu acredito, que eu cultivei, que vai ser pra mim impossível que eu escolha algo que seja individualista, que vai fazendo umas exigências que são cristãs ou sei lá, dependendo da vivência do grupo, mas que te faz optar. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

As falas apontam para opções quanto à profissão inspiradas naquilo que os jovens vivem na pastoral. Duas jovens destacam claramente que pretendem atuar como educadoras. Outra jovem destaca que independente da profissão escolhida, a vivência pastoral motiva a considerar os valores difundidos nas práticas socializadoras da PJE.

Ao tematizar a questão do projeto de vida Pais (2003) destaca que:

Os projetos de futuro (ou a ausência deles) têm muito a ver com as práticas cotidianas em que os jovens se envolvem, com os múltiplos contextos de socialização a que se encontram sujeitos. Embora as suas trajetórias e práticas cotidianas se encontrem sujeitas a determinações de natureza societal, encontram-se também subordinadas às lógicas dos microsistemas de interação e de relações constitutivas das unidades de vida de que fazem parte. (p. 236)

Seu apontamento sublinha que a definição dos projetos de futuro dos jovens está relacionada aos diversos contextos em que transitam e nas relações que estabelecem. Tais perspectivas apareceram muito claramente nas falas dos jovens da pesquisa, principalmente no aspecto da escolha da profissão, quando destacam que suas opções tiveram relação com aquilo que viveram no grupo de jovens.

Por mais que possam encontrar dificuldades no estabelecimento de projetos de futuro, Kraukopf (2005, p. 174), baseada em pesquisas realizadas na América Latina, destaca que “os jovens em geral são mais otimistas que os adultos com relação ao percurso de vida”. Mesmo com dificuldades, a autora aponta que “não é possível falar de ausência de futuro; os jovens desenvolvem aquilo que Bajoit (2003) chama de *estratégias de gestão da incerteza*” (Ibid).

As falas dos jovens da pesquisa esclareceram que um dos aprendizados realizados nos grupos e cursos de formação da PJE está relacionado ao projeto de vida. Alguns destacam que a experiência na pastoral lhes possibilitou pensar sobre aquilo que pretendem desenvolver no futuro, enquanto outros, que já saíram da pastoral, enfatizaram que a participação na PJE contribuiu, inclusive, na escolha da profissão⁵⁵.

No âmbito dos aprendizados em torno do eixo da subjetividade outro tema destacado pelos jovens é o da espiritualidade. De modo geral, eles dizem que na pastoral aprenderam a re-significar a própria fé e as práticas religiosas. São enfáticos em apontar que suas crenças têm muito a ver com a experiência que fizeram no grupo de jovens.

Ao falar deste aspecto, os jovens destacam:

Sobre a questão da espiritualidade, a pastoral re-significa as nossas idéias de Igreja e de espiritualidade. Com certeza se não fosse a pastoral eu, talvez, teria me revoltado contra a minha fé, contra a Igreja Católica. (Cristian, jovem egresso, 22 anos)

⁵⁵ Para aprofundar a visão sobre “Projeto de vida” ver os seguintes autores: PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. Cap. VI; POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil; In: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004; NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2006, p. 105-120.

Acho que falando em religiosidade, na família ou até mesmo no culto católico, tu aprende muito aquilo que não pode “Não pode isso, não pode aquilo outro, não pode assim, não pode assado”. E na pastoral tu aprende mais o que pode. Tu pode, mesmo que seja romântico, tu fica mais em cima daquilo, da fé, daquilo que é pra ser. Então tu transita por um círculo mais aceitável pro adolescente, “bah, que legal ser assim”. Dá esse conflito inicial, porque tu chega em casa e as pessoas dizem “Não pode mastigar a hóstia guri!” (risos). Então acho que é muito mais aceitável a espiritualidade dentro do grupo porque tem isso, acho que a gente transita por um caminho mais histórico primeiro pra depois ver o regimento da coisa. E em casa, primeiro é o regimento e depois é o porquê do regimento, se é que chega no porque. (Gerson, jovem egresso, 26 anos)

Suas reflexões apontam para uma forma diferente de compreender e viver a espiritualidade, demonstrando que também as práticas espirituais se aproximam das formas e linguagens juvenis tais como a música, a cultura, os comportamentos, etc. Destacam que a Igreja Católica e a família, em muitas ocasiões, não trabalham o sentido da espiritualidade e a razão de determinadas práticas religiosas. Na pastoral entendem historicamente o sentido da espiritualidade que estão vivenciando.

Viver a espiritualidade de um modo diferenciado se torna um desafio a partir de uma prática que permite o erro e a experimentação. Em sua fala, um dos jovens aponta:

No nosso grupo se aceita mais a diferença, está mais suscetível ao erro, por causa disso. E é uma coisa que, tradicionalmente, a Igreja Romana não se permite. Não sei se me faço entender com a questão dos erros. Porque se eu posso expressar a minha espiritualidade, pode ser errôneo o modo como eu fiz isso, ou algo assim, pode ser uma coisa, desculpe dizer, estúpida, mas aquilo é inspiração e aquilo é validado. E no grupo de jovens aquilo é muito rico, a questão da expressão, e a gente consegue fazer com que isso tome um caminho extremamente positivo, e a gente vai conseguindo progredir, a maneira que a gente se expressa, ela vai sendo aprimorada, ela vai ficando cada vez mais forte, cada vez mais... Mas pra chegar a isso, tem o processo dos erros, das rateadas, essas coisas, que a Igreja tradicional não permite. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

O destaque realizado por este jovem diz que a experiência da espiritualidade que é vivida no grupo proporciona espaços onde os sujeitos podem expressar suas crenças e o seu modo de compreender e viver a fé. Como ele destaca, em alguns aspectos, isso pode resultar em aspectos errôneos a respeito da vivência espiritual. Contudo, isso é considerado positivo, visto que, a partir dos erros, é possível progredir no aprofundamento das crenças. Enfatiza ainda que, tradicionalmente, a Igreja Católica não oferece o espaço da suscetibilidade ao erro, enquanto na pastoral existe a possibilidade de ressignificar a fé a partir dos equívocos e acertos.

O aprendizado da espiritualidade, de modo diferenciado, que os jovens dizem viver na pastoral também é resultante daquilo que falam sobre a simbologia que aprendem no grupo:

Acho que isso é importante destacar: o simbólico. A gente cria símbolos, que vão dando significado ao que a gente mesmo significa ou ressignifica. A gente trabalha muito nessa perspectiva, tanto do que o próprio jovem veste, lá no altar está um tênis, que é da caminhada, então eu olho e me vejo lá. Também vai estar lá no altar uma camiseta da pastoral que eu uso, então eu to rezando a minha vida, eu to rezando aquilo que eu acredito, isso aproxima mais. E a gente usa muito do simbólico do estudante né, mas também de juventude, de poder cantar canções alegres, não é só uma estratégia para dominar, não, eu to rezando aquilo que eu gosto, que tem sentido. (Sabrina, jovem egressa, 25 anos)

Envolve a fé, por isso, envolve esperança, envolve o dogma, envolve a crença, eu chamo de dogma também. Só que assim, dessas duas, uma talvez seja dogmático absoluto e a outra um dogmático crítico. São categorias que existem: dogmático absoluto e dogmático crítico. Eu acho que pra nós, no grupo, a gente passa de um pro outro, na experiência da fé. E com relação ao culto e às questões práticas, eu acredito que os símbolos da Igreja Católica, que são muito racionais, eles são dados. Então pra tu conseguir captar e dar sentido a eles é complexo. Praticamente, são poucas pessoas que conseguem significar isso. E já na pastoral, tu é autor do simbolismo, então não há dificuldade, porque o símbolo só está explicando aquilo que tu tá vivendo. É o caminho contrário, o símbolo, de repente na capela está dado, num culto tradicional, ele está dado. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

O elemento simbólico é apontado pelos jovens como um dos aspectos desencadeadores da sua fé. Destacam que utilizam, na pastoral, símbolos que se referem à sua vida de estudantes e de jovens, tais como o tênis, a camiseta da pastoral, os cantos alegres. Também enfatizam que os símbolos da Igreja Católica são “muito racionais” e que a partir das suas práticas de fé necessitam aprender a captar e a dar sentido aos mesmos. Falam que isso é complexo e que não são todos os que conseguem fazer este processo.

Conforme destaca outra jovem, a fé que vivenciam não é uma prática isolada, intimista, outrossim, se refere a uma vivência que tem como base o grupo:

Eu lembro que quando o meu pai faleceu, eu tava no meu 2º ano de grupo e a gurizada rezou comigo e eu não era católica praticante (...) Eu lembro que a gente rezou junto e foi uma reza muito encarnada e não só pela morte do meu pai, também, mas por tudo o que estava acontecendo na minha vida. (Taís, jovem coordenadora, 18 anos)

Tal apontamento pode ser relacionado ao que outro jovem havia apontado, de que na pastoral a vivência da espiritualidade acontece numa perspectiva contrária à tradicional, que parte da vida, do simbólico para depois realçar a crença, o dogma.

Neste caso, a jovem comenta que não era católica praticamente e participava do grupo e que a partir de um fato triste, ocorrido em sua família, o grupo se uniu a ela, manifestando o seu apoio. Ao enfatizar que foi “uma reza encarnada”, ela demonstra a importância e o significado que tal ação do grupo teve para sua vivência da fé e para a superação das dificuldades encontradas.

Ao analisar os pertencimentos, percepções e comportamentos dos jovens brasileiros, em relação à religião, Novaes (2005)⁵⁶ destaca que apenas 1% dos mesmos se declararam ateus. Ao mesmo tempo em que grande parte diz acreditar em Deus, muitos não apresentam fidelidade institucional às Igrejas às quais dizem pertencer. Este se constitui num dos desafios sobre o qual as religiões têm sido motivadas a refletir.

A Igreja Católica (CNBB, 2007) também admite que atualmente se vive um contexto plural, onde as pessoas não estão mais ligadas diretamente à religião, como em outros períodos históricos. Ao falar da espiritualidade juvenil, destaca:

A rapidez das mudanças, os atrativos de diferentes níveis e a agitação do cotidiano desafiam a vivência de uma verdadeira espiritualidade. Muitos jovens não vivem num contexto cristão, numa família cristã, não foram iniciados na fé. (p. 55)

Tal consideração demonstra que a Igreja Católica, assim como as demais igrejas, têm um desafio para cativar os jovens a participarem das suas propostas de fé. Em relação aos jovens, a sua participação na Igreja não acontece mais pela força da tradição, mas necessita ser motivada e ressignificada.

Os jovens da PJE enfatizam de forma clara que, no grupo de jovens, tiveram a oportunidade de recontrarem sua fé e, deste modo, continuarem a vivenciar a espiritualidade cristã. Conforme os próprios jovens destacaram, a espiritualidade precisa trabalhar com os aspectos simbólicos e deve abrir espaços para a sua participação⁵⁷.

⁵⁶ Tal análise refere-se à pesquisa intitulada “Perfil da Juventude Brasileira”, que ouviu 3.501 jovens de 15 a 24 anos, no ano de 2003. Foi coordenada pelo Instituto Cidadania e pela Editora Fundação Perseu Abramo.

⁵⁷ Para ver outros aspectos sobre a espiritualidade juvenil, podem-se consultar as seguintes obras: DICK, Hilário. **O divino no jovem**: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil. Porto Alegre, Instituto de Pastoral da Juventude, 2006. NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

Através do eixo da subjetividade é possível perceber o quão desafiador é para as pessoas, neste caso para os jovens, constituírem-se a si mesmo diante do mundo desafiador em que se vive. As falas dos jovens, neste eixo apontaram para alguns saberes e aprendizados que são vivenciados nos grupos da PJE e que contribuem na construção de suas identidades.

4.3 Saber

O grupo exige um desenvolvimento no campo da sensibilidade, porque, de repente, tu aprende a sentir o mundo de uma maneira diferente, a te relacionar com as coisas e com as pessoas. Tu aprende a se relacionar com as coisas de uma maneira diferente, não só as materiais, mas também as existenciais (Gérson, jovem egresso, 26 anos)

O terceiro conjunto de aprendizados reunidos a partir da fala dos jovens foi designado como eixo do saber. Os fundamentos para a estruturação do eixo têm sua origem em Charlot (2000), onde ele destaca que o aprender acontece em diferentes níveis, que perpassam desde o aprendizado de atividades a serem dominadas, tais como ler e nadar, até o aprendizado de dispositivos relacionais nos quais há que se entrar e formas relacionais das quais se devem apropriar.

Partindo da formulação proposta por Charlot, organizou-se os aprendizados relacionados ao eixo do saber em dois grupos diferenciados. O primeiro conjunto refere-se ao aprendizado de saberes práticos, enquanto o segundo diz respeito àqueles relativos aos dispositivos relacionais que os jovens afirmaram ter se apropriado na vivência do grupo da PJE, a partir da sua relação com os demais.

No agrupamento dos saberes práticos é possível perceber aprendizados concretos referidos pelos jovens. São aprendizados onde eles adquirem alguma habilidade específica e que pode ser visível. Foram considerados aprendizados deste conjunto: tocar violão, organizar eventos, secretariar, escrever correspondências, preparar um curso, a expressão oral, fazer relatórios, elaborar projetos financeiros, organizar viagens, aprender a coordenar, usar diferentes linguagens e as práticas de leitura.

Em relação aos aprendizados dos dispositivos relacionais, a partir da fala dos jovens, é possível apontar os seguintes: aprender a respeitar opiniões diferentes, preocupar-se com os outros, ter responsabilidade com o grupo, ter compromisso, escutar os demais e saber perdoar.

A relação de saberes que os jovens expressam ter aprendido no grupo referem-se às diversas práticas e eventos que eles tiveram oportunidade de experienciar na PJE, num momento específico de suas vidas. Charlot (2000) destaca que

A situação de aprendizado não é apenas marcada pelo local e pelas pessoas, mas também por um momento. Aprender, sob qualquer figura que seja, é sempre aprender em um momento de minha história, mas, também, em um momento de outras histórias: as da humanidade, da sociedade na qual eu vivo, do espaço no qual eu aprendo, das pessoas que estão encarregadas de ensinar-me. (p. 67-68)

Seus apontamentos refletem que os aprendizados que se fazem são caracterizados pelo local, pelas pessoas e pelo momento em que as pessoas estão inseridas. Desta forma, pode-se compreender que os aprendizados realizados pelos jovens da PJE também são caracterizados por estes elementos, de modo especial pelo momento histórico de sua participação no grupo ao qual pertencem ou do qual fizeram parte.

Apesar de circunscritos pelo momento específico de sua participação no grupo, tais aprendizados não se limitam a este período. Mesmo após a saída dos grupos da PJE, os jovens egressos, relatam que os aprendizados adquiridos na pastoral continuam sendo significativos em suas vidas, independentemente da área em que atuam ou dos coletivos em que participam.

4.3.1 Os saberes práticos e dispositivos relacionais

No eixo do saber, analisando o conjunto das falas que se aglutinaram em torno deste aspecto, foi possível observar duas grandes tendências. De um lado os jovens referem a um conjunto de pequenas práticas que denotam o domínio de saberes práticos. De outro lado, mencionam muitas questões relacionadas àquilo

que poderíamos chamar de saberes relacionais, tais como relacionar-se com o outro, com o diferente, aprender a lidar consigo mesmo. Passemos, então, a examinar cada um destes aspectos.

Relativamente aos saberes práticos, podemos constatar que na especificidade da dinâmica própria da PJE, há um conjunto de saberes que os jovens aprendem fazendo, isto é, na experiência concreta. Entre estes saberes, pode-se apontar aqueles relativos à expressão escrita, outros à expressão oral, na área musical, no aspecto financeiro e na leitura.

No conjunto dos saberes práticos, a expressão escrita ganha um destaque especial. São apontadas várias práticas que os jovens desenvolvem no grupo e que lhes confere o desenvolvimento desta prática:

Aprendi na pastoral a questão da comunicação escrita, de saber organizar uma ata, um relatório, um documento, uma carta de convite. (Cristian, jovem egresso, 22 anos)

Aprendi muito sobre o registro escrito, desse poder de síntese, acho que a gente pega muito quando está secretariando. (Milena, jovem egressa, 25 anos)

A gente aprende a questão da linguagem, os diferentes tipos de linguagem pra fazer um convite pro grupo ir a tal lugar, então pro grupo vai ser uma linguagem de gurizada, em outra ocasião vou ter que escrever um pedido para um bispo da Nicarágua. Aí vou ter que aprender que linguagem usar nos diferentes tipos, nos diferentes espaços. (Milena, jovem egressa, 25 anos)

As falas dos jovens também revelam algumas práticas que o grupo desenvolve e que possibilita o aprendizado, tais como o exercício de secretariar, o de escrever cartas e de fazer relatórios. Os jovens não referem que fizeram um curso da pastoral para aprender isso. Foi a própria prática, do aprender fazendo que lhes possibilitou adquirir tais aprendizados.

Os aprendizados quanto à expressão oral igualmente são destacados pelos jovens:

O grupo de jovens te ajuda muito a falar melhor e a não ter vergonha de falar em público. (Juliana, jovem iniciante, 17 anos)

A gente aprende a questão da expressão oral, acho que é muito importante, porque tu começa a te dar conta do que é que é importante, de organizar a tua fala quando tu vai te expressar. (Milena, jovem egressa, 25 anos)

Ambas ressaltam o “saber se expressar” com segurança e falar em público. Tais saberes são fundamentais nas mais diversas áreas tais como a relacional, a estudantil e o mundo do trabalho. Normalmente, estes saberes também são trabalhados em sala de aula durante a vida escolar. No entanto, a experiência que as jovens relatam transparece que no grupo de jovens esses saberes são trabalhados e assimilados de uma forma diferente, o que parece lhes conferir maior segurança em relação à expressão oral.

Outro saber prático referenciado por alguns jovens destaca a área da música, tanto no aspecto do aprendizado e instrumentos como também no gosto musical:

Acho que pelo próprio tipo de convívio surgiu o interesse pela música, que eu não tinha, só ouvia música no rádio e tal. Chegou um certo ponto que eu descobri que eu gostava de cantar, de tocar e começamos a desenvolver isso no grupo. (Cláudio, jovem egresso, 26 anos)

Sobre a questão que o Cláudio falou, sobre a música, não que eu seja um músico, mas hoje, aprendi a ser crítico em relação à música. “Ah esse tipo de música eu gosto, esse não”, sem preconceito, sabe, ter uma identidade, saber apreciar determinado instrumento, uma música, esse tipo de coisa assim. (Cristian, jovem egresso, 22 anos)

O primeiro jovem destaca a descoberta da música como algo que lhe ajudou a aprender a cantar e tocar. Também enfatiza que o interesse pela música se deu pelo “próprio tipo de convívio”. Pode-se supor que aquilo que ele está querendo referir é o tipo de convivência que havia no seu grupo, certamente marcada pela animação e pela música. Ao falar sobre a importância da música para as culturas juvenis, Feixa (2006, p. 122) destaca que “ella es utilizada por los jovenes como un médio de autodefinición, un emblema para marcar a identidade do grupo”.

O segundo jovem, dialogando com o primeiro, destaca, além do aprendizado do instrumento musical, como aprendeu a ser crítico em relação ao tema, apreciando determinados instrumentos e tipos de músicas. Considerando que a música é um componente importante para a cultura e para todas as gerações, de modo especial também o é para os jovens. Isso eles deixam bem claro ao afirmarem a sua importância no grupo de jovens.

Ainda sobre este eixo, outro saber referido é sobre a questão metodológica, de como aprender a organizar um curso, um evento, uma excursão e outros. Dois jovens assim expressam tais aprendizados:

Aprendemos na pastoral a elaboração de cursos dentro uma metodologia, pensando que dinâmicas são apropriadas, que conteúdos, que processos, o que vem antes, o que vem depois, pra que tipo de pessoa, o que é um curso pra iniciantes, o que é um curso pra militantes, que conteúdo que se dá ou o mesmo conteúdo, mas com qual metodologia, com qual aprofundamento. (Sabrina, jovem egressa, 25 anos)

Acho que eu aprendi mais a organização dos eventos, em preparar, tocar, animar e organizar excursão também, quando a gente viajava para os encontrões. (Gérson, jovem egresso, 26 anos)

Os aprendizados explicitados sugerem a importância que os jovens conferem aos saberes práticos de organização, desde algo mais simples como organizar uma viagem, pois não exige tanto a reflexão, até algo mais complexo como organizar um curso, que exige uma reflexão metodológica mais aprofundada. Percebe-se também nestas práticas o envolvimento dos jovens na preparação e execução destas atividades. Poderia se inferir que, um dos elementos pelos quais são produzidos aprendizados nestes projetos é justamente pela participação ativa dos jovens na condução dos mesmos.

Outro tema relativo ao eixo do saber compreende a administração financeira. Ao falar sobre os aprendizados realizados no grupo, uma das jovens referiu-se à questão afirmando que

A questão financeira é um aprendizado, que acho que “a gente vai apanhando”, mas que vai fazendo. Por exemplo, como pedir auxílio, como fazer um projeto financeiro, como depois administrar esses recursos, como pedir notas, como prestar contas. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

O destaque dado pela jovem é algo que foge à regra daquilo que se compreende como aprendizagens na escola ou até mesmo na pastoral. Ao fazer o exercício de administrar as finanças do grupo, os jovens desenvolvem práticas que certamente contribuem não só com o presente da pastoral, mas também na sua vida pessoal. Independente do montante que é administrado a experiência por si mesma revela-se como muito significativa para os jovens.

Um dos jovens lembra que um aprendizado feito por ele e que outros também têm oportunidade de desenvolver, sobretudo, na pastoral é o de desenvolver a liderança:

O que eu considero de capacitação técnica é a questão da liderança, de observar o processo que está acontecendo, que tipo de líder que está ali. Tu já não é “alguém que está

sendo levado”, tu já percebe o que está acontecendo. Tu saber que líder é, isso a gente estudava nos cursos de liderança, onde o processo vai se dando, tu vai concordando e vai discordando também. (Marcelo, jovem egresso, 27 anos)

Tal ponderação remete a refletir que a questão da liderança supõe observar, dar-se conta do que acontece e ter posicionamentos diante de um grupo. Segundo o relato, para fomentar o exercício da liderança não basta a prática no grupo de jovens, mas a organização de cursos de aprofundamento deste aprendizado, que é de fundamental importância para a identidade da pastoral, visto que entre os seus objetivos um deles é explicitamente a formação de líderes (PJE, 2001, p. 3).

Outro aprendizado mencionado refere-se à prática da leitura. Ao incluí-lo em sua fala, um dos jovens relata como isso aconteceu com ele:

A leitura foi uma coisa que o grupo me influenciou bastante, a leitura me fascina hoje, coisas que na leitura eu aprendi, por exemplo, essa coisa que o ser humano não é um ser único, que é independente, mas que a gente foi criado pra conviver, pra se ajudar, pra viver em harmonia, em fraternidade, em comunidade e com a dinâmica do grupo eu fui vendo que as coisas que me eram dadas ou eram impostas, ditadas, não era o que eu tinha que seguir, não era o que necessariamente eu tinha que vivenciar. (Everton, jovem coordenador, 17 anos)

A descoberta da leitura realizada por este jovem revela como um mesmo aprendizado pode ter significados diferentes. Neste caso, parece evidente que a leitura que ele “descobriu” no grupo de jovens é diferente das práticas de leitura na escola, realizadas anteriormente ou simultaneamente à prática na PJE. Não é um novo aprendizado, mas sim um aprendizado ressignificado através de uma nova compreensão deste aspecto para a sua vida. Por isso, no seu dizer, a leitura tornou-se fascinante e lhe permitiu perceber como as coisas lhe eram dadas ou impostas sem uma maior consciência crítica.

O conjunto de temas referidos nestes saberes práticos evidencia uma diversidade de aprendizados que são realizados nos grupos de jovens da PJE. Duas características parecem estar presentes nos aprendizados referidos. A primeira é o envolvimento dos jovens na construção dos mesmos, ou seja, os jovens são sujeitos ativos na realização das experiências e conseqüentemente na apropriação dos saberes. A segunda é que os aprendizados não correspondem a uma construção teórica que é explicada e assimilada, mas acontecem através de experiências práticas, onde os jovens aprendem fazendo.

O segundo bloco de referências no eixo dos saberes é o dos dispositivos relacionais (Charlot, 2000). Estes se referem ao saber lidar consigo mesmo a partir da relação com o outro. A partir da interação e da convivência estabelecida no grupo, são criadas situações onde os jovens estabelecem formas de se relacionar que levam em conta a presença dos demais integrantes. Eles se dão conta de que não estão sozinhos e de que nas experiências em grupo aprendem dispositivos relacionais tais como a responsabilidade, o respeito, a tolerância, a paciência, o perdão.

Relativamente ao conjunto de aprendizados relacionais, o primeiro aspecto que se evidencia é que a forma de apropriação dos mesmos acontece na interação. Os jovens destacam que o aprendizado acontece de forma mútua, onde cada integrante aprende com o outro na dinâmica do grupo. Uma das jovens assim explicita:

Quando alguém ensina algo no grupo eu também tenho algo pra dizer, a partir da experiência que eu fiz. Acho que na pastoral a gente vive isso dessa maneira, mais vivencial e ressignificando; eu converso muito sobre o que eu faço. É diferente de chegar, sentar e ouvir o que os outros me dizem e o que os outros fizeram e por isso eu vou ter que respeitar. (Sabrina, jovem egressa, 25 anos)

Mais do que um aprendizado, tal apontamento destaca que o próprio aprender é relacional. Nesta situação não é o professor ou um jovem com mais experiência que repassa o conhecimento, mas os próprios jovens constroem e ressignificam as informações que são trabalhadas no grupo. Esta prática propõe um modo de aprender que se diferencia de outros espaços educativos, notadamente o da sala de aula, nas escolas.

Outro aprendizado que é explicitado diversas vezes pelos jovens está relacionado ao exercício do respeito ao outro e às diferenças no processo do grupo. Respeita-se a individualidade e a autonomia de cada membro, ao mesmo tempo em que são estabelecidos limites que levam em conta a presença e a opinião de todos. Algumas das falas assim expressam

No grupo de jovens eu aprendi a respeitar as pessoas, aprendi a fazer mais coisas em grupo, não ser só mais individual e aprendi a me preocupar mais com o próximo. (Nilson, jovem iniciante, 15 anos)

Aprendi a respeitar opiniões diferentes, porque antes de entrar no grupo eu pensei que pessoas diferentes não podiam ter as mesmas idéias, não podiam compartilhar de projetos juntas. E junto com o grupo eu vi que as pessoas podem ter opiniões diferentes, podem ter gostos totalmente diferentes, podem acreditar muito em tal sonho ou não acreditar naquele sonho que tu crê, mas se tu te unir, tiver a boa vontade, o comprometimento, tu consegue chegar em algum lugar, tu consegue realizar o teu ideal, mesmo com pessoas de opiniões diferentes, com um pensamento assim. (Juliana, jovem iniciante, 17 anos)

Os jovens destacam que, apesar da diversidade que transparece nas relações dentro do grupo, existem elementos que os congregam a terem sonhos e projetos em comum. Mesmo com características, opiniões e gostos diferentes, eles acreditam que é possível unir-se em torno de um ideal a ser realizado. Melucci (2001, p. 95) destaca que “os movimentos contemporâneos são compostos de unidades diversificadas e autônomas, que dedicam à sua solidariedade interna uma parte importante dos seus recursos”. Nesta perspectiva, aprender a conviver diante da diferença e a respeitar opiniões e posições diversas se torna tão importante para a convivência em grupo e a ele dedicam-se encontros, reflexões e práticas. (ver ilustração 16).



Ilustração 16 – Representação da jovem Juliana sobre o respeito às diferenças

Falando do mesmo aspecto, um dos jovens participantes da pesquisa referiu três aprendizados que considera fundamentais na sua relação com os demais integrantes do grupo, a saber:

Eu aprendi no meu grupo a ter responsabilidade, respeito e comprometimento. Responsabilidade: é ter ciência daquilo que tu ta fazendo. Tu tem que estar lá, de tarde com o teu grupo, tem o grupo que está te esperando. Acho que isso que eu aprendi, a ter responsabilidade. O respeito: eu acho que eu aprendi a ter respeito com o próximo. E o comprometimento: eu acho que tu tem que ter comprometimento com os ideais do teu grupo. Teu grupo tem uma missão e eu acho que tu tem que ter um comprometimento com o teu grupo. (Wilson, jovem iniciante, 17 anos)

Os três aprendizados apontados pelo jovem podem indicar um enfoque apenas, que é o do nível de comprometimento dele com o grupo. Aprendeu que necessita se sentir responsável e comprometido com aquilo que o grupo se propõe. A partir da condição própria de estar sendo jovem, este é um aprendizado significativo, visto que, em determinadas ocasiões, uma das características atribuídas ao jovem é justamente o contrário, o de irresponsável e não-comprometido.

Ao destacar o respeito, de modo especial a atitude de “escuta da opinião dos outros”, uma das jovens afirma:

No grupo, aprendi o respeito. Eu acho que a gente tem que saber respeitar a opinião de todo mundo, os que pensam igual ou não. Aprendi escutar a opinião dos outros, ter sonhos e lutar por eles e ter responsabilidade. (Deise, jovem iniciante, 14 anos)

Se considerarmos, de modo especial, as relações intergeracionais perceberemos quão conflitantes são os impasses gerados pelo fato de não saber ouvir o outro e compreendê-lo na sua situação. Tal evidência demonstra a necessidade de trabalhar a capacidade de saber ouvir a opinião do outro e saber respeitá-la. Os jovens demonstram através das falas como o relacionamento interpessoal realizado no grupo enfatiza o trabalho desses aprendizados.

Outro tema abordado neste eixo de aprendizados refere-se à humildade e ao perdão. Os jovens destacam que na dinâmica vivida pelo grupo acontecem conflitos que geram mal-estar e rompimento das relações. Ao mesmo tempo, são desafiados a romper com as posturas de afastamento e são impelidos a irem ao encontro das pessoas com as quais tiveram problemas. Isso está explicitado nas falas das jovens a seguir:

No grupo eu descobri que a gente pode errar, mas chegar e pedir desculpa não é uma coisa ruim. É uma coisa que faz bem pra ti como pra a outra pessoa, porque assim, discutir por

besteira acontece, mas também pedir desculpa é bem melhor. (Ketlen, jovem iniciante, 15 anos)

Eu tava meio brigada com uma colega e no grupo eu aprendi a perdoar, aprendi a perdoar essa pessoa e agora a gente é amiga de novo. (Janaína, jovem iniciante, 15 anos)

As situações apresentadas sugerem que nos grupos da PJE, de modo semelhante a outros tipos de grupo, uma das situações recorrentes é a dos problemas de relacionamento entre as pessoas. Tais dificuldades requerem uma predisposição dos sujeitos envolvidos em reverem suas posições, tendo humildade para reconhecer os erros e restabelecer as relações rompidas. Esta prática pode contribuir para que os jovens se beneficiem deste aprendizado utilizando-o em outras relações, como na família, na escola, no mundo do trabalho e com outros amigos.

O conjunto de temas ligados aos dispositivos relacionais demonstra o quanto a experiência do grupo de jovens pode contribuir na apropriação dos mesmos para os jovens que participam da PJE. São destacados aprendizados que contribuem para que os jovens se compreendam a si mesmos a partir do seu relacionamento com os demais participantes da pastoral.

A partir do eixo do saber é possível perceber também a diferenciada gama de aprendizados que são efetivados nos grupos da PJE, tanto no aspecto dos conhecimentos práticos como também nas formas relacionais. Tais aprendizados são possíveis pela proposta de educação não-formal que é desenvolvida na PJE e que se caracteriza por abordar outros aspectos do saber e do conhecimento.

Ao falar sobre a necessidade de uma “reformulação urgente no sistema educacional”, a autora Dina KrausKopf (2005) enfatiza que outros saberes devem ser valorizados pelas instituições educativas:

É necessário permitir a conquista das competências básicas, os saberes instrumentais e a criatividade. Cabe destacar, entre os aspectos formativos, o desenvolvimento da capacidade de busca permanente de aprendizagem e de saberes; a promoção dos aspectos inovadores, tais como a capacidade de propor e relacionar-se com o mundo em uma nova coexistência e propostas em relação à diversidade. (p. 163)

Tais apontamentos mostram-se em consonância com os objetivos que a PJE se propõe a desenvolver no processo formativo dos seus integrantes. Neste sentido

a PJE, revela-se como uma alternativa para ampliar os conceitos e saberes que são trabalhados com os estudantes no âmbito escolar.

De um lado, os grupos da pastoral procuram solidificar experiências educativas que enfatizem conhecimentos práticos, possibilitando a capacitação técnica de seus membros. Quando os jovens relatam que no grupo eles aprendem a tocar violão, a organizar eventos, a escrever melhor, a se expressar diante do público, a elaborar projetos financeiros, etc., eles evidenciam que estes saberes lhes conferem condições de melhor enfrentar o presente e também o futuro, tanto no aspecto pessoal, como no aspecto profissional.

Ao falar da dimensão profissional, Krauskopf (ibid) enfatiza que

É importante proporcionar uma formação com perspectivas de trabalho e produtividade. Em vez de se acreditar que a formação leva unidirecionalmente a profissões ou empregos que o mercado de trabalho atualmente não oferece, as competências e alternativas devem ser de maior riqueza e flexibilidade. (p. 163)

Tal afirmação destaca que não basta às instituições educativas prepararem o jovem para atuar numa determinada área técnica. Mais importante que isso é ter uma formação que forneça perspectivas de trabalho e produtividade laboral. Aliado a este aspecto, complementa-se com os saberes práticos que foram destacados pelos jovens na pesquisa, ou seja, o aprendizado de tais saberes pode lhes proporcionar possibilidades que eles não teriam somente participando das aulas em suas escolas.

Por outro lado, ao destacar os dispositivos relacionais que aprendem no grupo, os jovens explicitam que têm condições de aproveitarem tais aprendizados para melhor viverem suas relações. Se souberem cultivar aspectos como o do respeito, da tolerância, de saber perdoar, de ser humildes, etc, poderão saber como lidar melhor com os conflitos, problemas de relacionamento, diversidade de opiniões, diferentes formas de ver a realidade.

Charlot (2000) destaca que

Analisar a relação com o saber é estudar o sujeito confrontado à obrigação de aprender, em um mundo que ele partilha com outros: a relação com o saber é relação com o mundo, relação consigo mesmo, relação com os outros. Analisar a relação com o saber é analisar uma relação simbólica, ativa e temporal. Esta análise concerne à relação com o saber que um sujeito singular inscreve num espaço social. (p. 79)

Seus apontamentos destacam que a relação com o saber não acontece de forma individualizada entre o sujeito que aprende e os saberes a serem apropriados. Ela se estabelece a partir das relações com o mundo, consigo mesmo e com os outros. A perspectiva de Charlot contribui para compreender que os jovens participantes dos grupos da PJE incorporam em si aprendizados que foram mediatizados por estas relações que são vividas na pastoral.

Ao realizarem a experiência no grupo, os jovens têm a possibilidade inscrever-se naquele espaço, estabelecendo relações que possam contribuir na aquisição de aprendizados decorrentes do conjunto de propostas e atividades que a pastoral desenvolve.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste processo de investigação e produção sinto-me como se estivesse no início de uma desafiadora jornada e não no seu final. Compreender os diversos fenômenos pelos quais passam as juventudes contemporâneas requer disposição para uma imersão em profundidade num cenário variado, multifacetado e, ao mesmo tempo, rico e repleto de significados.

A metáfora do caleidoscópio (Novaes, 2006, p. 105) pode contribuir para perceber a diversidade de contextos, trajetórias e experiências que são vivenciadas pelos jovens. É considerado lugar-comum que o conceito de juventudes é construído histórica e culturalmente. Contudo, questões como “o que é ser jovem?”, “quem e até quando pode ser considerado jovem?” são passíveis de discordâncias dependendo das culturas e espaços sociais em que os sujeitos estão situados.

Tais considerações remetem a conceber que toda e qualquer definição deve estar circunscrita a um determinado recorte que, necessariamente, deverá ser feito a respeito dos jovens que se quer abordar.

Este estudo buscou compreender quais são os aprendizados vivenciados por jovens estudantes que participam da Pastoral da Juventude Estudantil – PJE – e que significados atribuem aos mesmos. Os participantes revelaram que a experiência realizada nos grupos de jovens marcou significativamente o momento de construção autobiográfico quando da sua participação, presente ou passada, na PJE.

Os jovens ressaltaram os diversos aprendizados que são resultantes de suas vivências na PJE. A partir dos seus apontamentos foram organizados três eixos, em torno dos quais se agruparam diversos temas condizentes com os mesmos.

O primeiro eixo foi denominado como socialização, onde foram explicitados aprendizados relacionados aos seguintes temas: conhecimento e relacionamento com outros jovens, expressão de opiniões e sentimentos diante do grupo, saber dividir e partilhar, formar uma comunidade, uma espécie de “família b”, a união e a força que se têm em grupo, aspectos da afetividade e sexualidade, a amizade e superação de preconceitos.

No segundo eixo, o da subjetividade, foram destacados aprendizados relativos à construção das identidades, mudanças de si, modos de ser, valores, superação da timidez, saber expressar-se, identidade estudantil e latino-americana, opinião própria, criticidade, autonomia, equilíbrio pessoal, protagonismo, politização, projeto de vida e espiritualidade.

Por fim, no terceiro eixo, do saber, os aprendizados foram subdivididos em dois conjuntos: os saberes práticos e os saberes relacionais. Quanto aos saberes práticos primeiro, foram apontados os seguintes aprendizados: tocar violão, organizar eventos, secretariar, escrever correspondências, preparar um curso, a expressão oral, fazer relatórios, elaborar projetos financeiros, organizar viagens, aprender a coordenar, usar diferentes linguagens e as práticas de leitura. Em relação aos saberes relacionais, descaram-se: aprender a respeitar opiniões diferentes, preocupar-se com os outros, ter responsabilidade com o grupo, ter compromisso, escutar os demais e saber perdoar.

Na análise empreendida, em determinados momentos surgiram dificuldades para manter a divisão dos eixos proposta, visto que os temas estão intimamente interligados e, na prática, os mesmos não se separam. Eles são vivenciados simultaneamente, de acordo com o envolvimento que estabelecem no grupo em que fazem parte.

Outra constatação refere-se ao fato de que nem todos os jovens participantes destacam os mesmos aprendizados. Entre os jovens os aprendizados diferem, e mesmo naqueles em que há concordância ou aproximação, os significados que atribuem não são necessariamente os mesmos. Tal evidência revela que as apropriações realizadas pelos jovens no grupo não são lineares e dependem de diferentes fatores que as constituem, tais como as suas experiências anteriores, a sua participação simultânea em outros coletivos e os significados que atribuem aos temas trabalhados no grupo, ou ainda, as necessidades emocionais ou comunicativas individuais

Outro aspecto a considerar refere-se ao papel do pesquisador durante a pesquisa. Para refletir sobre tal aspecto reporto-me a Boaventura de Sousa Santos, quando o autor afirma:

Estamos numa fase de transição. Duidamos suficientemente do passado para imaginarmos o futuro, mas vivemos demasiadamente o presente para podermos realizar nele o futuro. Estamos divididos, fragmentados. Sabemo-

nos a caminho, mas não exatamente onde estamos na jornada. A condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas. Afinal, se todo conhecimento é autoconhecimento, também todo o desconhecimento é autodesconhecimento. (2006, p. 92)

Santos sublinha que vivemos um momento de transição e que a condição epistemológica repercute na condição existencial dos pesquisadores. Enfatiza que estamos diretamente implicados com os objetos de estudos que construímos. Daí surge a afirmação de que todo conhecimento que construímos nas ciências também é, de algum modo, um autoconhecimento. Da mesma forma, tudo aquilo que desconhecemos em relação às ciências, também deixamos de conhecer a respeito de nós mesmos.

Durante o processo investigativo empreendido neste estudo, em diversos momentos senti-me questionado nas minhas seguranças teóricas e metodológicas. Entendo que foram necessárias diversas desconstruções relativas à epistemologia e ao modo de situar o conhecimento. Percebo que trazia comigo algumas características peculiares de afirmação da verdade, diria até de postura militante e que foi preciso desacomodar para situá-las desde uma perspectiva mais aberta e desassossegadora.

De modo especial, refiro-me à temática das juventudes, em relação a qual foi imperativo rever diversos posicionamentos, tais como não limitar o conceito de juventude ao critério da idade, as novas formas de constituição de si pelas quais os jovens se aventuram, os diferentes pertencimentos que vivenciam no cotidiano e os múltiplos significados que os jovens atribuem às práticas que vivenciam juntos.

No processo de escrita da dissertação também senti-me desafiado a escrever e reescrever diversas questões, num exercício que constituiu-se como muito positivo para o aprendizado pessoal. Considero que tais elementos contribuíram para o desenvolvimento intelectual e possibilitaram avançar na compreensão dos processos investigativos, de análise e de sistematização.

Outro aspecto que, desde o início, era uma das preocupações, diz respeito ao papel de pesquisador junto ao coletivo da pastoral, da qual faço parte e onde trabalho há vários anos. Creio que a abertura para buscar compreender elementos não vislumbrados no meu envolvimento ordinário contribuíram para que eu estivesse próximo, mas ao mesmo tempo me distanciasse, quando necessário, para pensar e “estranhar” a pesquisa e a análise. Além disso, a metodologia dos grupos de

discussão, organizada a partir de um roteiro de conversação aberto e não direcionado contribuiu de forma decisiva para os achados da pesquisa. Favoreceu que os jovens manifestassem suas opiniões e aprendizados a partir de seus próprios processos de reflexão a respeito, manifestando-os de viva voz, tomando direções inusitadas e não se limitando a responder um conjunto de questões.

A premência de tempo disponível para aprofundar melhor a discussão acerca do material coletado como corpus empírico da pesquisa, ampliando o diálogo com os autores que discutem a temática das juventudes, efetivamente limitou a análise desenvolvida e os vãos que foi possível alçar.

Contudo, persiste o desafio a continuar desenvolvendo pesquisas articuladas com referenciais teóricos, objetivando ampliar a discussão relativa à realidade das juventudes.

Finalmente, no que concerne à experiência a um só tempo formadora e socializadora da PJE, é indiscutível sua relevância entre os jovens. Trata-se de um espaço não apenas de exercício de uma mística religiosa e uma prática institucional da Igreja, mas sobretudo de vivências repletas de possibilidades de acolhida e escuta, identificação e pertencimentos, exercícios da autonomia e comprometimento, enfim, do vislumbre de projetos de vida presentes e futuros. Como afirma emblematicamente uma jovem da PJE:

Acho assim, é exagerado, mas pra mim não é. Se eu penso a minha vida, ela não teria nada a ver do que eu sou hoje, se eu não tivesse participado da pastoral. Parece que é exagero dizer que a pastoral mudou a minha vida, porque quando a gente usa esta expressão parece que é exagerado, mas não é, pra mim não é. Se eu não tivesse passado por esses passos especificamente, com certeza, eu não seria a pessoa que eu sou hoje, mesmo que fosse de um movimento social, eu seria talvez uma pessoa mais crítica, mas eu não seria a pessoa que eu sou hoje. O que eu acho que influenciou? Primeiro a escolha da minha profissão, com certeza tem muito a ver com este processo. Escolher ser educadora de crianças, de jovens, com certeza tem a ver com este meu conhecimento sobre o mundo, que eu quero fazer a diferença, que eu quero contribuir com o humano e que eu não quero ser uma química, já que eu fiz química, mas eu não me satisfazia com aquilo, não era humano o suficiente, não era crítico o suficiente, pois eu queria contribuir na formação das pessoas, fazer algo diferente. E muito do que eu estava pensando tem a ver com a questão da sensibilidade. A pastoral fez com que eu tivesse outra sensibilidade com as coisas, que eu tivesse outra forma de entender e de trabalhar com a minha afetividade. Então acho que dois elementos super importantes na pastoral são a sensibilidade e a afetividade, que fazem com que a gente veja, entende e seja diferente por causa disso. E também toda a questão dos posicionamentos, que influencia, porque se hoje eu sou uma pessoa com posicionamento é por ter participado do processo pastoral. Com certeza se eu não tivesse passado, eu não teria os posicionamentos e opiniões que eu tenho hoje. (Milena, jovem egressa, 24 anos)

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia. **Noites nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BORAN, Jorge. **O futuro tem nome: juventude**: sugestões práticas para trabalhar com jovens. São Paulo: Paulinas, 1994.

BRANDÃO, Elaine Reis. Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2006, p. 79-91.

CALLEJO, Javier. **El grupo de discusión**: introducción a una práctica de investigación. Barcelona: Ariel, 2001.

CAPEL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Brasília. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>, 2006.

CARLINI-MARLATT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: ABRAMO, Helena Wendel, BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. Instituto da Cidadania e a Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 303-321

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Juventudes: as identidades são múltiplas**. Movimento (Niterói), Faculdade de Educação da UFF, v. n. 1, p. 11-27, 2000.

CARVALHO, Marie Jane Soares; PORTO, Leonardo Sartori. **Portfólio Educacional**: proposta alternativa de avaliação – Guia didático. Porto alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Casa da Juventude. Disponível em http://www.casadajuventude.org.br/images/stories/motivos_final.jpg

CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano. Seção Juventude – SEJ. **Civilização do Amor: tarefa e esperança**. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. São Paulo: Paulinas, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008. 14 ed.

CHARLOT, Bernard (Org.). **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Da relação com o saber: Elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil**. Cadernos de estudo da CNBB – nº 76. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais**. Brasília, Edições CNBB, 2007. n.3.

Congresso em foco. Disponível em <http://congressoemfoco.ig.com.br/Noticia.aspx?id=16377>.

Correio do Povo, 17 de novembro de 2006.

_____, 06 de março de 2007.

DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na História**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **O caminho se faz: História da Pastoral da Juventude no Brasil**. Porto Alegre: Evangraf, 1999.

_____. **O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil**. Porto Alegre, Instituto de Pastoral da Juventude, 2006.

EIZIRIK, Marisa Faermann. Ética e cuidado de si: movimentos da subjetividade. In: **Educação, subjetividade e poder**. V.4, (mar-dez 1997). Porto Alegre: Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRGS; Editora UNIJUÍ, 1997. p. 36 – 43.

ERRANTE, Antoinette. **Mas afinal, a memória é de quem?** Histórias orais e modos de lembrar e contar. *Revista da Educação*, Pelotas/RS, UFPel, n. 8, p. 141-174. 2000.

FEIXA PÀMPOLS, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**. 3ª ed. Barcelona: Ariel, 2006.

_____. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto et all. **Jovens na América Latina**. São Paulo, Escrituras Editora, 2004, p. 257.

FISCHER, Nilton B.; SPÓSITO, Marília P. Apresentação. In: MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREITAS, Marcos Cezar de. **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

GREEN, Bill; BIGUN, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 208-243.

HAMMES, Lúcio J. Tese: **Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2005.

HOUAISS, Instituto Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 35-86.

_____. Notas sobre Narrativa e Identidade. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.) **A Aventura (Auto) Biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LEPARGNEUR, Hubert. **Teologia da libertação: uma avaliação**. São Paulo: Convívio, 1979.

LIBÂNIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Teologia da libertação: roteiro didático para um estudo**. São Paulo: Loyola, 1987.

MARIANI, Édio J. **Dissertação: Grupos de Jovens na Escola: um estudo da Pastoral da Juventude Estudantil**. Universidade Estadual Paulista, 1998.

MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global**. Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

_____. **A Invenção do Presente: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2006, p. 105-120.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. **Sobrevivendo no inferno: violência juvenil na contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PERONDI, Maurício. **Memorial descritivo**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2005.

PJE – Pastoral da Juventude Estudantil. Marco Referencial da PJE. **Quem somos? A que viemos?** Porto Alegre, 1995.

_____. Marco Referencial da PJE. **Nossa vida, nossos sonhos**. Porto Alegre, 2005.

_____. **Subsídio da Semana do Estudante**, 2005, p. 04

_____. **Cartilha da PJE**, 2002.

_____. **Como iniciar grupos de jovens nas escolas: uma proposta da PJE**. 2004

_____. **Relatório do 8º Seminário Nacional de Militantes da PJE**. Porto Alegre, 2006, p. 37.

Revista Isto É. nº 1965, p. 54.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2006.

SPÓSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPÓSITO, Marília Pontes (Coord). **Juventude e Escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002, p. 07-33.

SARMENTO, Manuel J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília P.; VILELA, Rita A. T. (orgs). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TEIXEIRA, Carmem Lúcia (org.). **Passos na travessia da fé: metodologia e mística na formação integral da juventude**. São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação da Juventude, 2005.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/dsocial/areastematicas/juventude/index_html/mostra_documento

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Relatório de desenvolvimento juvenil 2003**. Brasília: UNESCO, 2004.

WELLER, Lílian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

ZAGO, Nadir. A entrevista e o seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZANETI, Hermes. **Juventude e revolução:** uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil. Brasília: EDNUB, 2001.

ANEXOS

Anexo 1 – Carta para os assessores dos jovens participantes da pesquisa com os portfólios

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Porto Alegre, 10 de novembro de 2006.

Estimado/a assessor/a da PJE!

Sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faço parte da linha de pesquisa “Educação, culturas, memórias, ações coletivas e Estado”, tendo como orientadora a Prof. Dra. Maria Stephanou.

O projeto de pesquisa que estou desenvolvendo aborda a vivência de estudantes nos grupos de jovens da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE). A pesquisa visa investigar como os estudantes percebem e narram suas experiências nos grupos em que participam. Para tanto, busco privilegiar as falas e as reflexões dos próprios jovens. Para isso, dispus-me a colher informações, relatos, materiais, depoimentos dos jovens a fim de compreender como se vêem na experiência da PJE de que forma relatam as suas vivências.

Para a realização da pesquisa organizei para cada jovem uma pasta onde ele poderá registrar as experiências, idéias, sentimentos que a sua participação na PJE oportunizam. Os registros serão colhidos no tempo previsto de cinco meses, de novembro de 2006 a maio de 2007.

Em vista disso, encareço seu apoio no sentido de sugerir-me, através de indicação, possíveis jovens interessados na pesquisa e que sejam de sua escola ou de seu grupo.

Os sujeitos e depoimentos da pesquisa serão mantidos sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho que venha a ser publicado.

A participação na pesquisa não oferece risco ou prejuízo ao jovem participante. Se, no decorrer da pesquisa, um jovem decidir não mais continuar ou cancelar o uso das informações prestadas até então, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência.

Aguardo sua indicação através de um dos seguintes contatos: Fones: (51) 3475-6469; (51) 9976-2507. E-mail: mauperondi@yahoo.com.br.

Fico à disposição para esclarecer qualquer dúvida ou necessidade de informações ao participante e/ou aos seus responsáveis, durante ou após o período da pesquisa.

Desde já agradeço a sua colaboração e disponibilidade.

Atenciosamente,
Maurício Perondi

Anexo 2 – Convite para os jovens da pesquisa com os portfólios

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CONVITE

Porto Alegre, 10 de novembro de 2006.

Estimado/a Jovem!

Sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a participação de jovens estudantes nos grupos da PJE.

Por isso, gostaria de lhe convidar para fazer parte desta pesquisa. Meu objetivo é escutar os próprios jovens que participam: o que fazem, desde quando participam, como começaram a participar, como se sentem, o significado dessa participação em suas vidas.

Para poder desenvolver esse estudo pretendo entregar-lhe uma pasta para que você possa registrar sua experiência, na forma que escolher, elaborando uma espécie de diário. Neste, você poderá escrever suas experiências, atividades, reflexões, etc, anexar fotos e mensagens que recebe, fixar panfletos sobre o grupo ou sobre a pastoral, e outros materiais de acordo com interesse criatividade de cada um. O importante será o registro.

A tua participação será muito importante para a minha pesquisa e contribuirá para aprofundar ainda mais o estudo sobre a PJE.

Para facilitar a nossa comunicação sugiro os seguintes passos:

1. Inicialmente, uma conversa para explicar a proposta da pesquisa. Nesta mesma oportunidade será entregue o material para o registro.
2. Depois de um determinado tempo irei solicitar que você me envie o seu fichário para que eu possa vê-lo e sugerir algumas idéias. Sempre farei os contatos para o envio e a devolução do fichário diretamente com o/a assessor/a da PJE do seu colégio.
3. Abaixo seguem os meus contatos. Sempre que tiver alguma dúvida, estarei disponível para qualquer esclarecimento.
- Fone: (51) 3475-6469 – (51) 9976-2507
- E-mail: mauperondi@yahoo.com.br

Desde já agradeço muito a tua disponibilidade e a tua participação.
Um grande abraço,
Maurício Perondi

Anexo 3 – Termo de consentimento informado dos jovens da pesquisa com os portfólios

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Na condição de Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, integro a linha de pesquisa “Educação, culturas, memórias, ações coletivas e Estado”, tendo como orientadora a Prof. Dra. Maria Stephanou.

O projeto de pesquisa que estou desenvolvendo aborda a vivência de estudantes nos grupos de jovens da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE). A pesquisa visa investigar como os estudantes percebem e narram suas experiências nos grupos em que participam. Para tanto, busco privilegiar as falas e as reflexões dos próprios jovens. Para isso, dispus-me a colher informações, relatos, materiais, depoimentos dos jovens a fim de compreender como se vêem na experiência da PJE de que forma relatam as suas vivências.

Para a realização da pesquisa organizei para cada jovem uma pasta onde ele poderá registrar as experiências, idéias, sentimentos que a sua participação na PJE oportunizam. Os registros serão colhidos no tempo previsto de cinco meses, de novembro de 2006 a maio de 2007.

Os dados e resultados da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho que venha a ser publicado.

A participação na pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se, no decorrer da pesquisa, um jovem decidir não mais continuar ou cancelar o uso das informações restadas, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência.

Comprometo-me em esclarecer qualquer dúvida ou necessidade de informações ao participante e/ou aos seus responsáveis, durante ou após o período da pesquisa, através dos seguintes contatos: Fone: (51) 3475-6469; (51) 9976-2507. E-mail: mauperondi@yahoo.com.br

Atenciosamente,
Maurício Perondi

***** AUTORIZAÇÃO *****

Eu _____, portador do documento nº _____, declaro para os devidos fins que autorizo o/a jovem _____ a participar da pesquisa sobre a sua participação na Pastoral da Juventude Estudantil, e cedo os direitos de seus depoimentos para que sejam analisados pelo pesquisador, bem como sejam utilizados, anonimamente em sua dissertação de mestrado.

Fui informado/a das finalidades, objetivos e metodologia da pesquisa. Além disso, sei que terei a liberdade de retirar meu consentimento de participação a qualquer momento. Estou ciente de que as informações colhidas terão caráter confidencial e só serão utilizados depoimentos do participantes, sem sua identificação.

_____ de novembro de 2006.

Assinatura do/a responsável adulto/a

Assinatura do Pesquisador

Anexo 4 – Orientações para a confecção dos portfólios

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ORIENTAÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DOS REGISTROS

Estimado/a Jovem!

Você espontaneamente começará a organizar/montar a pasta. Você pode se perguntar: “O que preciso fazer? Como começar?”. Por isso, aponto algumas sugestões:

- A idéia é que o material fique “com a tua cara”, ou seja, você pode pintar, encapar, colocar adesivo..., tudo aquilo que tem a ver com o teu grupo e com o teu jeito de “ser jovem”;
- Sempre que você for fazer um registro por escrito, peço que coloque a data no início. Isso será importante para a minha organização depois.
- Você pode fazer registros sempre que achar que tem algo interessante para destacar: alguma coisa que aprendeu no encontro do grupo de jovens, um sentimento que lhe ocorreu num dos encontros, que atividades você faz no grupo, quem são os teus melhores amigos do grupo, sobre o que vocês conversam.
- OBS: Como você vai perceber, a pasta tem um estilo de fichário, por isso, se desejar acrescentar algo num dia em que já passou, você pode anexar outra folha na seqüência que quiser.
- Você também pode escrever sobre experiências que teve fora do grupo. Por exemplo, se o teu grupo participou de alguma atividade fora do colégio, pode relatar onde foi, o que aconteceu.
- Além de escrever, você pode anexar fotos que acha interessantes, podes incluir alguma mensagem que recebeu no grupo, algum folder de atividades que participou, etc.
- Outra coisa que é possível fazer: você pode solicitar que um amigo do seu grupo também escreva algo na pasta que possa ser interessante.

Anexo 5 – Roteiro utilizado no grupo de discussão dos Jovens Egressos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

GRUPO DE DISCUSSÃO Nº 01 – JOVENS EGRESSOS

1. Apresentação:

- Apresentação do pesquisador. Retomada dos objetivos da pesquisa e de como acontecerá o grupo de discussão?
- Apresentação individual dos participantes: nome, idade, escola em que participou da pastoral, nome do grupo de jovens, quanto tempo permaneceu na PJE, quais as funções que desempenhou da PJE.

2. Questões para orientar a discussão:

- Como foi o início de sua participação na pastoral (convite, motivação);
- Quais os principais aprendizados que você teve enquanto participou do grupo de jovens da PJE?
- Vários de vocês continuaram participando da pastoral, mesmo depois que o seu grupo de jovens não tinha mais encontros sistemáticos. O que motivou esta continuidade? Que aprendizados surgiram destas experiências?
- Que significado tem para sua vida a participação no grupo da PJE?
- Como seria se você não tivesse participado da pastoral? O que seria diferente na sua vida?

Anexo 6 – Aos jovens Coordenadores da PJE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CONVITE

Porto Alegre, 12 de abril de 2008.

Estimado/a Jovem!

Sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a participação de jovens estudantes nos grupos da PJE.

Por isso, gostaria de lhe convidar para fazer parte desta pesquisa. Meu objetivo é escutar os próprios jovens que participam: o que fazem, desde quando participam, como começaram a participar, como se sentem, quais os aprendizados que tiveram no grupo, qual o significado dessa participação em suas vidas.

Para poder desenvolver esse estudo pretendo realizar um momento de conversa com jovens que participam ou participaram da PJE. Neste encontro cada um será convidado a partilhar de modo espontâneo as suas experiências no grupo em que participa ou participou.

Este encontro será gravado com o objetivo de auxiliar posteriormente na sistematização e na fidelidade às idéias surgidas na conversa. As imagens não serão divulgadas e nem apresentadas em qualquer circunstância em que a pesquisa for divulgada.

A tua participação será muito importante para a minha pesquisa e contribuirá para aprofundar ainda mais o estudo sobre a PJE.

Abaixo seguem as informações detalhadas sobre o nosso encontro:

<p>Data: 11 de junho de 2008 Local: Secretaria Estadual da PJE – Rua Lageado, 1300 – Bairro Niterói – Canoas/RS Horário: 14:30</p>

Aguardo sua **confirmação até o dia 30 de maio**. A mesma pode ser feita através dos seguintes contatos:

- Fone: (51) 3476-8500 – (51) 9976-2507
- E-mail: mauperondi@yahoo.com.br

Se tiver alguma dúvida, estarei disponível para os esclarecimentos.

Desde já agradeço muito a tua disponibilidade e a tua participação.
Um grande abraço,
Maurício Perondi

Anexo 7 – Roteiro utilizado no grupo de discussão dos Jovens Coordenadores

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

GRUPO DE DISCUSSÃO Nº 02 – JOVENS COORDENADORES

1. Apresentação:

- Apresentação do pesquisador. Retomada dos objetivos da pesquisa e de como acontecerá o grupo de discussão?
- Dinâmica de apresentação:
 - > na mesa do centro do grupo de discussão estarão dispostas diversas imagens (obras de arte, mobilização política, grupos de jovens, escola, etc.). Os jovens deverão escolher uma imagem relacionando-a com o seu “ser jovem”;
 - > Depois de escolhida a imagem os participantes serão convidados a se apresentarem, dizendo o motivo pelo qual escolheram a imagem que tiverem em mãos. Além disso, serão convidados a partilharem os seguintes dados: nome, idade, escola, nome do grupo de jovens, há quanto tempo participa da PJE, qual a função que desempenha na coordenação da PJE.

2. Questões para orientar a discussão:

- Como foi o início de sua participação na pastoral (convite)?
- Quais os principais aprendizados que você teve a partir da tua participação na PJE?
- Que significado tem para sua vida a participação no grupo de jovens?
- O que mudou e o que você aprendeu ao participar da coordenação da PJE?
- Como seria a sua vida sem a pastoral?

Anexo 8 – Carta para os assessores adultos dos jovens iniciantes da PJE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Porto Alegre, 15 de maio de 2008.

Estimado Assessor/a!

Na condição de Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, integro a linha de pesquisa “Educação, culturas, memórias, ações coletivas e Estado”, tendo como orientadora a Prof. Dra. Maria Stephanou.

O projeto de pesquisa que estou desenvolvendo aborda a vivência de estudantes nos grupos de jovens da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE). A pesquisa visa investigar como os estudantes percebem e narram suas experiências nos grupos em que participam. Para tanto, busco privilegiar as falas e as reflexões dos próprios jovens.

Para isso, dispus-me a organizar um momento de conversa com jovens que participam ou participaram da PJE a fim de compreender como se vêem na experiência da PJE e de que forma relatam as suas vivências. Este momento terá a duração de duas horas aproximadamente, onde os jovens falarão de forma espontânea sobre o seu envolvimento nos grupos da PJE.

Este encontro acontecerá conforme as indicações abaixo:

Data: 12 de junho de 2008

Local: Secretaria Estadual da PJE – Rua Lageado, 1300 – Bairro Niterói – Canoas/RS

Horário: 14:30

Tendo em vista esta pesquisa preciso de sua ajuda na seleção de alguns jovens de sua escola para participar da pesquisa conforme as seguintes indicações:

- a) seleção de 02 jovens que participam de grupos na sua escola
 - os/as jovens deverão ter pelo menos um ano de participação e uma presença regular nos encontros do grupo;
 - deverá ser uma representatividade de gênero: 1 menino e 1 menina;
 - os/as jovens deverão ter no mínimo 14 anos;
- b) Ao selecionar o/a jovem peço que lhe entregue os seguintes documentos:
 1. Convite impresso (que segue em anexo);
 2. Ficha de dados a ser preenchida pelo/a participante;
 3. Termo de Consentimento Informado para os pais assinarem.
- c) Peço a tua disponibilidade para responsabilizar-se pela condução destes jovens até o local do encontro (para tal, comprometo-me a custear as despesas de transporte).

Abaixo seguem os meus contatos. Se tiver alguma dúvida, estarei disponível para os esclarecimentos.

- Fone: (51) 3476-8500 – (51) 9976-2507
- E-mail: mauperondi@yahoo.com.br

Desde já agradeço muito a tua disponibilidade e a tua participação.

Um grande abraço,
Maurício Perondi

Anexo 9 – Roteiro utilizado no grupo de discussão dos Jovens Iniciantes

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

GRUPO DE DISCUSSÃO Nº 03 – JOVENS INICIANTES

1. Apresentação:

- Apresentação do pesquisador. Retomada dos objetivos da pesquisa e de como acontecerá o grupo de discussão?
- Apresentação individual dos participantes: nome, idade, escola, nome do grupo de jovens, há quanto tempo participa da PJE.

2. Dinâmica:

- Os jovens serão convidados, individualmente, a elaborarem um painel (com desenhos, palavras, recortes, etc.) em folhas de ofício ou cartolina, expressando os aprendizados que tiveram ao participar do grupo da PJE.
- Após 10 min os jovens serão convidados a partilharem com o grupo aquilo que representaram no painel.

3. Questões para orientar a continuidade da discussão:

- Como foi o início de sua participação na pastoral (convite)?
- Como acontecem os encontros do teu grupo de jovens?
- Quais foram os principais aprendizados que tiveste no grupo de jovens?
- Que significado tem para sua vida a participação no grupo da PJE ?